

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE



Nº 30
1988 - 1989

VOL. XXVI

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Rua Itabrianinha, 41

ARACAJU — SERGIPE



TOBIAS BARRETO DE MENEZES

07-06-1839 - 26-06-1889

35-20107
REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Fundado em 1912, reconhecido como de utilidade pública pela Lei Estadual nº 694, de 9 de novembro de 1915, considerado de utilidade continental pela Resolução Nº 58 do Congresso Americano de Bibliografia e Histórico de Buenos Aires, em 1916, e reconhecido de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 14.074, de 19 de fevereiro de 1920.

Número especial comemorativo
do sesquicentenário de
nascimento e do centenário
de morte de

TOBIAS BARRETO DE MENEZES

(Publicado sob os auspícios da
Fundação Augusto Franco)

Nº 30
1989

— ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO

- * "Os sergipanos estudantes da Faculdade de Direito do Recife ao Eleitorado da sua Província".
- * "Um discurso em mangas de camisa", por Tobias Barreto.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Rua Itabaianinha, 41
49.000 – Aracaju-Sergipe
Fundado em 6 de agosto de 1912

Presidente Honorário – Exmo. Sr. Governador do Estado
Dr. Antonio Carlos Valadares

DIRETORIA PARA O BIÊNIO 1988-1990

Presidente:	Profª Maria Thétis Nunes
Vice-Presidente:	Engenheiro Fernando de Figueiredo Porto
Secretário Geral:	Prof. Luiz Fernando Ribeiro Soutelo
1º Secretário:	Profª. Maria da Glória S. de Almeida
2º Secretário:	Prof. Vilder Santos
1º Tesoureiro:	Prof. Gerson Vilas Boas
2º Tesoureiro:	Engenheiro Emmanuel Franco
Orador:	Jornalista Luiz Antonio Barreto

Coordenação da Revista: **Prof. Luiz Fernando R. Soutelo**

PESSOAL ADMINISTRATIVO

Profª. Benemerita de Barros Vilela
Sr. Gustavo Paulo Bonfim

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE associa-se às homenagens que estão sendo prestadas a TOBIAS BARRETO pela passagem, neste ano, do sesquicentenário do seu nascimento e do centenário de sua morte.

Este é o objetivo da publicação do número especial de sua Revista, contendo trabalhos de nomes destacados da intelectualidade brasileira e sergipana, abordando facetamentos variados da vida e atuação do grande sergipano.

Cumpre, assim, esta instituição um dos objetivos dos idealistas que a fundaram nos idos de 1912, que é a de preservar a memória dos conterrâneos que se impuseram pela inteligência, trabalho e atividades literárias, artísticas e científicas.

Só nos foi possível vencer as dificuldades enfrentadas para essa publicação graças à FUNDAÇÃO AUGUSTO FRANCO que a financiou. Aos seus dirigentes, registramos aqui nossos agradecimentos bem como a todo o apoio que nos vem dando.

Aracaju, setembro de 1989

Maria Thétis Nunes
PRESIDENTE

PAULO MERCADANTE
Do I.B.F. Rio de Janeiro

I ANTECEDENTES

Nos primeiros anos do Oitocentismo exibia Sergipe um quadro característico de crescimento. A lavoura do açúcar constituía a base da riqueza. Exportavam-se, ainda, cereais, gado e couro pelas quatro barras da capitania. S. Cristóvão, a capital, e sete vilas perfaziam cinquenta mil habitantes. Negros e pardos formavam a população. Quanto a índios, não alcançavam dois mil os que sobreviveram aos massacres seculares. (1)

Em 1822 separava-se da Bahia. É de então o estudo de D. Marcos de Souza sobre a província. (2) Tradicionalistas e conservadores, em sua maioria, os naturais. Opuseram-se aos rebeldes de 1917 e não viam com simpatia a Revolução do Porto que ecoara no País. Caracterizavam-se por um nacionalismo exaltado, que já se revelara na luta pela Independência. (3)

Tobias Barreto de Menezes nasceu no período da Regência, quando vivia a província uma escalada de arbitrariedade. As administrações distinguiam-se pelo desinteresse às reivindicações das classes produtoras. A política de campanário tudo avassalava, pois se tornara corriqueira a prática de crimes durante as eleições e comum a impunidade dos mandantes. Também, do ponto de vista financeiro, grave era o estado de coisas, pois o Governo tornara-se insolvente, pagando os seus funcionários com vales que, repassados aos comerciantes, provocavam especulações e agiotagem.

Durante a infância e puberdade de Tobias, entre 1839 e 1855, mantinham-se precárias as vias de comunicação no interior, não existindo estradas carroçáveis, ressentindo-se todos da falta de transporte. Providencial, por conseguinte, a economia de subsistência a que recorriam os moradores. Em 1855 decidiu-se a mudança da capital para Aracaju. A medida revelou-se uma calamidade, porém a produção prosseguia em crescimento, do mesmo modo que a população. (4)

As usinas de açúcar tinham provido a sociedade de uma elite com idéias autoritárias. Já a classe média, percebendo no serviço público e nas profissões liberais, meio de vida preferível, oscilava entre um liberalismo temeroso e um tradicionalismo feroz. Para um emprego, mister o apoio da aristocracia rural. Quanto ao segundo caso, as carreiras eclesiástica e docente, jurídica ou médica, eram difíceis, mas alcançáveis.

Singular ter ocorrido na pequena província um surto intelectual digno de registro. Urge, todavia, remontar a fatores pretéritos para a avaliação do quadro. O ponto de partida liga-se necessariamente ao começo da colonização, marcada pela catequese e pelo expressivo número de cristãos-novos oriundos da Metrópole e da Bahia. Quanto ao primeiro, já nas comitivas de Tomé de Sousa e de Duarte da Costa, participaram os inácianos. Jesuítas e beneditinos, do mesmo modo, imprimiam sempre à ação evangelizadora o sentido educativo dos sermões e o louvor ao saber. No que tange aos conversos, importante a contribuição deles, pois traziam não só o propósito de trabalho quanto o respeito pelo antepassados. Sinceros em seus fins e talvez infieis em seus meios, assinalavam-se pelo zelo que punham nas crenças novas, mas sem o repúdio ao passado transcendente. Desse sentimento não escapavam os marranos, vindos de Portugal e da Holanda. Todos imbuídos da ambição, da esperança e do respeito à cultura.

Desde o Século XVII uma particularidade põe-se no coração dos sergipanos por motivo das lutas contra os holandeses. Tratando-se de hereges, a fé católica comandava a resistência, daí emergindo a estirpe tradicionalista dos povoadores. Dir-se-ia a aliança do rústico com o religioso, inspirada no nacionalismo.

Posteriormente, no Setecentismo, não impõe a afluência africana aos seus elementos estetizantes, como sucedeu na Bahia, antes absorvendo os valores éticos de raízes lusitanas. De forma que também perseveram tendências antigas que se traduziam no liberalismo medido, de origem galega. Acrescia, por fim, o influxo do Iluminismo, que trazia um programa de valorização da ciência. Com o crescimento das vilas e povoações, o último fator introduziu-se nos projetos familiares.

A Independência deu alento a todos os ideais que, sufocados na alma social, aguardavam a oportunidade histórica de concretização.

As províncias, eufóricas pela conquista da soberania, sentiram as possibilidades de um desenvolvimento autóctone quando da instalação das escolas superiores de ensino.

A chamada "plebe fulgurante" apresentou-se, pois, no cursos do Século XIX, como legatária de um complexo processo cultural. Na aspiração a um filho doutor, a classe média, acompanhando a aristocracia rural, encaminhava-se a um patamar elevado, aceitando os padrões cristãos de existência e os fundamentos de um Iluminismo mitigado. Alinhavam-se, no projeto de vida, um humanismo de escolaridade e um propósito cientificista.

Quanto à ideologia, manifestava-se no ensino elementar religioso, nos hábitos austeros e na pregação católica. Desde o nascimento até a morte, a religião vela o indivíduo, recebendo este no batismo os nomes cristãos a que também se juntaram outros, de sabor judaico, como Daniel, Efraim, Enoc, Gamaliel. A Tobias não faltou a oportunidade de também ganhar o nome de personagem bíblico. (5)

II OS PENATES AGRESTES

Há no Nordeste a passagem das matas para a zona dos sertões. Define-se como parque ajardinado ou tufo vegetativos, cujo solo consiste em relvas com predominância de palmeiras pequenas e árvores truncadas, intercaladas de arbustos. Apesar de pedregosa ou arenosa, a terra também recebe um arvoredado ou riquezas vegetativas que se expande com a predominância de uma floração amarela. Em seu conjunto surge o agreste como uma **campagne** na forma concebida pelos europeus. E embora não seja muito apropriado à agricultura, pode ser utilizado para a pecuária. (6)

Nesse sítio, ao sul de Sergipe, nos limites com a Bahia, nasceu Tobias Barreto, na atual sede do município que, desde os meados do nosso século, recebeu o nome de seu filho ilustre. Conhecido anteriormente por Campos do Rio Real, uma vez que localizado na entrada de uma planície, tivera também a primitiva denominação de Rio Real de Cima, por estar às margens do rio, tornando-se, depois, Campos do Rio Real, para finalmente perder a referência e ficar conhecido apenas por Campos.

O nome devia-se à vasta planura, estendida para o Norte e para o Leste, que nos mapas antigos aparecia designada por região de grandes campos.

Nos meados do século passado, era um lugar de abandono intelectual, segundo depoimento de Silvio Romero. Nada de cultura científica ou literária. Pátria da modinha com os seus versos languens. (7) Tinha, porém, uma longa história, raízes

profundas na colonização, no próprio devassamento inicial. O fundador da vila teria sido Belchior Dias Moreira ou Belchior Dias Caramuru, por ser aparentado com a lendária personagem. Na confluência dos rios Jabiberi e Real, Belchior tivera os currais, tendo edificado, também no lugar, a capela da povoação primitiva. Participando da conquista de Sergipe, ele fora o primeiro povoador da região. (8)

Alguns séculos depois, Campos tornar-se-ia centro de exportação de couro e sola. Prosseguindo o desenvolvimento, em 1808 dobrava a população, constituída de mil brancos e quinhentos pretos e mulatos. Em 1835 foi elevado à categoria de Vila. (9)

III TRONCOS LUSITANOS

As terras férteis de Sergipe não fugiram à regra da liberalidade portuguesa, indispensável à colonização. Cartas de sesmarias concederam-se aos requerentes, a partir dos anos derradeiros do Século XVI. Participantes da expedição de Cristovão de Barros nunca se esqueciam de invocar a condição militar, realizada sem custo para o erário, a fim de assegurarem o natural benefício de tratos cobiçados. Assim fizeram muitos, cujas sobrenomes revelam lusos de boa cepa, bem como cristãos novos e marranos.

Três Barretos aparecem como peticionários, dando como fundamento o interesse de plantarem e criarem. Em 1602 Henrique Muniz Barreto, morador na Bahia, e Duarte Muniz Barreto, de Haia, pedem e obtêm terras, o primeiro ao longo do Rio Vasa Barris e o segundo nas cabeceiras para as bandas do Oeste e do Sertão. Outra súplica, firmada por Jorge Barreto, em abril do mesmo ano, também foi atendida. Nela o pretendente se diz morador na Bahia, reivindicando uma legua de terra na testada de propriedade de Duarte Muniz Barreto, recebendo, da mesma forma que o vizinho, metade do rogado. Os pedidos de Henrique e Duarte Muniz Barreto foram feitos e atendidos no mesmo dia, o que atesta relacionamento e quiza parentesco. O primeiro, doze anos antes, participara da expedição de Cristovão de Barros.

Dos Munizes Barretos referidos, que obtiveram os tratos de terra, descende Tobias. Dois séculos mais tarde, no decênio de sessenta, procurava ele em Salvador, por indicação paterna, parentes que seriam os Munizes Barretos, convivendo, então, com o poeta repentista e seus filhos. (11)

Os Menezes, nos primórdios do Século XVII, aparecem na província de Sergipe. Requerera Gaspar de Menezes terras às margens do Vasa Barris, obtendo-as. Antecipava-se aos Munizes Barretos, invocando ainda a condição de ter participado da expedição de Cristovão de Barros. (12)

Eram cristãos-novos e gozavam de prestígio na Metrópole, pois da armada que o rei de Portugal havia mandado ao Brasil para recuperar a Bahia dos holandeses, em 1624, participava Manuel de Menezes como general de um galeão. Porém, mais tarde, já seriam marcados pelo preconceito anti-semita. De 1624 a 1654 vivia na praça baiana, ligado ao comércio internacional, o cristão-novo Álvaro Rodrigues de Menezes, um dos maiores contribuintes do fisco. (13) O sobrenome Menezes é de origem espanhola. Expulsa da Espanha, a família passara a Portugal e de lá seguira a outras terras.

Menezes e Barretos, do mesmo modo que a maioria dos sesmeiros sergipanos, não escapariam à miscigenação. A introdução de mão-de-obra escrava deu ensejo a que os brancos, fiéis e marranos, se misturassem aos negros.

IV A EDUCAÇÃO EM SERGIPE

A educação no Brasil agrário do Nordeste se ministrava de modo lusitano no Século XIX. No campo do ensino, coubera a Luis Antônio Verney lançar em Portugal as bases de uma reforma importante. Filho de franceses, recebera uma educação jesuítica. Emigrando para a Itália, lá se familiarizara com Bacon e Locke. Com a expulsão dos jesuitas em 1759, determinada pelo Marquês de Pombal, divulgaram-se-lhe as idéias. O debate, iniciado a partir de suas Cartas, propiciara a incorporação da Física de Newton aos estudos universitários. No terreno político, Verney denunciou o isolamento de Portugal. Não apenas isso, mas o preconceito aos avanços de então. O que se via, segundo ele, era o atraso, disso fazendo a descrição de modo eloquente.

Em Verney está o empenho de levar as ciências à sua pátria. O Marquês procurava situar Portugal ao nível dos povos adiantados. Reformou-se a Universidade, criou-se a Faculdade de Matemática, estabeleceu-se a experimentação como apoio aos estudos das ciências naturais, deu-se ao Direito uma base histórica.

De pouco valeria a reação contrária iniciada por D. Maria, após a queda de Pombal. A semente lançada à terra, germinara e fizera a ruína do obscurantismo. De forma que, deslocado mais tarde para o Brasil o centro das decisões políticas, depois da invasão do território luso por tropas francesas, os ares renovadores puderam livremente circular. (14)

Todavia, de modo mitigado, pois o ensino dirigia-se no interior por religiosos ou professores que se formaram no círculo, tradicionalista. Na primeira metade do Século XIX adotavam-se as linhas da pedagogia portuguesa com o acréscimo de matérias novas como a geometria e as ciências naturais. Mantinha-se, pois, a tônica de fundo clássico com a preeminência do Latim e de sua literatura.

De modo geral os professores procediam dos seminários. Ou se dedicavam ao ensino após o abandono do sacerdócio, ou desempenhavam mistérios religiosos, enquanto lecionavam. (15)

Escusado dizer que o magistério era piedoso em suas linhas mestras. A leitura do Latim fazia-se em textos de autores simpáticos à Igreja, tornando o aprendizado próximo aos temas do Evangelho. Em Sergipe era mais forte o tradicionalismo pela circunstância de ser maior a influência dos jesuitas e carmelitas no desenvolvimento cultural. Quanto a Campos, cumpra considerar que se tratava de uma vila, durante a infância de Tobias, com menos de mil fogos ou casas de moradia. (16)

V INFÂNCIA E PRIMEIRAS LETRAS

No agreste nasceu Tobias Barreto a 7 de junho de 1839. Filho legítimo, como então se dizia, de Pedro Barreto de Menezes e de D. Emerenciana Maria de Menezes. Ele, escrivão de um cartório de orfãos e ausentes, cujas emolumentos apenas rendiam para a subsistência da família.

A imagem de Pedro chegou-nos desmaiada. Escassas as referências feitas pelo filho, sempre discreto em suas lembranças. Mas a Sílvia Romero e a outros amigos, escaparam reminiscências. Pedro possuía traços marcantes. Era vivo, inteligente, mordaz. Apreciava a galhofa e dela se utilizava na vida diária. Liberal com românticos radicais. Todavia, religioso, leitor das Escrituras, em cujo texto se inspirou para dar nome ao filho. A rebeldia paterna Tobias herdou-a, posto que abrandada pela

influência da mãe. Ele, Pedro, alegre, extrovertido, ela, delicada, "fidalgamente branca em qualquer parte do Brasil". (17)

As primeiras letras aprendeu-as Tobias com o pai. Recebia, assim, um batismo místico e revoltado, antes de ser entregue ao professor. Não é possível aferir até que ponto essa circunstância o tenha vacinado contra uma beatice ou deixado em seu espírito a semente rebelde, que mais tarde germinaria. Seja como for, dar-lhe-ia Pedro o impulso para enfrentar as primeiras dúvidas.

A vida infantil transcorreu naqueles sítios de modo inesquecível. Identificava-se com a natureza de sua aldeia. Jamais olvidou, no correr da vida, o tempo de criança, que caminhava e corria pelos arredores. A natureza não fugiu aos retoques que o filho mais tarde lhe daria.

Seus rebalhos e pastores
Desgarrados pelo vale,
Tem ali macia alfombra
Naquele roupão de sombra
Que desveste o quixabal. (18)

Os anos voavam e o menino dirige os interesses a outras diversões. O viço dos recantos bucólicos realçava a naturalidade das adolescentes:

Vi-as despir-se no rio
Não tinham pejo de mim
Meus olhos se deslumbavam
De formas que se arqueavam
Como liras de marfim.

Até a puberdade a vida fora amena, pois lhe deixavam as aulas do curso elementar tempo necessário aos passeios e às travessuras. Sílvia Romero dele ouviu as histórias dos banhos de poço sob as ramagens, dos luars esplêndidos e do ar impregnado das plantas campesina. A nostalgia acompanhou-o pela vida, permitindo que os versos brotassem com a sinceridade infantil. Mesmo no Recife, já maduro, perdia-se na evocação daquele interior:

Aos reflexos da lua que prateia
Os brancos areais de minha terra
Ao vivo trescalar das guabirabas
Nas aragens de um céu desabafado. (20)

Mes na infância também se sofria o impacto do arcaico. Se o dia representava o sol e o amor, a noite outro capítulo constituía. Tobias relembrará as encomendações das almas, feitas a desobras, no silêncio e na madrugada. Um grupo de músicos saía para a serenata com composições medonhas. Não se descreve a impressão recebida, contaria mais tarde, quando a capela noturna começava a cerimônia "escrita em fá menor, com umas frases iniciais, que semelhavam soluços, e de repente, por uma transição mal sentida, o violoncelo batia na terça maior e o baixo dizia silábica e monotonamente estas palavras de feroz increpação: pe-ca-dor en-du-re-ci-do". O terror generalizava-se. Nem meio havia de abrir-se a janela, pois permanecia a tradição de que, isso fazendo, surgia um frade sem cabeça a oferecer ao curioso uma vela de cêra. Afirmavam uns que a figura sinistra não passava de uma alma penada, outros garantiam que era o diabo disfarçado.

Restavam as aulas. Aos nove anos ingressou na escola pública a fim de iniciar os estudos primários. Seria seu professor Manuel Joaquim de Oliveira Campos que, então, conseguira ser provido na cadeira de ensino elementar na vila de Campos. Dele o menino recebeu as primeiras lições, dele também ouvindo Pedro de Menezes referências elogiosas à inteligência do filho e, quem sabe, a sugestão de encaminhá-lo mais tarde ao Seminário Arquiepiscopal da Bahia. Pois o próprio mestre pensara em abraçar a vida sacerdotal naquele tempo, só desistindo do propósito após receber para tanto a licença da Assembléia. (22)

Autodidata e leitor dos clássicos, escolhera Oliveira Campos o magistério, passando, mais tarde, à advocacia e à política. Também amante da música, deve-se-lhe a letra do hino sergipano.

Completava Tobias 12 anos, quando concluiu os estudos elementares. Em setembro de 1851 seguiu para Estância, matriculando-se no curso de Latim, do Padre Domingos Quirino.

Nascido no local, o professor freqüentara o Seminário Arquiepiscopal da Bahia, o que viria reforçar a atração do menino para a carreira religiosa. O Padre era um latinista de nomeada, que alcançaria o Bispado de Goiás. Nessa época dá começo Tobias a seu estudo de música com o Maestro Marcelo José de Santa Fé. (23)

Entrava na puberdade, em agosto de 1853, quando segue para Lagarto a fim de prosseguir o curso de Latim com o Padre José Alves Pitangueira. Outro mestre, também sacerdote. Iniciara a vida, lecionando em Estância. Advogado, conhecera em suas andanças profissionais, Pedro Barreto, quando o escrivão tivera a oportunidade de narrar-lhe a inclinação do filho para o estudo. (24)

Desde anos anteriores passara a instrução pública para uma centralização no Liceu de Sergipe, nela ensinando-se geometria, filosofia, retórica, latim, francês, inglês e geografia. Irradiara-se a aragem ao interior. Em Lagarto chegaram as inovações, pois se tratava de uma cidade com raízes profundas no passado. Os carmelitas lá haviam chegado, penetrando pelo sertão, alcançando as matas dos Palmares e construindo no sítio um convento e uma capela, bem como desenvolvendo a pecuária. Tinha a localidade crescido sob o manto religioso, tornando-se, posteriormente, a sede de um dos distritos militares da capitania. Sofrera, pois, influências diversas, primeiramente religiosas, em razão da catequese e, depois, castrenses, pelo fato de desempenharem os soldados as funções de repressão ao crime e aos distúrbios, após o período de ocupação holandesa, bem como de liquidação de mocambos de escravos foragidos que surgiam na região. (25)

Tobias permaneceu em Lagarto até 1855. Preparava-se para exame na cidade de Maruim a fim de obter licença para professor substituto na cadeira de Latim. Obteve-a plenamente. Passou a substituir o Padre Pitangueira, lecionando para alunos particulares as primeiras letras. Anos mais tarde, recordaria dois discípulos desse tempo: Nilo Romero e José Dantas da Silveira. O primeiro, irmão de Sílvio Romero, na época uma criança.

Completava 16 anos, já dominando perfeitamente o idioma latino. Lecionava e atirava-se à leitura dos clássicos. Freqüentando a biblioteca do Padre, teve a oportunidade de dedicar-se ao estudo da Bíblia e da literatura religiosa. Desses períodos são as suas primeiras produções poéticas. Adolescente e religioso, dedicou à Virgem Maria um hino por muito tempo ouvido nas igrejas do interior sergipano.

Padre Pitangueira mostrava-se tolerante com o auxiliar. Em sua residência hodedara-se Tobias, não tolhendo o sacerdote a liberdade do jovem.

Lagarto era uma cidade de festejos populares – as janeiras – que constituíam em bailes pastorais e reisados. Nos últimos, variadas eram as chamadas folganças com a característica de terem sempre, no final das cantigas, o brinquedo do Bumba Meu Boi. Eram antigas canções, satíricas, ouvindo-as e registrando-as Sílvio Romero. Algumas chácaras de origem portuguesa, tanto em Sergipe como em quase todo o norte do Brasil, permanecem vivas por séculos seguidos. (26) Dos episódios ficou um depoimento interessante. Em Janeiro de 1885, numa das festividades tradicionais, recebeu certo magistrado um rancho, em descante à sua porta. Aberta, esta foi logo invadida, ao som de uma charanga, por um grande número de pastoras e cavalheiros. Tratava-se de um reisado e entre os participantes havia um moço, de cabeleira basta, modestamente vestido. Era o flautista. Apresentado pelo diretor do rancho como o poeta, desafiou-o o dono da casa a fazer uma ode. A esse pedido, afastou-se o jovem, passando a escrever, enquanto fumava. Minutos depois, entregava a composição escrita. Tratava-se de Tobias, nossa personagem.

VI UM JOVEM PROFESSOR

Assumindo o cargo de professor em Itabaiana, Tobias, pela primeira vez, devia sentir-se liberto das tutelas. Até então, próximo aos pais ou residindo com os sacerdotes, vivera sob a natural vigilância de protetores.

Itabaiana seria o primeiro refúgio, onde havia de comportar-se apenas policiado pela comunidade. Porém sua função docente exigia maior compostura. Caminhava, em janeiro de 1857, para os dezanove anos, chegando a uma cidade que há pouco se tornara uma comarca.

Lugar ideal para um balanço do que fizera e melhor ainda para sonhar com um futuro. Agradável pelo clima, situava-se em pleno coração da província. Montanhosa e cheia de matas, estava próxima a uma serra que também tinha o seu nome. Tão antiga quanto Campos, testemunha de lutas entre índios e portugueses, entre invasores batavos e nacionais. Tivera a povoação as suas origens nos começos do Século XVII e entre os primitivos povoadores estavam os Munizes Barretos. (28)

Mostravam-se os itabaianenses muito orgulhosos de seu passado, conservando a tradição e mantendo as lendas que diziam das incursões de Belchior Dias Moreira. A Tobias agradou sobremodo a existência de uma tradição musical na cidade, cuja filarmônica remontava ao Século XVII. (29) As histórias das minas das serras, das grandes riquezas, de metais preciosos, calaram em seu espírito e sobre elas cismou e versejou num improviso chamado Tentação. (30)

Entregou-se com alinco à leitura. Sobravam-lhe horas nos intervalos das aulas, nos finais de semana e cujos minutos avaramente aproveitados. Sobre tudo pela forma que bem apetecia: sentar-se nos sítios tranquilos dos arredores, que lembravam a infância no Agreste. Lá deixava-se perder no convívio com Virgílio e Horácio.

Possuía poucos livros, mas tivera em Itabaiana a oportunidade de obter outros, que lhe facilitavam compreensão melhor dos textos bíblicos. Comentários franceses abriram-lhe horizontes. Ali não era local alheio às solicitações intelectuais. Percebia-se um interesse pelo conhecimento científico, sobretudo entre os médicos que encomendavam volumes de Salvador e Recife. Distinguia-se de Campos, onde, escassos os recursos, morriam as inquietações. Médicos e advogados dispunham de livros, de modo que Tobias, desde as primeiras semanas, pôde obtê-los por empréstimo.

Algumas figuras estão nos fastos da província e com Tobias conviveram nos anos finais da metade do século. A vida no interior facilitava o diálogo. Eram novas oportunidades que ao jovem abriam novas esperanças. Em Campos e Lagarto tudo parecia resumir-se na fé cristã e nos deveres de zelar por ela, defendendo-a das heresias e dos ataques. O próprio saber continha-se no convencionalismo das ciências, enfim na absoluta calma dos espíritos. As leituras anteriores prendiam-se aos textos sacros, não definindo o contorno do mundo moderno. A História Antiga tornara-se o suporte do seu conhecimento, limitado às vicissitudes dos episódios gregos e romanos. Afinal, tudo adstrito à rigidez das interpretações escolásticas.

Porém os alicerces eram sólidos. Didaticamente se preparara. Com base humanística pacientemente fixada, estudara as disciplinas científicas, dominara meia dúzia de idiomas, estudando-lhes a literatura, devassara a História, de Plutarco e Cesar Cantu, perquirira a religião, desde a patrística à escolástica.

Findos os anos sessenta, parte para a Bahia. O primeiro degrau de subida jamais embarçada. Só retornaria para o adeus definitivo em 1862.

Formado em sua querida província, apto já estava, deixando-a de vez, para o ingresso no mundo moderno que desabrochava com Schopenhauer e Vitor Hugo, com Darwin e Jhering, com Helmholtz e Marx. Atravessaria, pois, a segunda metade do Novecentos em meio a inquietação universal do romantismo e realismo, do positivismo, do evolucionismo e do marxismo. Não satisfeito com os ventos que sopravam, alçou ele, como um condor audaz, um vôo de regresso, paradoxalmente renovador, à filosofia de Kant.

- (1) Freire, Felisbello, História de Sergipe, Vozes, Petrópolis, 1977, pág. 221.
- (2) Memórias da Capitania de Sergipe, D. Marcos Antônio de Souza, escrito em 1808.
- (3) Carvalho, Austricliano de, Brasil Colônia e Brasil Império, Rio, 1927, II volume, pág. 15/16.
- (4) Wynne, J. Pires, História de Sergipe – 1575-1930, Pongetti, Rio, 1970, pág. 185. Freire, Felisbello, op. cit. pág. 310.
"A população da província em 1852 era de 222.990 habitantes, sendo 166.426 habitantes livres e 56.564 escravos".
- (5) Guaraná, Armindo, Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano, Edição do Estado de Sergipe, Rio, 1925. Mercadante, Paulo, Felisbello Freire, um vulto da ilustração brasileira, in Revista Brasileira de Filosofia, Fasc. 107, pág. 258. S. Paulo.
- (6) Agreste. Revista Brasileira de Geografia, Abril/junho, 1941. Rio, pág. 434.
- (7) Romero, Sílvia, A Filosofia no Brasil, Ensaio Crítico, Porto/Alegre, 1878, pág. 142.
- (8) Bezerra, F., Etnias Sergipanas, Rio, pág. 48.
- (9) Freire, Felisbello, op. cit. pág.
- (10) Freire, Felisbello, Apêndice, Sesmarias de Sergipe, op. cit. pág. 328 a 414.
- (11) Mont'Alegre, Omer, Tobias Barreto, Vecchi, Rio, 1939, pág. 32. Lima, Hermes, Tobias Barreto, Edit. Nac. S. P. 1939, pág. 6.
- (12) Freire, Felisbello, op. cit. pág. 82.
- (13) Novinsky, Anita, Cristãos Novos na Bahia, Univ. S. Paulo, Perspectiva, 1972, op. cit. pág. 82.
- (14) Sérgio, Antônio, Ensaios, Tomo II, Lisboa, 1972, pág. 44. Paim Antônio, A UDF e a Idéia de Universidade, Tempo Brasileiro, Rio, 1981, pág. 19.
- (15) Guaraná, Armindo, op. cit.
- (16) Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XIX volume, Rio, 1952, pág. 479.
- (17) Romero, Sílvia, História da Literatura Brasileira, 4º tomo, 5ª. edição, J. Olympio, Rio, 1953, pág. 1295.
- (18) Barreto, Tobias, Dias e Noites, Rio, Imprensa Industrial, 1881.
- (19) Barreto, Tobias, Dias e Noites, Rio, Imprensa Industrial, 1881.
- (20) Barreto, Tobias, Dias e Noites, Rio, Imprensa Industrial, 1881.
- (21) Barreto, Tobias, Estudos Alemães, Laemmert, Rio, 1892, publicação póstuma dirigida por Sílvia Romero.
- (22) Guaraná, Armindo, op. cit. pág. 209 a 271.
- (23) Silva Lima, Jackson de, História da Literatura Sergipana, vol. II, Fundesc, Aracaju, 1986, pág. 247. Guaraná, Armindo, op. cit. pág. 272. Barreto, Luiz Antônio, Tobias Barreto – A Abolição da Escravatura e a Organização da Sociedade, Recife, 1988, pág. 6.
- (24) Confidência de Tobias a Heitor de Sousa, que a transmitiu a Arnaldo de Farias nos anos vinte.
- (25) Freire, Laudelino, Quadro Corográfico de Sergipe, Rio, pág. 120. D. Marcos de Sousa, op. cit. pág. 28.
- (26) Romero, Sílvia, Cantos Populares do Brasil, Tomo I, J. Olympio, Rio, 1954, pág. 301. Câmara Cascudo, Luis, Dicionário do Folclore Brasileiro, 3ª. edição, J-Z. I.n.l. Brasília, 1972, pág. 901.
- (27) Marques, Xavier, in Tobias Barreto, Gama, Domício XX, S. Paulo, 1925, pág. 124.
- (28) Silva, Clodomir, Album de Sergipe, 1920; (Com base em documentos do Século XVIII, considerados fantasiosos).
- (29) Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, Rio, 1959, pág. 322 (verbete Itabaiana).
- (30) Improviso de 1858. Dias e Noites, Aracaju, 1978, pág. 51.
- (31) Sebrão Sobrinho, Tobias Barreto, Gênio e Desgraça, 1941.

ASPECTOS DA VIDA LITERÁRIA DE TOBIAS BARRETO

Antonio Garcia Filho

1 – PRIMEIROS PASSOS

Tobias Barreto de Menezes nasceu na então vila de Campos, hoje cidade TOBIAS BARRETO, em 07 de junho de 1839. Seus pais são o Alferes Pedro Barreto de Meneses e D. Emerenciana Maria de Meneses.

O Alferes tinha um espírito folgazão e satírico, muito talento e coragem pessoal tendo, provavelmente, transmitido a Tobias estas qualidades que sempre o caracterizaram na vida, bem como a sua acentuada mestiçagem. D. Emerenciana, ao contrário, era dócil, testemunhando Sílvio Romero seu gênio suave e doce.

Suas primeiras letras foram aprendidas na própria cidade natal com o Prof. Manoel Joaquim de Oliveira Campos, poeta, advogado e político, sendo considerado por Sílvio Romero e Hermes Lima como jurista. Sebrão Sobrinho nega tal qualidade do primeiro mestre de Tobias, afirmando ter sido advogado provisionado e Vereador em Lagarto, tendo fugido para Campos por questões políticas. Este professor fez uma poesia para o seu dileto aluno, quando enfermo aos oito anos de idade, de uma "febre cruel", poesia considerada uma previsão do gênio que estava em estado potencial no garoto:

"Não nos roube crua morte
... nossos braços Tobias!
Respeite seus tenros anos,
Deixa-o crescer mais uns dias!

Tu que és verdugo
Da humanidade
Mostra uma vez
Que tens piedade.

Não tires já deste mundo
Um belo ornamento seu
Deixa-o viver que depois
Ha de ser despojo teu

Mas consente que alcançando
Lúcido estudo e saber,
Aos homens seja prestante
Antes que chegue a morrer".

Em setembro de 1851 vai a Estância e ali fica por um ano, estudando Latim com o Padre Domingos Quirino e Música com o maestro Marcelo José de Santa Fé.

Depois de rever os pais em Campos segue para Lagarto, residindo com o Padre José Alves Pitangueira e, com este, completando seus estudos de Latim.

Em Lagarto abre escola de primeiras letras, semente do que seria na maturidade o grande Professor.

Com apenas 15 anos de idade, em 1854, submeter-se a um Concurso de Latim, em Marum, recebendo o título de Professor Substituto em qualquer ponto da Província, sendo regente da Cadeira seu Professor e orientador Padre Pitangueira.

Submeteu-se ao novo Concurso, desta vez em Itabaiana, em 1856, sendo novamente aprovado e agora nomeado.

Passou dois anos em Itabaiana, de 1857 a 1859, Sebrão Sobrinho transcreve os versos de Manuel dos Passos de Oliveira Teles (seu discípulo e o mais completo tobiático):

"Ditosa Itabaiana! Em teu regaço
Fulgem fagulhas da passagem brusca
De Tobias Barreto de Meneses!

Foi em ti que implumou a águia altiva
Rugiu... Cada rugido era um poema,
Constelações de lúcidas estrelas,
De cousas ideais que mais nos tocam,
Que o pátrio gênio transmudava em verso!

Ao lado dos seus afazeres de Professor, Tobias Barreto continuou seus estudos de música, agora orientado pelo maestro Francisco Manoel Teixeira, conhecido como Chiquinho Músico que tinha um orchestra e o aperfeiçoou ao violão.

Cantava na Igreja e à noite fazia serenatas, cantando aplaudidas canções da época e composições da sua autoria.

Fazia versos e sua alma de poeta encantou-se por duas moças. A primeira, Rita de Cássia de Jesus Noronha era uma garota de 13 anos de idade, conhecida como Ritinha, a quem dedicou-lhe a poesia "Criança", neia inspirado:

"Em tenra e fágil vergonta
De uns treze anos que tem,
Agora é que a alma desponta
No viço e no olhar... pois bem!

E se eu lhe chamo menina
Ela me chama senhor!
Se eu toco, ela s'inclina...
Será respeito, ou amor?

Se a rosa estremece ao dedo
Da aragem que na tocou:
É de ternura ou de medo?
Quem diz que ela não gostou?

Chego-me à bela e lhe digo:
Vamos casar-nos, amor?
—"Mas como casa comigo?
Como? Não vai ser doutor?"

A 2ª, foi a morena Felismina Amélia de Vasconcelos, depois da desventura sofrida com a 1ª, acusando-a de abandoná-lo para seguir um moço conhecido como Pedro Capa-rasto (Junot Silveira diz que o seu rival foi Manuel José de Góis). Também em versos externou seus sentimentos, renegando Ritinha e enaltecendo Felismina:

"QUANDO, A MESA DOS PRAZERES...

Quando, à mesa dos prazeres,
De amor, bebi minha vez,
Ao revoar dos desejos,
Fascinou-me a candidez.

Mal pensava, cego e louco,
Engano, embalde eu cria
Que um anjo cândido e belo
Nunca assim me trairia

Era um lis mimoso e lindo,
Que docemente roreja;
Era uma nuvem serena
Qu'estival manhã branqueja...

Mas ao brilhar d'outros olhos,
A nuvem se bipartiu;
Ao travejar dos ciúmes,
Para mim se denegriu.

Hoje, aborreço e detesto
Desse jasmim a candura;
Quero amar: amo a quem tenha
Da violeta a formosura.

A roxa por quem meu peito
também roxeia de amor,
As pálidas por quem minh'alma
Empalidece de amor".

Precisando continuar seus estudos, foi licenciado pelo Governo por um período de seis anos, indo primeiro à Bahia e depois ao Recife.

Ao despedir-se dos seus alunos, nas férias, antevendo não mais voltar ao ensino em Itabaiana, fê-lo em versos, na língua latina, "ELEGUS", traduzidos em poesia para o vernáculo pelo Prof. Baltazar Gois, em Laranjeiras, a 28 de outubro de 1897:

"ELEGIA"

"Finalmente agora só me resta dizer-vos adeus — E, se deixando este Magistério que para mim hoje termina, deixo aquilo que talvez jamais me possa ser restituído, é por que creio que alguma dia possa em alguma coisa dirigir os jovens que se dedicam às letras. Por que motivo o faço? É porque de certo muita vez se torna pesado o encargo que me impõe o inocente menino; pois eu quizera, discípulos, saber quanto possível, para levar a luz ao vosso espírito que aqui jaz imerso em rudes trevas.

Entretanto, ensinando-vos ao mesmo tempo que aprendo, vejo ainda que bem fracas são minhas forças para consegui-lo; porque me faltam os princípios de grande ciência, que sou levado a cultivar.

Mas eu vou deixar-vos levando o coração umedecido nos prantos da saudade.

Adeus, pois, bons discípulos.

Muito em breve vos provará o tempo quanto vos estimo, quanto vos tenho estimado e quanto vos estimarei sempre; por isso, considerai-me no número de vossos amigos".

Devendo continuar seus estudos para ingressar na Faculdade, licencia-se por seis anos, mediante Resolução do Presidente da Província Dr. João Dabney d'Avelar Brotero que viera já aprovada da Assembléia Provincial, cujo artigo único impunha a substituição paga às custas do "beneficiário".

2 -- DE SALVADOR A RECIFE

Contam os seus biógrafos, ou pelo menos alguns deles, que Tobias foi a Salvador para seguir a carreira sacerdotal, influenciado pela sua formação familiar, pelos seus primeiros preceptores e seu conhecimento de Latim e de Teologia. O Decreto da sua Licença diz textualmente: "...para estudar em uma das Faculdades de Direito..."

Na realidade, Tobias, ao chegar a Salvador, hospedou-se no Seminário até encontrar um "república" na qual estariam amigos seus.

Contam até uma lenda que Tobias, saudosos, à noite, no silêncio do claustro, pegou o seu violão e com a sua voz de barítono cantou sentidas serenatas, quebrando a austeridade do Seminário, o que lhe valeu uma repreensão. Deixando o Seminário, sem ter encontrado a "república", hospedou-se numa pensão e, na mesma noite, irrompe um incêndio no local, obrigando-o a sair "atropelado" esquecendo o seu violão.

Corria o ano de 1861, pois o anterior, já licenciado, passara em Campos com os seus familiares.

A "lenda" de ser padre, foi resultante de uma afirmação de Tobias em fazer os preparatórios no Seminário, pois as despesas seriam bem menores, pois a Província vinha atrasando os seus vencimentos em até seis meses seguidos.

Em Salvador, inicia seus estudos preparatórios para o vestibular na Faculdade, tendo o Frei Itaparica como seu Professor de Filosofia.

Era freqüentador assíduo da Biblioteca Pública, aprofundando-se na leitura dos livros e poemas de Victor Hugo, de cuja influência romântica foi discípulo, indo além, divulgando e introduzindo o CONDOREIRISMO, estilo poético que explora os grandes vãos da imaginação, cheio de metáforas, bem ao estilo hugoano. Na verdade, o condiscípulo de Tobias, o poeta sergipano, de Estância, José Maria Gomes de Souza, teria sido precursor do estilo nos poemas esparsos que publicava em periódicos e antologias críticas da literatura sergipana e nos seus livros "Poesias líricas" e "Mocidade e Velhice".

Como suas condições financeiras se agravassem, voltou à sua terra natal (Campos) e ali permaneceu um ano. Porém continuou seus estudos, retirando-se para um engenho de propriedade de d. Inácia dos Santos Lima, viúva de José Francisco dos Santos Lima. Conta Sebrão Sobrinho que uma das filhas da viúva, Maria Rosa Lima, de vinte e uma primaveras era alvo da inspiração poética de Tobias e a ela unia-se "em colóquios divinais".

Toma o navio em Estância e segue viagem para Recife, em 17 ou 18 de novembro de 1862, com escalas em São Cristóvão, Aracaju, Penedo e Maceió, chegando à Veneza Brasileira no dia 1º de dezembro, declamando a poesia "À VISTA DO RECIFE":

"É a cidade valente
Brio da altiva nação
Soberba, ilustre, candente
Com uma imensa explosão:
De pedra, ferro e bravura,
de aurora, de formosura,
De glória, fogo e loucura...
Quem é que lhe põe a mão?
...
Sim, eu vejo, ainda a espada,
Na tua destra reluz,
Cabocla civilizada

De pernas e braços nus,
Cidade das galhardias,
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias,
Guerreira de Santa Cruz!
Estremecida, ridente,
Como que esperas alguém.
Ouves um som de torrente?
É a grandeza que vem..."

Infelizmente fora acometido de varíola, atrasando os seus planos de estudo, tendo de ficar acamado por relativo período.

Continuou os estudos das matérias preparatórias, entrando para a Faculdade de Direito em 1864; com ele, também seus conterrâneos Francisco Alves da Silva Brito, Germiniano Brasil de Oliveira Gois, José Jorge de Siqueira Filho e Terêncio Chavantes. Nesse mesmo ano abriu um curso particular que, não somente completava-lhe sua vocação de mestre, mas ajudava-o nos proventos, embora que, segundo Manoel dos Passos de Oliveira Teles, fosse ele muito pródigo para com seus amigos e colegas.

Em 1865 fez Concurso para a Cadeira de Latim, tendo o Padre Felix tirado o primeiro lugar. Nesse ano ingressa no jornalismo escrevendo no "ACADÊMICO". Assim refere-se Sebrão Sobrinho em "Tobias Barreto o Desconhecido":

"Acadêmico de Direito, culto e estudioso, professor particular, chefe lido da Escola Condoreira, a encher os salões de Recife com versos encantadores, incitando, em estâncias cívicas e em prosa atilante, na praça pública, no teatro e na Faculdade, não como demagogo de farsa, mas como poeta e tribuno de escola, que amava a Pátria ofendida e em guerra com o Paraguai, onde já tinha dois irmãos para o trabalho de sangue, ao patriotismo nunca desmentido do Leão do Norte que, entusiasmados, ouviam o verbo flamante, a palavra inédita e sã daquele condutor, que os eletrizava".

Em 1867 fez novo Concurso, agora de Filosofia e, mesmo tendo sido classificado em primeiro lugar, foi preterido pelo seu contendor, Soriano de Souza, sob pretexto de que este era casado(!)

3 - VIDA ACADÊMICA

A vida acadêmica de Tobias sobre ser agitada "foi muito aprazível". Teatro, tertúlias poéticas, festas patrióticas (em plena guerra do Paraguai) paixões, ensino, formação de grupos sendo Tobias o centro das atenções de um deles e seu verdadeiro líder, confrontando-se com Castro Alves, primoroso poeta baiano, também estudante nessa época, formando-se verdadeiros partidos pelo entusiasmo com que acompanhavam e aplaudiam os dois vates.

Tobias, além de poeta, era um pensador e analista, muito mais culto nas letras clássicas e arguto crítico literário.

Houve mesmo um estremecimento entre os dois, que até então se consideravam amigos, quando cada um optou por opiniões diversas em relação às musas teatrais. Eugênia Câmara e Adelaide do Amaral. Formaram-se "diferentes partidos teatrais."

Antes, eram amigos. Castro viu em Tobias um renovador da poesia pois o estilo "choraminga", pessoal, fora substituído pelo conteúdo sério, social, universal, abordando temas que envolviam problemas e sentimentos de todos ou de uma grande maioria e não de um só indivíduo. Tobias dedicou-lhe o poema "OITO ANOS" e Castro "O RIO" e o "GÊNIO".

Na verdade, a briga entre os dois que deveria restringir-se ao campo das idéias, evoluiu desastrosamente para a questão pessoal, mais pelos aqulamentos de bastidores dos seus adeptos.

Franklin Távora, descrevendo a força intelectual de Tobias, assim se expressou:

"Quando o sergipano, da varanda de um camarote, ou de um sobrado, batia palmas e recitava os seus versos eletrizantes, todos os que o ouviam sentiam-se arrebatados para ele, pela atração, não somente do poeta, mas também do orador; porque direi, antes de tudo, o sr. Tobias é um grande orador, palavra fácil, poderoso órgão, presença senhoril que, na tribuna aumenta de expressão".

Uma noite, no teatro, Tobias improvisou uma poesia em honra de Adelaide Amaral, fazendo, entretanto certas críticas à conduta de Eugênia Câmara, de maneira metafórica, qual destacamos o seguinte trecho:

"Sou grego pequeno e forte
Da força do coração,
Vi de Sócrates a morte,
E conversei com Platão;
Sou grego; gosto das flores,
Dos perfumes, dos rumores;
Meus instintos não esmago,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Friné..."

Contam as crônicas, que Castro Alves replicou-lhe, com versos que aludiam à circunstância de Adelaide ser casada:

"Sou hebreu, não beijo as plantas
Da mulher de Putifar."

Castro Alves era responsável pelo periódico "A LUZ" e Tobias Barreto pelo "Suplemento" da "REVISTA ILUSTRADA". De uma crítica deste ao artigo-programa daquele, Castro sentiu-se ofendido, por influência dos fagicadores de intrigas, enviando o seguinte bilhete, para atemorizar Tobias:

"Ilmo. Sr. Tobias Barreto de Menezes.
Peço a V. S. tenha a bondade de declarar-me ao pé desta se é o autor do artigo da **Revista Ilustrada** incluso no Suplemento, como fez-me o obséquio de mandar-me dizer vocalmente.
Se tiver essa bondade ficar-lhe-á mais obrigado este, que é

De V.S.

Atento e creado

a) Castro Alves.

Tobias, também insuflado por seus amigos, sentiu-se ferido no amor próprio, pois ali estava veladamente um ameaça, respondeu-lhe ao pé da carta:

"Justamente, Sr. Castro Alves. Sou eu mesmo. Quer responder-me? É um favor. Peço que me encaré sob todos os pontos de vista, afirm de que depois não me chamem pouco generoso. Sim, Sr., considere-me como homem, como escritor na prosa e no verso, como cidadão e até como filho... Dê-me por todas as faces... Assim espero. E para facilitar e abreviar mais a sua resposta, mandar-lhe-ei levar alguns versos meus, que um amigo tem reunido, pedindo-lhe o favor de que me mande alguns dos seus, ao menos os que tem aqui publicado".

De V. S. atento e creado

Tobias Barreto de Menezes".

Alguns críticos julgaram a resposta um convite à luta corporal e um ímpeto de raiva, próprio do temperamento de Tobias. Entretanto o pedir considerá-lo como escritor ou mesmo filho (que aqui não prenuncia nenhum complemento pejorativo, ao contrário, até) prova que Tobias gostaria de ter como arena o terreno das idéias.

4 – Lira tobiática

Silvio Romero dedica-lhe muitas páginas, na "História da Literatura Brasileira", especialmente como poeta, lírico e Idealista, pondo em evidência a profundidade dos conceitos emitidos, além de ter sido seu principal divulgador. Depois de destacar a estética do grande vate, cita a "Lenda Rusticana", como uma das mais lindas peças do romantismo brasileiro, versos soltos, brancos, "tão bem feitos só na obra de Castilho":

"Como um perfume que embalsama os campos
E as abelhas atraí à flor que o exala
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se viu..."

Aqui é comparado a Gonçalves Dias, ali com Victor Hugo, acolá com Castilho ou Bocage.

Sua obra envolve todos os ângulos do pensamento: Poesia, Música, Crítica, Discursos, Artigos, Política, Filosofia, Direito, Sátira, Polêmica, etc.

A Mulher sempre teve posição central no seu trabalho e na sua vida. Nesse tema não deixava de ser e continuar lógico, sexológico, andrológico.

Às vezes com coloridos platônicos, como em "O Beija-flor":

"Era uma moça franzina
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver"
Ou profundamente sensual como em "Que Mimo":
"Teu corpo derrama essências
como a campina em flor
Beijá-lo!... fora loucura
Gozá-lo!... morrer de amor".

A sua poesia veste-se de sons. "A música é uma irmã do amor", disse em artigo de crítica sobre a ópera "Ernani".

"Eu amo o gênio" é uma modinha feita em 1859 que ele cantava nos salões e nas serenatas, na sua adolescência.

"Eu amo o gênio cujo raio esplendido
Tirou-me o pranto no pungir da dor;
Há sempre um gozo no correr das lágrimas,
Há sempre um riso no muchar da flor..."

Vê-se no templo se elevar o incenso
Puro, expressivo que se queima aí;
E Deus aspira o matinal perfume
D'etéreas flores que espalhou em ti...

Quando, sublime de sofrer, um'alma
Rompe dos prantos o sombrio véu,
São glórias tuas, virginal desmaios,
Quedas de rosas nos jardins do céu.

E quem não sente clarear o sonho,
A idéia santa dum viver melhor?
E as harmonias de um amor que torna
A fronte altiva, o coração maior?

Na voz dos mares, na expressão dos ventos
Há um mistério de fazer pensar...
Nas forças d'alma, no poder do gênio
Há um segredo que me faz chorar...

"O mesmo poderia dizer de "Houve tempo..."
Houve tempo em meus olhos
Noutros olhos se embeberam.
Noutros olhos que em peito
Doces chamas acenderam.

Conheci que os meigos olhos
Me enganavam, traiçoeiros,
Quando, frouxos de ternura,
Me atraíam feiticeiros.

Hoje amo a flor do deserto,
Amo o cardo montezinho,
Amo a vaga marulhosa,
O volátil passarinho.

Amo a brisa sussurrante,
Amo as noites de luar,
Amo tudo que não possa
O meu peito atraiçoar...

Já não quero amar na vida
Quem me possa amar também;
Hei jurado amar somente
Quem não possa amar ninguém..."

Sua produção literária no gênero da poesia é extensa e densa, abrangendo a Estética – homenageando grandes instrumentistas, atrizes e cantores; as Patrióticas – exaltando os voluntários da Guerra do Paraguai, a Pátria, os Heróis nacionais, sempre tecendo críticas ao Imperador Pedro II; Líricas e Amorasas, enaltecendo Nossa Senhora, a Criança, a Mulher Polêmicas e satíricas – contra os pretenciosos, falsos teólogos e jornais que o agrediam, assim como pessoas desafetas.

Pincemos alguns versos dentro do contexto dos poemas para uma avaliação do seu inextinguível estro:

"Uma cantora":

"...
Tua voz é um poder
Que diz às flores: brotemos!
Que diz às águas: voemos!
E nas alturas se esvai!...
Voz do céu, que o céu atende,
Que por si só se defende,
Dizendo a tudo: escutai!"

"Guerra do Paraguai":...

"Patrícios! O drama é sério!...
Junto ao trono armas erguei!
Nós mesmos somos o império!
Nós mesmos somos o rei!"

...

"Consente"...

"Oh! deixa aquecer-te ao calor do meu peito.
Derrama os cabelos por cima de mim.
De flores e sonhos forremos o leito,
Num beijo, esvaídos, morramos assim!

E Deus, que nos visse na campa dormindo,
Vedara que as auras nos fossem bulir;
E aos anjos inquietos dissera sorrindo:
São noivos ainda, deixai-os dormir!"

"O Coração":

"O coração também é um metafísico:
Estaremos por forma invisíveis
Anda a sonhar uns mundos encantados
E a querer umas coisas impossíveis..."

E se não bastassem "O gênio da humanidade", a "Lenda Rusticana", "Cena Sergipana", "O beija-flor", "Dois de Julho", "Depois de ouvir a ária final da Traviata" e tantas e tantas outras de inesgotável inspiração, telúrica, épica, lírica, romântica...

Seu célebre soneto "IGNORABIMUS", de 1880, em pleno vigor literário, crítico e filosófico, reflete a informação do poeta social contra a pobreza, a escravatura e a discriminação, usando a Religião como contraste— sem negá-la; como parâmetro— sem procura; destruí-la; como paralelo, para melhor realçar a verdade do conteúdo ideológico:

IGNORABIMUS

Quanta ilusão!... O céu mostra-se esquivo
É surdo ao brado do universo inteiro...
De dúvidas cruéis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Cristo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam também Deus verdadeiro,
Veio ao mundo remir do cativo,
E eu vejo o mundo ainda tão cativo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio
Da tirania, e da miséria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continua escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

5 – Um discurso em mangas de camisa

A expressão "em mangas de camisa", longe de traduzir manifestação de confronto ou chamamento à liça, representa o estilo a ser usado nas suas admoestações, claro, simples e familiar, como se estivesse em casa, como ele mesmo definiu "sem grande gala bordada a ouro, e muito menos a ouro francês. Alguma coisa de familiar, alguma coisa designável por um discurso em mangas de camisa".

O discurso é dirigido à conscientização do povo, ao potencial transformador do povo, numa época em que não havia consciência de classe, nem as idéias democráticas e socializantes supunham chegar ao pequeno e isolado recanto de Escada.

Um século depois, as idéias ali defendidas permanecem atuais para qualquer município e para a libertação de qualquer sociedade. Vivemos alienados; e muitas vezes sem a consciência da alienação, pois a estrutura social que cada País vai sedimentando é como pirâmide em cuja base o povo encontra um cantinho, um chão, seus biscoitos ou seu trabalho; nos níveis superpostos vão se aprimorando faixas cujos componentes, a duras penas conseguiram subir, alguns nas faixas mais elevadas a serviço de forças ocultas e imponderáveis, raramente por competência sempre usando as armas desleais da bajulação e de escusas prestações de serviços; nas últimas e no topo da pirâmide, alguns poucos senhores, nem sempre autóctones, seguram os cordéis que movem suas marionetes e conduzem os canais dos seus lucros e explorações.

O fulcro do discurso é "a surdez das consciências, em uma palavra, todos os sintomas da doença que mata as Nações, O ABANDONADO DE SI MESMO, O ESQUECIMENTO DOS SEUS DIREITOS, pela falta de justiça e liberdade, de que todos nós sentimos-nos sequiosos e famintos".

Disse isso, depois de colocar em relevo a fome e a falta de meio para abolir ou moderá-la.

E que a consciência de si mesmo e a defesa dos direitos, levariam o povo a libertar-se, pelo uso da Justiça e do Direito, pela força da união, pela persuasão das fontes reivindicadoras, pelos métodos pacíficos de luta ou mesmo que forcem arranhões sociais.

A idéia da massa, como povo organizado (mass) está diretamente imbutida no Discurso em tela, quando acentuou: "Porém também é certo, senhores, que quando se evangeliza uma idéia nobre, por mais densa que seja a nuvem em que ela vem envolvida, O GÊNIO DO POVO (grifo nosso) se encarrega de penetrar-lhe no íntimo e conhecer, por instinto, o seu valor e o seu alcance".

É o que se poderia chamar de sabedoria do povo, ou sabedoria da massa ou MASSLORE; É uma sabedoria intrínseca, que emerge da ação grupal, como nas Escolas de Samba em que a grande massa, no entusiasmo da grande festa e no esplendor das alegorias, impregnam as consciências de novas mensagens, de críticas e de protestos, como aconteceu com a ala dos mendigos da "Beija-Flor", dançando em torno do Cristo também mendigo, mas encapuçado por exigência dos dirigentes retrógrados da Igreja. Mas o ensinamento ficou e há de crescer, contra, conhecidos pastores reacionários que deturpam no sentido de liberação que o Cristo nos trouxe.

Não que o masslore venha substituir o folclore, pois este, apesar de novos e modernos conceitos do seu evoluir, é a manifestação espontânea de grupos já estratificados na tradição e na nostalgia dos tempos que servem de subsídio para a História e a Antropologia, essencialmente. O fenômeno folclórico, na ingenuidade aparente dos camponeses, reflete a crítica, o protesto, a louvação, os costumes, os anseios de renovação do povo.

O Discurso "Em mangas de camisa" acende no povo a chama do seu valor para não permanecer amorfo, desagradado, reduzido "ao isolamento absoluto".

Tobias não quer que o povo siga como carneiros de um rebanho sem opinar

ou modificar o que está estabelecido pelos detentores do poder e dos meios de produção que usam, não raro, de frase retumbantes para enganar e confundir, e neste particular o autor cita a trilogia da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade – como um ópio enganador de efeitos efêmeros e até contraditórios, pois enquanto a LIBERDADE é um direito adquirido na luta, como “um princípio de vida”, “a IGUALDADE não é um fato nem um direito, nem um princípio, nem uma condição: é, quando muito, um postulado da razão, ou antes do sentimento”. E prossegue: “Pela Liberdade o homem diz: eu sou! Pela Igualdade, **quem me dera ser!** Pela primeira, a Liberdade, o Homem emprega as suas próprias forças e as forças da natureza ambiente para o alvo que ele mesmo escolhe”.

A Liberdade é, assim, uma grande conquista da Humanidade.

A Fraternidade, o Mestre a considera “mais um sentimento religioso do que um conceito político”.

Ainda restava na sociedade de então o rescaldo da sua divisão em clero, nobreza e povo – o que veio a calhar com a primeira pastoral do Bispo D. Cardoso Ayres, há dez anos atrás nomeado para Pernambuco, escrita em latim, classificado seus diocesanos em clero, optimatibus et populo. No Brasil de então, quiçá ainda hoje por um ativismo não desencarnado, a Nobreza “feita á mão, pela maior parte estúpida e pretenciosa”, um clero dividido entre tradicionalista-reacionários e os padres progressistas que abraçam a Teologia da Libertação na defesa dos oprimidos; a burguesia industrial e especuladora cuja “vida limita-se a uma luta pelo capital, e nada tem que ver com as lutas pelo direito”, como afirmou o mestre. E uma expressão de inimitável sensibilidade literária, afirma: “O povo perseguido, humilhado, abatido, a ponto de sobre ele os grandes disputarem e lançarem dados, para ver quem o possui, como os judeus sortearam a túnica inconsútil do Martir do Gólgota”.

Fala ao povo de Escada mas a sua palavra chega também para nós, não por uma questão de defesa do nosso patrimônio cultural mas pela atualidade dos seus conceitos, a maneira da sua retórica, o estilo forte da forma de persuadir, a sua linguagem social mas sobretudo literária, no que tem de melhor na ação das palavras.

Senão vejamos:

“Seja porém como for, não hesito em declará-lo: o povo de Escada, a quem ora me dirijo, deve pôr-se fora da tutela. Tomando conta de si mesmo, e contestando aos poderosos a faculdade de dispor desta cidade, como de uma filial das suas fazendas, cumpre-lhe erguer-se à altura de um poder, com que eles devem contar, em bem ou em mal, e não continuar a ser um algarismo mínimo, um milésimo de força, cujos erros não lhes perturba os cálculos.

E mais adiante:

“Confiai somente em vós, que releva levantadores a fronte, nos vossos esforços, que é mister multiplicar, no vosso caráter, que é preciso reformar”... “Abramos mão de nossos prejuízos, de nossas reservas, de nossos temores, e sejamos um povo livre.”

O Discurso em mangas de camisa é um hino à Liberdade, à libertação do povo contra os portugueses e contra o Estado que explora. Por isto que, para afastar dúvidas dos caçadores de bruxas, acentua: “Eu não sou socialista... mas também não faço coro com a escola de Manchester; não penso que a pobreza é sempre o castigo da preguiça econômica”...

O pauperismo da cidade, percentualmente atinge 90% da população, sendo que vivem sofrivelmente 8%, 1,5% dos que vivem bem, e apenas 0,5% de ricos.

Este era o quadro de Escada; esse é o quadro atual das nossas cidades.

Na conclusão do seu célebre discurso, hoje considerado uma das mais contundentes páginas literárias, volta a insistir em incutir no povo o sentimento do seu

valor, despertando-lhe a indignação contra os opressores e o entusiasmo pelos oprimidos. E diz a frase antológica:

"E há momentos, já disse com razão alguém, em que o entusiasmo também tem o direito de resolver questões..."

TOBIAS BARRETO E A RENOVAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Maria Thétis Nunes

Professora Titular do Departamento de Filosofia e História da UFS

Poucos intelectuais brasileiros têm sido tão questionados quanto o sergipano Tobias Barreto, e, quase sempre, sob o ângulo do radicalismo. Uns, apaixonadamente, como fez Sílvia Romero, "o São Paulo de quem Tobias é o Cristo", no dizer de José Veríssimo. Outros, tentando minimizar sua importância, como Agripino Grieco ao, ironicamente, integrá-lo a uma escola teuto-sergipana (1). Alguns críticos, porém, apesar de combaterem suas idéias filosóficas, reconhecem seu valor. Tristão de Atalide é um deles ao escrever:

'Foi profundamente marcada a ação de Tobias Barreto em nossa história intelectual. Sempre que procurava pensar por si, mostrava que sabia pensar, que, sobretudo, sabia discutir. E ia assim agitando como ninguém até então, o seu meio estreito, provinciano, abafado de preconceitos, meio, aliás, que não se limitava à sua Escola, ao seu Recife ou Pernambuco, mas a todo Brasil que ele amou com as fibras de sua carne mestiça".

Também José Veríssimo, apesar das críticas feitas à obra, reconhecia o papel de Tobias Barreto na vida intelectual brasileira:

'Ele atuou, duplamente, primeiro e acaso principalmente, como demolidor dos nossos valores mentais que pela própria imobilidade se tornavam um impedimento ao nosso progresso espiritual, depois como uma força de estímulo e reforma para essa mentalidade"(2)

É indiscutível a contribuição de Tobias à renovação do pensamento brasileiro, como Virgílio Campos bem sintetizaria em três razões. Primeira "quando abriu os olhos da elite intelectual brasileira para a Revolução Científica Européia, para a qual nos mantínhamos absolutamente alheios e indiferentes"; segunda, ao trazer para o Brasil "a Revolução Filosófica Alemã, da qual ninguém aqui tinha o menor conhecimento, tornando-nos contemporâneos do mais importante movimento de idéias que se processava no mundo de então"; terceira, por nos fazer "conhecedores da Revolução Jurídica Alemã, permitindo ao nosso Direito dar um salto qualitativo de três séculos, passando das Ordenações Filipinas, sem se deter muito na Codificação Napoleônica que sintetizava os ideais jurídicos do século XVIII, diretamente para a discussão das idéias que conduziam ao modernismo BGB alemão, síntese jurídica do que de melhor se produziu no direito do século XIX" (3).

As contradições, por vezes flagrantes, encontradas na obra de Tobias, resultam de sua vida, da condição de intelectual pobre e mestiço, vivendo numa sociedade elitizada e repleta de preconceitos. Colocado dentro das forças sociais vigentes, é que ele deve ser estudado e compreendido.

Oriundo da pequena burguesia de uma vila interiorana de Sergipe – Campos do Rio Real (atual cidade de Tobias Barreto), enfrentou grandes dificuldades para estudar. Inicialmente buscou a cidade de Estância, na época o mais importante centro cultural sergipano, onde conviveria com a juventude que fez eclodir o Romantismo em Sergipe, deixando para trás as produções arcaicas desligadas da terra e da gente, "pobres na roupagem e paupérrimas no conteúdo". Jovens inquietos que buscavam no Romantismo novos rumos de inspiração, abrindo caminho para que a terra e as paisagens, a sua história, as lendas e os costumes, todo nosso patrimônio cultural "passe a ser se não o motivo e a substância, pelo menos pontos de referência das produções literárias dos nossos escritores"(4). Entre eles estavam Pedro de Cala-

zans, José Maria Gomes de Souza, Elziário da Lapa Pinto, José Jorge de Siqueira Filho, Manoel Luís Azevedo d'Araújo. Em 1857 conseguiu ser nomeado professor de Latim, da Vila de Itabaiana, cargo em que foi autorizado a ir estudar fora de Sergipe, sendo então, considerado pelo Inspetor-Geral dos Estudos, "um dos hábeis professores que tem a Província, muito aplicado, e exato no cumprimento de seus deveres".(5)

Após rápida passagem pelo Seminário da Bahia, em 1862, chegou a Recife visando a ingressar na Faculdade de Direito. Dificuldades financeiras, porém, fariam que só terminasse o curso em 1869. Após memorável concurso, atuou como professor da Faculdade de Direito a partir de 1882. Antes, já se destacara como jornalista, advogado, professor de um colégio particular que fundara, e deputado provincial.

O início da atuação de Tobias Barreto ocorreu justamente quando o Brasil vivia os primeiros sinais de decadência do Império, época marcada por profundas contradições entre uma aristocracia latifundiária tradicional, de base agrícola e semi-feudal, e uma recente burguesia mercantil urbana, formada em decorrência do desenvolvimento das companhias de navegação, ferrovias, indústrias têxteis e bancos. A crescente imigração européia trazia um «componente» novo à estrutura social do país. A Guerra do Paraguai repercutia na vida nacional, sobretudo fazendo sentir a importância do exército. Eclodiu no Brasil uma busca de renovação, que levaria Sívio Romero a dizer: "O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável dos quantos no século XIX constituíram a nossa labuta espiritual".

Até então, tudo havia adormecido à sombra do manto do príncipe ilustre que havia acabado com o caudilhismo nas províncias da América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já houve na história.

De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez". E "um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os cantos do país".(6)

Foi para esse momento da história brasileira que Tobias trouxe a ousadia de idéias avançadas, indo de encontro aos tabus dominantes, provocando o ódio dos reacionários da época, o que lhe dificultaria a vida e o ingresso no magistério superior. Sua luta para afirmar-se numa sociedade hostil foi captada por Roberto Lira:

"Tobias ergeu-se do abismo pela energia dos próprios punhos, contraídos de dor, aos galopes dos que adivinharam o perigo daquela ascensão".

Completaria Hermes de Lima:

"Tobias pertenceu à fulgurante plebe, ao grupo de homens de origem humilde, mestiça, que, através das Academias, invadiu a vida pública e a vida intelectual do Brasil anunciando a sociedade nova que vinha surgindo".(7)

Não foi Tobias um filósofo, não estruturou uma Cosmovisão. Foi um divulgador, entre nós, das mais avançadas correntes filosóficas do seu tempo. Oscilou entre o Monismo haekelino-darwinista e o Dualismo culturalista neo-kantiano. Tornar-se-ia, porém, o primeiro representante, no Brasil, das correntes materialistas que se afirmavam na Europa, segundo as quais os fenômenos da natureza são explicados pelas trocas evolutivas de uma substância material única. Assim, opôs o naturalismo, o racionalismo e o evolucionismo à escolástica até então dominantes.

"Tobias Barreto foi precursor no Brasil não somente do pensamento materialista como também do pensamento dialético", escreveu Zlaklob Bazarin (8).

Criticou Augusto Comte "na pretensa lei dos três estados", ao dizer que os estados idealizados pelo criador do Positivismo (teológico, metafísico e científico) coexistiam numa mesma sociedade, e concluía:

"A idéia da Evolução nunca foi ninho na cabeça de Comte".(9)

Criticou Hegel na pretensão de que sua filosofia fosse "uma conciliação absoluta do pensamento e da realidade", quando não ia além "de uma volatilização espi-

ritualista do real e uma corrupção metódica do puro pensamento”.

“Pretendia ser mediano entre a liberdade e a necessidade, entre a intuição antiga e a intuição moderna, entre todas as coisas em fim, que até então haviam passado por absolutamente inconciliáveis; porém, no fundo, nada conciliou”(10).

Spencer recebeu sua crítica por não ter admitido a evolução fora da biologia.

Tobias acreditou na evolução, vendo a história como decorrente do progresso ilimitado do homem e da sociedade, ou seja, dialeticamente. Sob esse ângulo, concebeu todos os fenômenos naturais e sociais.

“O homem é um ser histórico, um ser que se desenvolve. A sociedade é um ser, e, como o homem, também é histórico. “Eu creio na marcha ascensional, no constante engrandecimento do Homem” (11).

Vamirech Chacon afirma ter sido Tobias o primeiro intelectual a analisar Karl Marx (12). Lera a 2ª. edição do Capital, de 1883, no original, deixando anotações. Também leu a Miséria da Filosofia, elogiando-a, sobretudo, pela crítica que fazia a Proudhon(13). Ainda conheceu as idéias anarquistas de Bakunine.

Em 1883, em discurso de colação de grau dos bacharéis citava Marx:

“Karl Marx diz uma bela verdade, quando afirma que cada período tem suas próprias leis... Logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estágio a outro, ela começa também a ser dirigida por leis diferentes”(14).

Em 1887 afirmava:

“Carlos Marx é o terrível crítico do capital e o mais valente pensador do século XIX no domínio da ciência econômica”(15).

Algumas vezes Tobias seria sacudido pelas idéias socialistas, como ao escrever:

“O socialismo é a luta contra a luta pela existência, já disse alguém que melhor o conhece; e eu faço número entre os subscritores dessa verdade” (16).

No Discurso em Mangas de Camisa, pronunciado em 1877 quando da função do Clube Popular de Escada, em determinado momento usou uma linguagem marxista:

“É certo que essa população se acha dividida não somente em classe, mas até então em castas: O povo brasileiro é um povo triste e sofrido, em cuja fronte, não poucas vezes, junto ao estigma da infelicidade, por cúmulo da miséria, a sorte imprime o estigma da ingratidão:

o povo que é número, mas um número abstrato, um número que não é força: perseguido, humilhado, abatido, a ponto de sobre ele os grandes disputarem e lançarem dados, como os judeus sortearam a túnica inconsútil do mártir do Calvário”.

E concluía:

“O Clube Popular Escadense, meus senhores nutre a pretensão, que seria ridícula, de vir levantar um dique de resistência contra a corrente de tantos males, cujo ligeiro esboço acabo de fazer, mas tem o intuito de incutir no povo desta localidade um mais vivo sentimento do seu valor, de despertar-lhe a indignação contra os opressores e entusiasmo pelos oprimidos”(17).

Em outro momento bradou:

“A liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista. Para o que é necessário que o povo se organize recorrendo a qualquer meio pois a salvação dos seus infortúnios está nele mesmo”(18)

Realisticamente escrevia:

“O Estado quer saber se os meninos aprendem – e porque, antes, não procura saber se eles comem” (19).

Pela clarividência dos argumentos, que podem ser atuais, chama a atenção seu dizer:

"É preciso que nos convençamos: a magna questão dos tempos atuais não é política nem religiosa: é toda social e econômica. O problema a resolver não é achar a melhor forma de governo para todos, porém, a melhor forma de viver para cada um; não é tranquilizar as consciências mas as barrigas. Que importa ao homem do povo que lhe dêem o direito de votar em quem quiser, se ele não tem o direito de comer o que quiser? Que lhe aproveita a liberdade de ir ao templo quando queira e orar a que Deus lhe aprovar, se ele não tem o direito de ir ao mercado quando lhe apraz e comprar o que precisa?"

Tais argumentos lembram a resposta de Mao-tse-tung a Roosevelt quando este lhe exigia que concedesse ao povo chinês as quatro liberdades em troca de ajuda na luta contra o japonês: a única liberdade que, no momento, ao seu povo interessava, era a de não passar fome...

Ainda Tobias complementaria o enfoque do problema:

"Não há nada de menos político e religioso que a fome. O peito aguenta meia dúzia de pancadas em ar de contrição; os joelhos suportam longas horas de posição devota em cima do tijolo. Mas a barriga... é uma libertina; não sofre com paciência dez minutos de necessidade. Assim o que convém mais que tudo é dar ao povo os meios de passar melhor e não enchê-lo de contínuo incenso, chamando soberano a esse pobre João-sem-terra, como justamente o qualificou Proudhon"(21)

Teve a percepção de luta de classes quando escreveu:

"Isto explica a impossibilidade, que tem havido até hoje, de uma cultura propriamente humana; porquanto, dentro da humanidade diferenciam-se as raças, dentro da mesma raça... os povos, dentro do mesmo povo... as classes, sempre a mesma luta, que acompanha estas diferenciações, pelo domínio de um dos contendores, que se encarrega do trabalho cultural e impõe-lhe o seu caráter" (22).

Evaristo de Moraes Filho diz que esse trecho "lembra a conhecida frase de Marx-Engels - as idéias dominantes de uma época são as idéias da classe dominante" (23)

O marxismo não impregnou a obra de Tobias. Nela deixaria apenas traços rápidos. Mas

"suas primeiras referências a Marx aguçaram a curiosidade brasileira por este novo alemão, entre tantos outros que Tobias descobriu para o nosso país."

A repercussão das idéias precursoras, porém vacilantes, de Tobias sobre Marx, fez-se sentir entre seus discípulos da chamada "Escola do Recife"(24).

Compareceu Tobias a dinâmica política em que vivia o Brasil, e como os partidos políticos existentes não tinham ideologia definida, ao afirmar:

"O chamado Partido Liberal que tem a pretensão de compreender melhor satisfazer as necessidades do povo, não tem sido aliás, menos hostil, menos incômodo ao bem-estar da população, do que o seu adversário. Quais são decerto os benefícios pelo povo recebidos do Partido Liberal? Os mesmos que lhe tem feito o Partido Conservador: opressão, aviltamento e desdém. Desde que, pois, não há para ele diferença entre o governo de uns e o governo de outros, que vantagem tira a mísero povo de bater mais palmas a estes do que àqueles?" (25)

Denunciou a alienação política dominante no Brasil de forma veemente, dizendo que o nosso governo

"deveria ser uma conclusão de sua própria história, alguma coisa de original e própria e não uma cópia do parlamentarismo britânico, qual o pretendiam os

liberais do Império, ou presidencialismo americano, qual o já sonhavam os sectários da república". "O governo do Brasil não pode ser parlamentar, a maneira que oferece a terra de Pitt e Palmerston, porquanto esse regime supõe ali uma penetração recíproca do estado e da sociedade que em geral nos outros países vivem divorciados". "Logo o único meio de salvar e engrandecer o Brasil, é tratá-lo de colocar em condições de poder ele tirar de si mesmo, quero dizer, do seio da sua história, a direção que lhe convém. O destino de um povo, como o destino do indivíduo não se muda nem se deixa acomodar ao capricho e ignorância daqueles que pretendem dirigi-lo. Há mister um estudo mais profundo da nossa gênese, a fim de dar remédio aos males que nos ferem" (26).

Escrevia sobre a necessidade de que nossa Constituição fosse um "produto selvático".

Apesar de seu fascínio pela Alemanha, onde as teorias racistas encontravam terreno para desenvolver-se, insurgiu-se contra a mania racial e etnológica da sua época, da supremacia de raças, sustentando a não existência de raças inferiores, considerando o anti-semitismo, que medrava na Europa, "como um rasgo de barbaria que há de sempre envergonhar a civilização ocidental".

Incisivamente escreveu em 1888:

"Quanto ao ponto relativo às raças – isto é apenas o efeito de uma outra mania, a mania etnológica. Eu quisera Lilienfeld viesse ao Brasil, para ver-se atrapalhado com a aplicação de sua teoria ao que observava entre nós. As chamadas raças inferiores nem ficam atrás. O filhinho do negro, ou do mulato, muitas vezes leva de vencida o seu coevo de puríssimo sangue ariano" (27).

Revolucionou a concepção do Direito ao trazer sua historicização. "Encampou e divulgou o pensamento do maior jurista da época e um dos maiores de todos os tempos Rudolf Von Jhering" (28). Novos rumos, entre nós, se abriram para a concepção do Direito com afirmativas como esta:

"Quando, pois, afirmo que o Direito é um fruto de cultura humana, é só no intuito de considerá-lo um efeito, entre muitos outros, desse processo enorme de constante melhoramento e nobilitação da humanidade: processo que começou com o homem, que há de acabar somente com ele, e que aliás não se distingue do processo mesmo da história" (29).

Foi Tobias um pioneiro da emancipação feminina, numa época em que a mulher era uma peça da engrenagem do patriarcalismo dominante, denunciando o despotismo a que estava condenada no seio da família. Apaixonadamente, defendeu, na Assembléia Provincial de Pernambuco, o direito da mulher cursar Medicina, quando enfrentou grande oposição dos colegas, afirmando porém:

"Eu tenho para mim, como verdade claríssima, que um dos maiores embarços, com que luta a civilização, é a ignorância desproporcional da bela metade do gênero humano; ignorância, por cúmulo de intelicidade, aos olhos de uns ainda é uma coisa indiferente, aos olhos de outros uma coisa agradável, sim, mas fatalmente determinada, um adorno poético, um atrativo lírico... Não terá entretanto chegado para nós também a ocasião de acabar com estes erros de velhas eras?" (30)

Tem sido Tobias criticado por omissão nos movimentos abolicionista e republicano que agitavam o Brasil na época, de não ter deles participado na praça pública como fizeram outros intelectuais contemporâneos. Em suas obras, porém, encontramos a crítica às instituições imperiais, especialmente ao Imperador Pedro II, bem como suas convicções republicanas ao referir-se à miséria política e o abatimento moral resultantes do regime de Pedro II, e ao apregoado talento e sabedoria do imperador.

Entaticamente escrevia que "o Brasil se encontra à discrição de três personagens: Deus, o Diabo e o Imperador" (31). Dizia:

"Eu desejo a abolição de todas as instituições caducas, que são outras tantas afrontas à dignidade do homem, desejo a extinção de todas as excrecências, de todos os órgãos rudimentares e deturpantes da sociedade humana. Neste caso está sem dúvida a escravidão. Porém entendamo-nos: neste caso está também a monarquia" (32).

"Um dia virá em que a escola dar-nos-á mães e esposas republicanas e reanimará o vigor dos costumes, sem os quais não pode existir um povo verdadeiramente grande" (33).

Os versos, em que enaltecia a luta da Polônia em prol da independência, traduzem sua convicção anti-monárquica:

"Só é grande a liberdade
que sacode a magestade
e arranca as jubas do rei" (34).

Quanto à sua posição ante o abolicionismo, Tobias não deixou de nele participar, ao contrário do que dizem, geralmente, seus críticos. Além da referência que há em seus livros ao problema, como, por exemplo, ao criticar Aristóteles quando este justificava a escravidão, considerando-a natural, desde quando há homens que nasceram para ser escravos. Vê a afirmativa do filósofo grego como "um erro que faz um triste contraste com o esplendor da sua memória" (35). Em sua obra poética há poemas denunciando a escravidão como *Escravidão* (1868), *Ignorabimus* (1880). As pesquisas recentes feitas pelo jornalista e pesquisador Luís Antonio Barreto porém, vêm mostrar a participação ativa de Tobias Barreto, ao ligar-se à Sociedade Nova Emancipadora, encarregada da libertação dos escravos no município do Recife. Em seu nome, em 1883, saudou Carlos Gomes na homenagem que lhe foi prestada pela participação na libertação dos escravos. Também participou da Associação Mista Redentora dos Cativos e Ingênuos. Através do jornal *O Industrial*, com sua direção, "defendeu a dignidade do trabalho, libertando o homem do papel de motor, apresentando-o como condutor de forças" (36).

Só dentro do momento em que viveu e das condições que enfrentou para sobreviver, é que podemos compreender a obra legada por Tobias Barreto. Ele mesmo dizia:

"Eu não sou bastante forte para fazer à minha imagem e semelhança a sociedade em que vivo; mas esta, por sua vez, não é bastante forte para me levar em sua corrente. Daí uma eterna irreducibilidade entre nós". (37).

A Província de Sergipe como se comportou ante a caminhada do seu ilustre filho em outras plagas? Dois episódios atestam que o acompanhavam de longe. Um, do Presidente da Província, Herculano Inglês de Souza, quando o nomeou, em 10 de agosto de 1881, professor de Gramática, Língua e Literatura Alemã do Atheneu Sergipense, e Diretor-Geral da Instituição Pública da Província, cargos que ele não aceitou ante seus interesses em Pernambuco (37). Outra atitude veio de jovens sergipanos ligados à Academia de Direito do Recife, apresentando seu nome, em 1884, ao eleito sergipano como candidato à cadeira de Senador, vaga com o falecimento de Antonio Diniz de Siqueira e Melo, desde quando o cargo era vitalício. Não obteve, porém, resultado o manifesto (39). Mesmo hoje, os políticos não abriam mão de um posto tão cobiçado para prestigiar a inteligência e a cultura...

Otávio Brandão, embora frisando as contradições de Tobias, para ele decorrentes de sua condição de pequeno burguês e da instabilidade da situação econômica em que viveu, bem definiu a atuação exercida pelo pensador sergipano e o seu legado à evolução do pensamento brasileiro.

"Para nós, verdadeiros patriotas e humanistas, democratas e revolucionários, Tobias Barreto foi, no fundamental, um escritor progressista, pensador

audaz, precursor do livre pensamento brasileiro. Fez tremendos esforços para superar o atraso, a miséria e a barbaria intelectual da época. Iniciou a rutura com o ambiente." "Foi combatido, hostilizado – e ainda o é – pelos místicos, reacionários e obscurantistas. No meio dos tristes letrados, escribas do Império, manteve nobre dignidade e bravía independência. Seu exemplo deve ser apontado aos intelectuais do presente. Sua obra é um grande patrimônio do povo brasileiro"(40):

Tobias Barreto não podia, ante suas condições e as condições da época em que viveu, ir além de onde chegou. É assim que deve ser estudado e compeendido.

Notas

- 1 – A escola, se de escola merece o nome, que aprovou a literatos fluminenses designar pelo título de tauto-sergipano, com o claro intuito de produzir impressão cômica, pela associação da Alemanha à província natal dos dois infatigáveis promotores do germanismo nas letras brasileiras, mas sem saber que desta arte lhes conferem, bem como à sua terra, uma honra imensa, cujo valor só no futuro é dado conhecer, uma total escola ainda tem a lutar com dificuldades e embaraço, que anos e anos de combate não têm podido arredar”, escreveu Tobias Barreto em 1881. **Estudos Alemães**, Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1978, p.16.
- 2 – Veríssimo, José. **História da Literatura Brasileira**, Liv. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1916, p. 351.
- 3 – Campos, Virgílio. **Tobias Barreto e a Revolução Jurídica Alemã**. Coleção Tobística 1, Recife, 1988, p. 8.
- 4 – Lima, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana**. Aracaju, Liv. Regina, 1971, p. 147.
- 5 – Ofício do Inspetor-Geral dos Estudos, Dr. Pedro Autran da Matta Menezes, ao presidente da Província de Sergipe, Dr. João Dabney d'Avellar Brotero, de 10 de abril de 1858. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
- 6 – Romero, Sílvio. **Realidade e ilusões no Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios**. Vozes/Governo do Estado de Sergipe, 1979, p. 162/163.
- 7 – Lima, Hermes. **Tobias Barreto**, São Paulo., 1939, p. 1.
- 8 – Bazarian, Zlaklob. **Tobias Barreto – “ilustre pensador brasileiro”**. In Tobias Barreto – Depoimentos. Governo do Estado de Sergipe – 1978, p. 42.
- 9 – In Brandão, Otávio. **Intelectuais Progressistas**, Organização Simões Editora, Rio, 1956, p. 35.
- 10 – Barreto, Tobias. **Questões Vigentes**, Edição do Estado de Sergipe, 1926, p. 250.
- 11 – In Brandão, Otávio, obra citada, p. 20 e 21.
- 12 – Chacon, Vamireh. **História das Idéias Socialistas no Brasil**. 2ª edição, Edições UFC/Civilização Brasileira, 1981, p. 168.
- 13 – “França que sabe filosofar de **omnibus e quibusdam aliis**, e tanta que lhe devemos até uma **Filosofia da Miséria**, que somente serviu para por em relevo, como mostrou Karl Marx, a **Miséria da Filosofia**. Barreto, Tobias. **Filosofia e Crítica**. Edições do Estado de Sergipe, 1926, p. 252.
- 14 – Barreto, Tobias. **Questões Vigentes**. Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1926, p. 217.
- 15 – Barreto, Tobias. **Estudos Alemães**. In Brandão, Otávio. obra citada, p. 46.
- 16 – Barreto, Tobias. **Filosofia e Crítica**. Edição do Estado de Sergipe, 1926, p. 251.
- 17 – Barreto, Tobias. **Discurso em Manga de Camisa**. In Discursos. Edição do Governo de Sergipe, 1926, p. 114.
- 18 – Afirmativa que lembra os estatutos da Internacional quando diz: “A emancipação da classe operária deve ser obra da própria classe operária”.
- 19 – Barreto, Tobias. **Estudos Alemães**. Estado de Sergipe, 1978, p. 341.
- 20 – Tobias Barreto. **Vários Escritos**. Edição do Estado de Sergipe, 1926, p. 126.
- 21 – Idem.
- 22 – Barreto, Tobias. **Estudos Alemães**. Edição do Estado de Sergipe, 1926, p. 311.
- 23 – Moraes Filho, Evaristo de. **Medo à Utopia**. Editora Nova Fronteira/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1985, p. 191.
- 24 – Chacon, Vamireh. obra citada, p. 171.

- 25 – Barreto, Tobias. **Vários Escritos**, citado, p. 126.
- 26 – Barreto, Tobias. **A Questão do Poder Moderador e Outros Ensaio-ros**. Editora Vozes/Instituto Nacional do Livro, 1977, p. 85 e 86.
- 27 – In Moraes Filho, Evaristo de. obra citada, p. 51.
- 28 – Campos, Virgílio. Obra citada, p. 9.
- 29 – Barreto, Tobias. **Estudos de Filosofia**, tomo I, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1966, p. 200-1.
- 30 – Barreto, Tobias. **Estudos Alemães**. Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1978, p. 42.
- 31 – Barreto, Tobias. Idem, p. 341.
- 32 – Artigo de fundo do jornal **Contra a Hipocrisia**, nº 6, de 5 de outubro de 1879. In Luís Antônio Barreto. Obra citada, p. 12.
- 33 – Barreto, Tobias. **Estudos Alemães**, citado, p. 341.
- 34 – Barreto, Tobias. **Dias e Noites**. Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1978, p. 61.
- 35 – Barreto, Tobias. **Questões Vigentes**. Edição do Estado de Sergipe, 1926, p. 239.
- 36 – Barreto, Luís Antonio. Obra citada, p. 21.
- 37 – Barreto, Tobias. **Estudos Alemães**, citado, p. 341.
- 38 – Nunes, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Paz e Terra/Universidade Federal de Sergipe/Governo do Estado de Sergipe, 1985, p. 150.
- 39 – Arquivo Público do Estado de Sergipe, Caixa 22, Doc. 13.
- 40 – Brandão, Otávio. Obra citada, p. 56.

"Voltar a Tobias, é progredir". A afirmativa é de um intelectual que se tornou muito conhecido pelo seu espírito de independência e inesquecível talento: Graça Aranha. E se um escritor do seu porte, um nome com a sua legenda, avançado em termos de literatura, rebelde contra os modelos de sua época assim se pronuncia com tanta ênfase, é que ele conhecia de perto, desde a juventude, e por isto bem podia avaliar e enaltecer a obra do poeta e prosador sergipano.

Graça Aranha via Tobias Barreto em sua plena autenticidade: audacioso e brilhante divulgador de idéias novas. Evidentemente não se poderia afirmar, sem uma certa dose de exagero, que o fundador da chamada "Escola do Recife" tenha sido um filósofo. Não, ele não deixou uma doutrina. Soube, entretanto, como nenhum outro no seu tempo e raros posteriormente, divulgar o pensamento, e analisá-lo com o seu senso crítico, de autores famosos no mundo inteiro. E nesse trabalho de divulgação, prolongado e sofrido, deixou a marca do seu talento. Ainda que não fosse assim, Tobias teria assegurado um lugar na cultura nacional não apenas como poeta, crítico, polemista e estudioso do Direito, mas também como orador, professor e jornalista.

O ORADOR

Foi Itabaiana, no agreste sergipano, que despertou em Tobias Barreto o amor pela vida. Pelo amor puro e o chamado amor proibido, as festas sociais e as serenatas, a religião e o magistério, a poesia e o violão. Foi lá, ao pé da serra azulada, que compôs canções populares. Também de sua autoria uma composição que faz parte do hinário local.

Mais tarde, ao longo dos anos, seria descrente, passaria até por um ateu. Não poderia renegar, entretanto, a sua fase de misticismo apesar do temperamento boêmio que o acompanhou até à sepultura. E foi nessa fase inicial de vida que começou a cultivar o dom de oratória. Quando não estava na escola ou na serenata ou no coro da igreja, discursava em aniversários e falava da tribuna do júri. Mas foi em Pernambuco, inegavelmente, estudante e professor de escola superior, advogado e parlamentar, jornalista e poeta, que desenvolveu os seus dotes tribunícios.

Filho do povo, rebento de um irrequieto chefe político do interior, tendo recebido, em criança, lições de civismo, não se deixa fechar em torre de marfim. É diferente dos seus colegas de São Paulo, que vivem nas tabernas, esquecendo, no romantismo doentio, as dores do mundo. O condoreirismo a que se entrega com ardor, é uma prova de que não pode viver insulado, longe da multidão. Seu estro não é genial, mas, não é medíocre nem piegas. Está a serviço das causas justas. Por isso, a sua lira é uma das que soa mais alto. Em 1864 já o provara quando fizera versos à Polônia. Agora está ainda mais ligado aos arrebatamentos populares. É um dos líderes incontestáveis da juventude do Recife.

Sua eloquência atinge diretamente a imaginação das massas. Tem uma espantosa facilidade de expor o pensamento e argumenta com lógica e precisão. Não escolhe local para pronunciar discursos e conferências. Fala sobre religião, filosofia, direito, arte e literatura, nos corredores da faculdade, no teatro, nas boticas e até nas barbearias. É absorvente. Tem a sua roda, os seus adeptos, de modo que nunca está sem público e sem aplausos. Geralmente começa as allocuções em tom de conversa

comum, num pequeno círculo de amigos e curiosos, mas logo se inflama, contagiando o auditório com o seu entusiasmo. Brotam-lhe da boca nomes estrangeiros, que os seus colegas e vários dos professores não conhecem. Nessas ocasiões, altera-se-lhe a expressão fisionômica e os gestos, por vezes largos e nem sempre ritmados, completam-lhe a frase.

A Guerra do Paraguai, que emenda na campanha da Banda Oriental do Uruguai, vem ao encontro do seu temperamento ardente, oferecendo-lhe tema e ensejo para grandes instantes. O conflito poderia ter sido previsto. Francisco Solano Lopez retornara da França impressionado com o imperador Napoleão III e pretende retirar o seu país, pela porta das conquistas territoriais, do isolamento a que se acha submetido desde o governo de D. José Gaspar Francia. Deseja ampliar-lhe as fronteiras com a anexação de províncias de países vizinhos.

Para a sua aventura, mobiliza um exército de setenta e oitenta mil homens, organiza pequena, porém aguerrida esquadra e prepara, com a colaboração técnica de alguns engenheiros europeus, uma cadeia de fortalezas militares, situadas em pontos estratégicos.

O Brasil dispõe de regular força naval, mas o seu exército espalhado em um extenso território, é de apenas uns dezesseis mil homens. Não alimenta o império de D. Pedro II idéias expansionistas e a estas razões deve ser somada a nossa imprevidência. Por tudo isso, não se pode esperar, incontinenti, as primeiras investidas dos paraguaios. Contudo, a invasão do solo brasileiro põe à prova o patriotismo da nossa gente. A 7 de janeiro criam-se os corpos de Voluntários da Pátria, organizando-se na Bahia o primeiro Batalhão. Neles se alistam jovens e velhos.

Estudantes da Faculdade de Direito do Recife, como José Joaquim Ramos e João Batista da Corte Leal abandonam os estudos na quinta série e se juntam aos que partem para a peleja. É o dramático e febricitante momento de apelos à honra e dignidade e cada um se empenha, como pode, para prestar a sua colaboração. Vive-se um ciclo de heroísmo, que todos contagia. Castro Alves e outros estudantes, após uma reunião, organizam pequeno contingente, cujo comando entregam ao professor Trigo de Loureiro, com os seus sessenta e oito anos de idade e a sua carranca. Esse batalhão não vai à guerra, mas os discursos e os versos dos seus organizadores ajudam a preparar um clima favorável à mobilização de novos corpos de tropa.

Nesse período, o mais agitado de todos é Tobias Barreto. Está por toda parte onde se formulam indagações ao espírito de renúncia dos brasileiros. Declama e discursa na escola, no teatro, nos cafés, nas livrarias, nas passeatas cívicas. No dia 28 de junho, em homenagem prestada ao II Batalhão de Voluntários de Pernambuco, que vai partir para luta, pronuncia vibrante discurso. Parece-nos pela ordem cronológica ser a sua primeira peça oratória que se guardou. Em um dos seus trechos diz o jovem orador: "O Brasil agita-se, — a mocidade o rodeia; — O Brasil triunfa, a mocidade ajoelha-se com ele para contemplar nos pátrios céus e voo de suas vitórias. E na face de tudo tem um pouco de alma — para sentir — um pouco de sangue para derramar — um pouco de vida para morrer, levar a claridade de um sentimento que absorve todo o vigor positivo e ordinário; paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pode conter com todos os seus ímpetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o céu, para glória, para a luz, para Deus. E este sentimento, senhores, é o patriotismo". De outra fase é o célebre "discurso" em mangas de camisa", pronunciado a 7 de outubro de 1870. O próprio título já diz que a peça é de destinação popular.

É uma arenga em que traça a finalidade do Clube Popular de Escada, que diz, destinar-se a incutir no povo local "um mais vivo sentimento do seu valor, despertar-lhe a indignação e o entusiasmo pelos oprimidos". Acrescenta: "o que mais salta aos olhos, o que mais fere as vistas do observador, o fenômeno mais saliente da vida municipal, que bem se pode chamar o expoente da vida geral do país, é a falta de coesão social, o desagregamento dos indivíduos, alguma coisa que se reduz ao estado de isolamento absoluto de átomos inorgânicos, quase podia dizer, poeira impalpável e estéril". Depois de combater os privilégios atribuídos às classes bem situadas, afirma: "Apenas, então, vem o povo, o povo triste e sofredor, em cuja fronte, não poucas vezes, junto ao estigma da infelicidade, por cúmulo de miséria a sorte imprime também o estigma da ingratidão; o povo que é o número, mas um número abstrato, um número que não é força; — perseguido, humilhado, abatido a ponto de sobre ele os grandes disputarem e lançarem os dados, para ver quem o possui, como os judeus sortearam a túnica inconsútil do mártir do calvário".

Depois de referir que a população local (da qual apresenta o estado de penúria em que se debate), é tida como propriedade dos "coronéis", lança o seu grito de rebeldia: "o povo de Escada a quem ora me dirijo, deve pôr-se fora da tutela. Tomando conta de si mesmo, e contestando aos poderosos a faculdade de dispor desta cidade, como de uma filial de suas fazendas, cumpre-lhe erguer-se à altura de um poder, com que eles devem contar, em bom ou em mal, e não continuar a ser um algarismo mínimo, um milésimo de força, cujo erro não lhe perturba os cálculos. Ao povo de Escada importa convencer-se que ele não tem para quem apelar, se não para o seu próprio gênio, que não é o da resignação e da humildade. Importa convencer-se que ninguém se lembra dele, ninguém por ele se interessa. Os magnatas do município, por mais que finjam o contrário, não escapam à censura de serem acordes no terror com desprezo a esta localidade".

Na Assembléia Legislativa estréia a 10 de dezembro de 1878, criticando manobras políticas dos conservadores. Mas, conservando a sua independência, um outro discurso seria para justificar uma indicação, modificando o Regimento da casa, a fim de poder criticar o Presidente da Província, por sinal seu correligionário do Partido Liberal. A sua contribuição mais importante, no entanto, como parlamentar atuante, seria à instrução, de modo especial à educação feminina. Defendeu com rigor e competência a aspiração de uma jovem que pleiteava uma bolsa para estudar medicina, travando debates de ordem científica com o deputado-médico Malaquias Gonçalves, ao qual disse frontalmente: "Eu ousa, pois, confiar na boa causa que trato de defender, e no bom gênio que me inspira, o gênio do reconhecimento e do culto rendido às excelências do belo sexo; ousa confiar, repito, que poderei também contribuir com algumas verdades, seriamente meditadas e francamente expressas, para arredar desta Assembléia a imensa responsabilidade de um pecado imperdoável contra o santo espírito do progresso, de um crime de lesa-civilização, de lesa-ciência, qual seria, sem dúvida, o de ficar aqui decidido, barbaramente decidido e assentado, que a mulher não tem capacidade para os mistérios científicos, para os mistérios que demandam uma alta cultura intelectual".

A tese retrógrada, que Tobias Barreto combatia, era a do Dr. Malaquias Gonçalves a propósito do peso do cérebro como fator de desenvolvimento mental. E perguntava o próprio Tobias: "O maior peso do cérebro é por si só uma lei?" Entende que não, e cita exemplo concreto: "Basta-me o seguinte fato: nós temos conhecimento do peso cerebral de alguns grandes homens. Perguntarei pois ao nobre deputado ou a outro qualquer que siga a mesma teoria, como pode explicar esse fenômeno: o cérebro de Byron, por exemplo, pesou 2.238 gramas e o de Dupuytren 1.436,

um peso tal que oferece para com o primeiro uma diferença de 802 gramas, um libra e três quartos, pouco mais ou menos. O a, a uma diferença tamanha no peso do cérebro deveria corresponder uma notável diferença intelectual entre os dois espíritos. Mas, por ventura, Byron, como poeta, foi maior que Dupuytren como cirurgião?" O próprio Dr. Malaquias Gonçalves reconheceu que não, ou melhor, que Dupuytren foi o melhor cirurgião do seu século.

O orador ainda se prolonga no seu discurso, censura o despotismo reinante na família brasileira, onde a mulher não tem nenhum direito civil; cita os nomes de várias moças que se distinguiram nas artes e nas ciências; expende argumentos sustentando que a companheira do homem tem disposições naturais para os altos estudos. Na segunda sessão em que debate o mesmo assunto, invoca, em favor de seu ponto de vista, a opinião de alguns sábios, mostrando ser decrépito o preceito do Dr. Malaquias, afirmando entre sério e zombeteiro: "Costuma-se dizer, e o nobre deputado repetiu esse dito ou princípio vulgar, que a missão da mulher é ser mãe... Da licença que eu refuto esse princípio, com outro, não menos vulgar? Sim, a missão da mulher é ser mãe da mesma forma que a missão do homem é ser pai. Ora, em que é que a missão de ser pai tem privado o homem de se dedicar à ciência? Do mesmo modo, pois, a mulher pode ser boa mãe, muito boa mãe, e, todavia, cultivar perfeita e profundamente a ciência".

Não satisfeito, em outra oportunidade, também na Assembléia Legislativa apresenta projeto de criação de uma escola com os cursos secundário e superior para o sexo feminino. Assim justifica a sua proposição: "Já é tempo, meus senhores, de irmos compreendendo que o belo sexo em Pernambuco, bem como no Brasil inteiro, tem o direito a maior soma de instrução do que lhe tem sido, até hoje, fornecida pelos poderes públicos. A escassa instrução elementar, que a província proporciona às suas filhas, não satisfaz, não pode satisfazer às exigências da época. A chamada secundária, que é dada nos colégios particulares, com raríssima exceções, está abaixo de qualquer crítica; e a superior é totalmente nula".

Quando hoje ainda se luta contra a discriminação, é que bem se pode avaliar quando Tobias Barreto era um pensador evoluído.

O PROFESSOR

Possuía Tobias Barreto uma vocação inata para o magistério. O mestiço desengonçado, que na aparência física lembrava um vaqueiro dos seus campos do Rio Real, ou um robusto pastor de bodes nos extensos tabuleiros que cercam a Vila de Campos, parecia, pelo menos em certos instantes, andar encourado. A sua típica desconfiança é que lhe dava, por certo, a agressividade. Lembrava, à primeira vista e para muitos, durante a vida inteira, um fruto agreste, um tanto azedo e áspero. Era a sua auto-defesa de gente modesta, sofrida e sozinha. De outro ângulo, afetuoso e sincero, leal e franco, evoluído e aberto, competente e progressista o viam os alunos. E os jovens, sem preconceito e sem perfídias, formando a vanguarda, ansiosos de renovação, entusiasmados com os gestos de audácia, como a eles aconteceu com relação a Tobias. A juventude não gosta de estagnação, da rotina, do marasmo, do conformismo. E o pensador sergipano não era acomodado nem acomodaticio, mas irrequieto, trepidante, entusiasta das idéias novas. Apto, portanto, pelo conhecimento sempre renovado e ampliado, a conviver com os estudantes. Assim demonstrou também como crítico musical, e como jurista consagrado com a obra "Menores e Loucos". Mas falemos do professor.

Nada menos de seis concursos ele presta, sendo injustiçado em quatro. O primeiro foi ainda em 1854, aos 17 anos de idade, em Maruim, na época uma das mais prósperas e movimentada das cidades sergipanas graças à indústria agro-açucareira. Aspirava a ser substituto do padre Pitangueira na cadeira de Gramática Latina da Vila do Lagarto, onde morava e estudava. Aprovado, mas não nomeado quando o padre se aposenta, logo faz outro concurso em Aracaju, para lecionar latim na Vila de Itabaiana. Em 11/66 passa a ser professor público de latim, valendo-lhe por certo a experiência anterior, quando no Lagarto, em pequeno curso particular, ensinara a alguns meninos, inclusive a um primo e a um irmão daquele outro talentoso sergipano – Sílvio Romero – que mais tarde, no Recife e para sempre, se faria seu dedicado amigo.

Em 1865, já aluno da Academia de Direito, concorre, com o seu conterrâneo padre Felix Barreto de Vasconcelos, às provas de habilitação na cadeira de latim do Colégio das Artes e é aprovado, bem como o outro candidato. Anulado o concurso, perde a oportunidade, mas, não o ânimo e passa a dar aulas particulares de francês, latim, história, retórica, filosofia e matemática, percebendo rendimentos compensadores, da ordem de quatrocentos mil réis mensais aproximadamente. Seria um pioneiro dos “cursinhos”, tão em moda em nossos dias? O que se pode afirmar, com segurança, é que tinha pleno domínio de todas aquelas disciplinas que lecionava. Não obstante a vantajosa recompensa financeira, seu esforço é muito grande, pois o trabalho o absorve até altas horas da noite. Melhor seria o magistério público, razão por que se submete a novo concurso de latim, ainda para o Colégio das Artes, no mesmo ano de 1865. Conquista outra vez excelentes notas, porém não é nomeado. Ainda não era chegada a hora desejada!

A propósito do quinto concurso que presta, o próprio Tobias narraria o acontecimento, nestes termos, em latim que dirigida a 13 de outubro de 1880 ao Sr. Carvalho Lima Júnior: “Em outubro de 1867, concorri à cadeira de filosofia do Ginásio Pernambucano com o Dr. José Soriano de Sousa. Não obstante ir eu em primeiro lugar, fui preterido por esse doutor, alegando-se como razão da preferência, ele ser casado e eu solteiro”.

Na verdade, observamos nós, o concurso não passou de um embuste, prevalecendo o critério paternalista. Enquanto assim acontece, em 1874, ele que nem sequer conhece o Rio de Janeiro, recebe uma notícia auspiciosa: foi nomeado lente honorário de uma das cadeiras da Universidade de Heidelberg e do Instituto Livre de Frankfurt e eleito membro correspondente do clube dos Cosmófilos. Prêmio, sem dúvida, aos seus méritos intelectuais, a essa altura já muito apreciados na Alemanha.

Quem quer que se dedique à leitura da vasta e variada obra de Tobias Barreto, haverá, por simples espírito de justiça, de reconhecer-lhe as qualidades positivas: pujança do pensamento, agilidade mental, senso crítico, estilo claro e franqueza suficiente para expor as suas idéias. É o que bem se pode notar no seu estudo “Sobre uma nova instituição do Direito”, escrito entre novembro e dezembro de 1881, em que aponta as deficiências das faculdades de Direito, indicando os respectivos corpos docentes como responsáveis pelo mal estar que a instrução vem causando à juventude brasileira. Pois é com a responsabilidade dessa observação que concorre, ao lado de mais quatro candidatos, ao magistério na Academia de Direito. Seus concorrentes são Laudelino Drumond, Francisco Gomes Parente, Manuel Portela e Augusto de Freitas e se vão, à moda do tempo, arguir mutuamente. As disciplinas são muitas: Direito Natural, Direito Romano, Direito Público Universal, Direito Constitucional, Direito das Gentes, Diplomacia, História dos Tratados, Direito Eclesiástico, Direito

Civil, Direito Criminal, Direito Comercial e Marítimo, Economia Política, Teoria e Prática do Processo Civil, Comercial e Criminal. Para um leque tão amplo, concorre Tobias como um total de 48 teses. Mas se mostra tão seguro de si mesmo, que em lugar de apegar-se aos livros, frequenta assiduamente o Teatro Santa Isabel, faz crítica teatral, elogia cantores. Iniciadas as provas, formam-se dois grupos de acadêmicos, um em torno de Augusto de Freitas e outro, maior e mais agressivo, em volta de Tobias. Os demais candidatos não têm simpatizantes nas rodas estudantis.

Esse concurso foi o mais retumbante que já se realizou em Recife, servindo como divisor de águas do ensino das Ciências Jurídicas e Sociais no país. Tobias participa com a inovação, como direito autoral, por exemplo, com a audácia e a presença de espírito que tanto agrada aos jovens. É a propriedade e clareza de explanações como indica este pequeno trecho: "O direito surgiu quando a sociedade, tendendo para um estado melhor, quis uma garantia maior. O direito absorveu a força e, consorciados, regem o mecanismo da sociedade, porque o direito sem a força é uma palavra vã; a força sem o direito é uma brutalidade". Sob a influência da cultura alemã, que já vinha propagando, e os aplausos de moços talentosos como Clovis Beviláquia, Gumersindo Bessa, Artur Orlando, Faelante da Câmara, Sousa Bandeira, Fausto Cardoso, Manuel dos Passos de Oliveira Teles, Martins Júnior, Viveiros de Castro, Urbano Santos, Benedito Leite, Abelardo Lobo, Graça Aranha na graça dos seus quatorze anos e já primeiranista de Direito e tantos outros, implanta na Academia a famosa "Escola do Recife", pejorativamente cognominada de "Teuto-Sergipana".

Nomeado por D. Pedro II a 17 de agosto do mesmo ano do concurso, Tobias Barreto, metido nas suas botinas de elástico, fraque cinza e calça branca, gravata escura de retrós e cabelos despenteados, enche a Academia de novas idéias. Com o bigode cheio, caído sobre os cantos da boca grossa, lábios roxos, os olhos vivos, a fronte alta, os braços curtos, as mãos pequenas, a palavra fácil, a gesticulação abundante, mas eloquente, é ele uma figura dotada de imensa atração pessoal. Suas aulas são assistidas, também, pelos demais professores da escola e até mesmo por pessoas estranhas ao estabelecimento. Quando fala, é o jurista e o filósofo, o crítico e o poeta que se fundam e, através a eloquência do magnífico orador, deslumbra todo o auditório. Suas preleções despertam curiosidade e entusiasmo. Não é um professor como tantos outros. Não se confunde. Ensinando, mostra conhecer e dominar perfeitamente, além da matéria jurídica, várias línguas, sendo versado no Direito Romano, nas literaturas grega e germânica, no movimento cultural, passado e presente, de numerosos países. Tolerante com os jovens, em torno dele se agrupam diversos acadêmicos, ansiosos de, sob a sua bandeira e animados pelo seu dinamismo, demolirem as velhas instituições do direito ainda predominante no Brasil.

A vibração estudantil é um sintoma evidente de que a presença de Tobias na escola está criando um mundo novo, de liberdade e cultura. Paradoxalmente essa forte personalidade não percebe vencimentos suficientes para adquirir livros caros e assegurar o necessário conforto à família. Por isso mesmo, abre um curso particular, iniciando-o com uma matéria: Direito Constitucional. Com esta iniciativa, enquanto procura aumentar as suas rendas, maior proveito proporciona à mocidade estudiosa. Numa de suas aulas ensina: "O Estado não é uma sociedade perpétua. Todo organismo tende a destruir-se; e destruído o organismo, cessam suas funções, cessando com elas sua resultante — a vida. Ora, o Estado é um organismo. Não pode, consequentemente, deixar de submeter-se a essa imposição das leis naturais. É verdade que ele não morre como o organismo humano, porque aqui há um ser individual que desaparece em pouco tempo, ali há um ser coletivo, uma série de gerações que se sucedem, mas que hão de fatalmente exaurir-se e definir pela continuidade do tempo. A própria história nos dá conta de grande número de Estados que tiveram sua infân-

cia, sua puberdade, virilidade, e pereceram pela senilidade. Assim não se pode dizer que o Estado é uma sociedade perpétua”.

Desejoso de desenvolver amplamente o seu programa de filosofia, é na escola que encontra a oportunidade de fazê-lo. Quando da colação de grau do bacharelando Hermenegildo Militão, na qualidade de paraninfo desse seu conterrâneo pronuncia um discurso quebrando um ritual da casa. Em vez de uma oração acadêmica, prefere pregar a idéia do direito, e o faz enfaticamente com estas palavras: “É mister bater, com vezes e com vezes repetir: o direito não é um filho do céu, é simplesmente um fenômeno histórico, um produto cultural da humanidade. A serpe que não devora a serpe, não se faz dragão; a força que não vence a força, não se faz direito, o direito é a força que matou a própria força”.

Essa tese provoca a mais inflamada polêmica de quantas sustentou, tendo como principal adversário o padre Joaquim Albuquerque Fonseca, do Maranhão, que conta, em Recife, com o apoio de determinadas personalidades que não gostam de discutir princípios e procuram esconder-se sob pseudônimos. Os estudantes, porém, que lhe apreciam a coragem e a cultura, não regateiam aplausos e apoio. Eis um exemplo de grande significação: tendo morrido o senador por Sergipe, Antônio Diniz de Siqueira Melo, os acadêmicos da Faculdade de Direito do Recife, seus conterrâneos, em número de vinte e três, lançam-lhe a candidatura. E justificam a sua atitude, considerando-o “um raro talento”, “uma ilustração singular” e “um caráter puro e conspícuo”, que tem verberado contra a imoralidade, a corrupção, o aviltamento da alma nacional e das instituições. E proclamam, com ênfase: “Na imprensa, na tribuna, já como poeta, já como filósofo, o único escopo deste grande espírito tem sido ilustrar e melhorar o povo, o povo a quem ele ama, com quem se identificou, obedecendo aos índices democráticos do século sem cair na fúria demagógica”.

Declaram ainda os jovens acadêmicos subscritores do documento que não pretendem negar o merecimento dos outros candidatos. Desejam apenas salientar que Tobias Barreto não é indiferente ao bom público, que sente as dores da pátria e se interessa pela solução dos problemas coletivos. Um mês depois, os estudantes sergipanos que cursam a Faculdade de Medicina da Bahia, num total de quarenta e quatro, também se dirigem ao eleitorado de sua província, recomendando o nome de Tobias Barreto. Não querem ferir direitos políticos de quem quer que seja — esclarecem — mas dizem não conhecer “cidadão mais patriota, mais esforçado pelos direitos do povo, do que ele, que tem defendido, com a palavra e com a pena, os maiores problemas sociais”. Pena que a opinião dos estudantes, todos eles moços esclarecidos, não tenha prevalecido junto aos chefes políticos de Sergipe, cuja bancada, se tivesse, cuidado da eleição de Tobias, seria na época a mais representativa do País pelo grande conceito intelectual que o mesmo desfrutava.

O JORNALISTA

Difícil, muito difícil mesmo seria Tobias Barreto não aderir ao jornalismo. Evidentemente nunca se relaciona o seu nome ao lado de outros expoentes do seu século, como Joaquim Gonçalves Ledo, padre Januário da Cunha Barbosa, Evaristo da Veiga, Alcindo Guanabara, José do Patrocínio, Luiz Gama, Quintino Bocayuva e outros. Naturalmente assim acontece porque aqueles se empenhavam em campanhas de âmbito nacional, como a Independência, a Abolição da Escravatura e a instituição da República, sobretudo porque viveram na Corte. Nem por isto, deixou de ter um papel destacado na imprensa brasileira. Começou, ainda estudante, como um dos diretores do jornal “O Acadêmico”, cabendo-lhe redigir o artigo de apresentação. E du-

rante anos seguidos foi fundando jornais, alguns dos quais ele mesmo compunha e imprimia com as próprias mãos. E é pelos jornais que se pode observar o seu temperamento de lutador, pelas polêmicas que manteve e a sua linha filosófica de pensador que não aceitava a mais nova doutrina como a palavra final da ciência. De jornalista tinha a inquietação, o desejo de transmitir, a necessidade de comunicar-se. E nessa condição traça novos rumos, rasga novos horizontes para a imprensa da província, saindo da bitola a que se acham presos muitos conterrâneos. Se é para xingar, ele xinga, mas prefere divulgar princípios. Através dos estudos, observa as transformações por que está passando o mundo: as tendências críticas e os estudos das condições sociais lançam a última pá de terra no romantismo; surgem o culto à ciência e a rebelião da filosofia contra o espiritualismo eclético da época; na poesia, torna-se vitoriosa a escola parnasiana e o romance é feito dentro dos moldes naturalísticos; há mudança na estrutura patriarcalista da sociedade, na economia e nas condições de trabalho.

No Brasil, mesmo, já se fazem sentir os reflexos dessa transformação, que se processa em todos os setores da atividade humana e Tobias Barreto um dos primeiros a propagar e defender as idéias que empolgam outros povos, que predominam em outros países. É ainda um dos primeiros que tem conhecimento das novas tendências políticas em algumas nações européias e o primeiro a dar o grito de rebeldia no terreno filosófico, com a publicação, no jornal "Regeneração", do artigo "A propósito de uma teoria de S. Tomás de Aquino". Nesse escrito demonstra mais segurança, clareza e independência que em outro feito um mês antes e ao qual dera o título de pensar há tomado em nossa época, a tendência geral do século é o espiritualismo. O senso da infinitude, do divino, alargou os círculos da inteligência humana em todas as suas aspirações". Aí não se lhe observa um rompimento definitivo com as velhas ligações, apenas uma informação que não deixa de revelar um estado de alerta e curiosidade. Ainda não é a sua passagem, porém a ponte que lança ente duas fases distintas. Por sobre ele é que chegará ao outro lado, deixando atrás o espiritualismo católico. É o que se efetiva com o trabalho sobre S. Tomás de Aquino, quando se liberta igualmente do espiritualismo de Jouffroy e Biran, Cousin e Maine, ao afirmar: "O que mais é a coragem com que nesse século se desce aos subterrâneos em que jáz feito cinza o cadáver da escolástica e se pretende ressuscitá-la para oferecê-la ao público". Foi esse o artigo que motivou a sua primeira polêmica, por sinal em termos brandos, com o seu colega Manuel Godofredo Autran.

"Guizot e a escola espiritualista do século XIX". É o quartanista de Direito que afirma no trabalho sobre Guizot: "Não obstante as diversas tendências particulares que o livre pensar há tomado em nossa época, a tendência geral do século é o espiritualismo. O senso da infinitude, do divino, alargou os círculos da inteligência humana em todas as suas aspirações". Aí não se lhe observa um rompimento definitivo com as velhas ligações, apenas uma informação que não deixa de revelar um estado de alerta e curiosidades. Ainda não é a sua passagem, porém a ponte que lança entre duas fases distintas. Por sobre ele é que chegará ao outro lado, deixando atrás o espiritualismo católico. É o que se efetiva com o trabalho sobre S. Tomé de Aquino, quando se liberta igualmente do espiritualismo de Jouffroy e Biran, Cousin e Maine, ao afirmar: "O que mais é a coragem com que nesse século se desce aos subterrâneos em que jáz feito cinza o cadáver da escolástica e se pretende ressuscitá-la para oferecê-la ao público". Foi esse o artigo que motivou a sua primeira polêmica, por sinal em termos brandos, como o seu colega Manuel Godofredo Autran.

Autodidata que se inicia na língua alemã, mostra-se mais profundo e mais audacioso e escreve um ensaio discordando da obra de Jules Simon, intitulada "Religião Natural". São vários os artigos publicados no "Correio Pernambucano" sob a epígrafe geral de "Estudos de Filosofia", constituindo uma crítica aos filósofos france-

ses, considerando-os superficiais e incapazes de resolverem uma só dúvida do espírito humano. Conclui afirmando não temer o exame do seu trabalho contanto que seja honesta a apreciação. Interessante é que um dia receberia um convite de Jules Simon para tomar parte no Congresso internacional de Homens de Letras como representante das Américas.

O aparecimento do Clube Republicano, na Corte do Rio de Janeiro, lhe oferece motivo para uma longa série de artigos. Fazendo um estudo a respeito das instituições monárquicas, diz: "Ora o povo brasileiro não se constitui, foi constituído. Vede bem a diferença. Como atividade, como força, como espírito, ele não deu a si mesmo os órgãos e funções de sua vida social. Tudo lhe foi outorgado, como a um autômato imenso que devesse bulir só por virtude de quem tivesse aquela mágica e suprema chave de toda a organização política". E acrescenta: É possível ao indivíduo engrandecer-se por qualquer excelente predicado; mas nenhum povo é realmente grande, se não for pela liberdade, que tem ou que conquista".

E se mostra um defensor do municipalismo ao afirmar, dentre outras coisas: "Sem município, não podemos ter província, sem província jamais teremos império". Tem mais intenção do que muitos republicanos que se fizeram famosos, quando assinala: "por maior que seja atualmente a gritaria dos áulicos, nos festins da realeza, por cima de todos os ruídos e algazarras da época, é possível distinguir alguma coisa de estranho, que vem sobre nós, para salvar-nos ou perder-nos, de um modo irresistível. E como quer que seja, não há dúvida que estamos em uma hora solene e decisiva. O instinto superior do povo atira-se em busca de não sei que nova forma de vida, pela necessidade de uma regeneração social". Foi por volta de 1870 que assim se pronunciou. Também muito antes da proclamação da República, talvez fosse dos poucos a exaltar em versos a figura de Deodoro, chamando-o de

"Águia sem rapacidade
grande herói sem ambição".

Mera coincidência?

A língua portuguesa ficou a dever-lhe a criação dos termos "generalidade", "enlarguecer", "característica", "novelística", "elaborado", "salonismo", "medializado", "hipotetizado" e outros. Ligado à imprensa, através de tantos órgãos em que colaborou, de tantos jornais que fundou e de tantos artigos que escreveu, criou também, e é muito usada hoje em dia, em plena época de esplendor dos meios de comunicação, uma palavra que distingue, com muita propriedade, uma classe das mais atuantes: esta é a palavra jornalística. E é como integrante da classe que o sábio confrade assim batizou, simples repórter, portanto, que ao invés de uma análise, um estudo, um ensaio sobre a obra de Tobias Barreto, preferimos fazer apenas um relato de algumas das suas atividades intelectuais; uma notícia, modesto ponto de referência em homenagem à sua memória.

INSTITUTO HISTORICO E
GEOGRAFICO DE SERGIPE

Rua Ildefonso, 41

ARACAJU — SERGIPE

TOBIAS BARRETO: Notas para um reexame de sua maneira e de seu papel como intelectual

Nelson Saldanha

"Quer me parecer que, se reduzir a livros todos os meus trabalhos jornalísticos, todos os meus escritos de ocasião, todas as minhas notas de carteira e até todos os apanhados de minhas conversações particulares, (...) eu já poderia ter em torno de mim, para proteger-me contra os inimigos, uma escolta de dez ou doze volumes" – Tobias Barreto.

"Reformador no círculo inteiro dos conhecimentos humanos, na poesia, na crítica, na política, na filosofia, Tobias Barreto não o é menos no estilo. Nem se devia esperar outra coisa, porque a linguagem sofre a influência do pensamento como o vegetal a do terreno em que se desenvolve" – Artur Orlando.

De diversos modos os intelectuais têm tentado e proposto a classificação de si próprios. Cita-se com frequência a alusão de Gramsci aos intelectuais "orgânicos", distintos do não-orgânicos; cita-se Mannheim, que, em seu ensaio sobre a "Inteligentia", ocupa-se sugestivamente da sociologia da vida intelectual. Poderíamos citar ainda, dentro do tema, os estudos de Wright Mills e de Lewis Coser, entre outros.

Todas as possíveis classificações, contudo, somente adquirem sentido na medida em que são colocadas sobre imagens históricas. Ortega chegou a aludir ao intelectual como um personagem que surge na história antiga em contextos paralelos e em época mais ou menos correlata: segundo ele Hesíodo e Amós, na Grécia e em Israel do século VII A.C., teriam constituído os primeiros intelectuais propriamente ditos. Opinião discutível, mais indicadora de um problema relevante. Pode-se falar, com efeito, em "intelectuais" existindo desde as primeiras civilizações, como escribas ou sacerdotes; pode-se porém, com critério mais restritivo, encontrar a espécie somente entre os críticos, ou os autores de obras específicas, entes que aparecem senão depois de certas etapas.

O conceito de intelectual, implicado na maioria das referências feita: em nosso tempo, corresponde a uma figura criada por uma sucessão de imagens bastante característica: dentro da história do Ocidente: o sacerdote medieval, o filósofo renascentista, o professor universitário do tempo de Hegel, o panfletário das revoluções, o "escritor" contemporâneo. A figura se desdobra por sua vez em diversos tipos, já pela variedade de modelos que nela convergiu, já pelas diferentes relações que vem mantendo com os setores da sociedade: a política, a religião, a vida artística. Daí que as tipologias no caso sejam sempre precárias. Há época em que a sociedade

presta atenção ao doutrinador austero, como quando Comte e os positivistas exerciam influência; em outras valoriza-se o escritor sutil, dizedor de coisas insólitas, como na França das décadas mais recentes um Sartre ou um Barthes. Tudo isso se complica com os perfis nacionais — tenho de anotar isso, já que usei exemplos franceses —, e daí vigência de certas opiniões presentes, como a que prestigia a prioria". Essa alusão nos levaria à figura de Tobias Barreto e ao seu germanismo, que voltarei a mencionar mais adiante.

* * *

No meio do muito que já se tem dito sobre Tobias Barreto, uma das coisas mais certas (e mais esclarecedoras) é a observação segundo a qual o comportamento pessoal e intelectual do grande sergipano era de molde a provocar reações extremas, de onde a incidência de atitudes contrastantes a seu respeito: o endoamento e a condenação. Cabe acrescentar que isso ocorreu durante sua vida e depois de sua morte. Ocorre ainda hoje — o que aliás dá a medida da persistência de sua presença histórica. O caso de Tobias Barreto foi realmente o de um indivíduo singular, um personagem dotado de potencialidades raras. E uso o termo potencialidades para salientar exatamente isto: que muito mais poderia ele ter realizado, no campo intelectual, se outras tivessem sido as circunstâncias. São essas circunstâncias que escapam ao olho míope de certos detratores de Tobias Barreto, mais ocupados em catar inexactidões bibliográficas e até certos comodismos cometidos pelo mestre sergipano ao citar ou ao expôr, do que em compreender e em situar — critérios de boa historiografia de idéias — a relação concreta do trabalho pessoal de Tobias com suas fontes européias. O fato de ter ele transcendido seu meio, vivendo imensas dificuldades, é que importa como ponto de partida, cabendo em função desse balisamento histórico examinar e "julgar" o mérito de sua obra. Aliás o professor Bezerra Coutinho, em livro recente a respeito do *Filosofia das Ciências Naturais na Escola do Recife* (livro no qual não se furta a expender alguns pronunciamentos muito firmes), mencionou, em mais de uma passagem, quão bisonho e acanhado era o meio intelectual pernambucano, ao menos sob certo aspecto, nos anos em que se deu a formação cultural de Tobias.

Se recuamos até o Brasil do século passado, e situarmos o arco de tempo que vai mais ou menos de 1855 a 1889 — dos dezesseis anos de Tobias até sua morte aos cinquenta anos —, encontraremos um meio realmente acanhado e bisonho; nenhuma retórica poderá falar das províncias brasileiras de então como grandes centros culturais. E é isto o que desde logo surpreende, pela desproporção entre as condições "reais" do meio e as produções surgidas não só pela mão de Tobias quanto pela de outros. Refiro-me aqui ao Brasil em geral, mas no caso cabe situar o "pequeno mundo" de Sergipe e também o de Pernambuco. Tobias em Escada, por exemplo, tentando insuflar ânimo político e doutrinário em um ambiente extremamente limitado: um episódio quase absurdo.

Lembro-me sempre, diante de questões deste tipo, do fato de que Alagoas, na década de trinta deste século, abrigou alguns escritores notáveis (inclusive Graciliano Ramos e Jorge de Lima). Não há teoria mesológica que explique isto, inclusive a de Taine, tão ressonante no Brasil do oitocentos; não há visão de "infraestrutura" que o explique também, ao que parece.

* * *

Gostaria de inserir aqui uma breve digressão sobre o tema da província. Aliás o problema existe como uma constante na própria sociologia da cultura, e na

história literária também. O tema da diferenciação regional dos diversos públicos literários ocorreu em Roma durante o Império, e foi estudado por Auerbach em seu livro sobre a linguagem literária na baixa latindade e na Idade Média. O próprio Tobias Barreto, em seu admirável ensaio "Política Brasileira" (incluído depois nos Vários Escritos), mencionou o problema da província, assinalando a diferença entre o mundo oficial da capital (então o Rio de Janeiro) e o das províncias: naquele as facilidades, o brilho disponível, neste as dificuldades. Para Tobias havia nas províncias "uma dificuldade medonha" para se conseguirem realizações intelectuais que na corte custavam muito pouco. Nisto entrava evidentemente um forte toque de ressentimento, o mesmo ressentimento que, na polêmica com Escagnolle Taunay, o fazia aludir ao fato de nunca ter saído de Pernambuco (*). Mas com isto se colocava uma questão válida, a da existência de valores culturais relevantes dentro dos âmbitos regionais, valores que são encontráveis na história intelectual de cultura as mais diferentes.

A propósito das imagens e das proporções internas na historiografia literária brasileira, cumpre lembrar que o assunto foi expressivamente colocado por João Lelis em seu livro *Maiores e Menores*, onde aparece com cores vivas o tema das precariedades da província, e com ele o problema da injustiça constantemente feita contra os escritores que não vivem no eixo Centro-Sul pela crítica dominante.

* * *

Retornemos à situação histórica de Tobias Barreto. O meio era insuficiente para propiciar certo tipo de estudos, todos o sabem: prevalecia o estudo do Direito à maneira colimbrã, dentro de um arraigado convencionalismo sócio-cultural. A estrutura social corroborava o relativo imobilismo doutrinário. Tobias, que se intitulava "filho da fulgurante plebe", representou um ponto crítico no processo de rompimento daquele relativo imobilismo. Seu papel foi o de um iluminista, martelando contra posições tradicionalistas, em particular posições católicas e escolásticas.

Seu vezo polêmico, proveniente de um temperamento e também de uma reação ao meio, representou como estilo um misto de desabafo e de defesa. Ter um programa de vida voltada para a alta cultura ("meu fito é saber, mais nada") em um meio adverso ou pelo menos impropício, deve ter sido uma "dificuldade medonha" para Tobias, como aliás o é ainda hoje — nas províncias, no Nordeste sobretudo — para quem quer trabalhar em alto nível.

Por sinal que os esforços de Tobias neste sentido, e seus atritos com as posições estabelecidas, terminaram por criar, em redor de sua figura, imagens que mais acentuam o lado "anedótico" e caricato de certos momentos de sua vida, do que o conteúdo mesmo de sua obra. Isto se verifica em diversos expositores, inclusive em Wilson Martins, em cuja *História da Inteligência Brasileira* (obra vasta e significativa mas heterogênea e por vezes equivocada) as referências a Tobias Barreto e à Escola do Recife são de uma mesquinha impressão. Muitos autores, preocupados com o lado biográfico, falam mais do mulato tocador de violão do que do musicólogo comentador de época; mais do seresteiro e verzejador mulherengo do que poeta hugoano, e muito mais do que pensador erudito e penetrante. Ao aludir a isto, recordo que a verdade ainda vigora em certos círculos, e por parte mesmo de pessoas instruídas, a idéia de que o poeta deve ser um "boêmio" e que o próprio intelectual deve ser "desligado" de disciplinas e de rigores em seu trabalho específico.

O modo de trabalhar de Tobias Barreto tinha de ser, ao modo sua vida, descontínuo e afanoso. Não me refiro à sua possível opção "metodológica", mas sim à forma concreta de trabalhar: leituras, anotações, articulação de idéias, redação, construção dos livros. Que por sinal foram poucos, os livros propriamente ditos que escreveu, pois quase todos os volumes de sua obra (vasta, para o tempo de efetivo labor de que dispôs) são feitos de artigos reunidos. Tobias foi realmente um fragmen-

tário e isto em mais de um sentido: nas idéias adotadas, no modo de trabalhar, na estrutura dos textos. Um tanto, se se permite a comparação, como certos românticos, que elegeram o fragmento como forma de expressar aos pedaços o pensamento; um tanto como Dilthey, cuja obra não pôde conhecer.

A exceção da Introdução às Ciências do Espírito, obra relevante inclusive como compromisso entre o positivismo residual e o emergente néo-kantismo, os livros de Dilthey são quase todos incompletos, a começar pela Vida de Schleiermacher; são compostos por pedaços reunidos e inconclusos, senão que ficaram realmente inacabados e a maioria deles foi publicada postumamente.

A propósito ocorre-me lembrar, em termos gerais, que ao pensador social (e ao cientista social) abrem-se dois caminhos, cuja escolha geralmente advém de um pendor pessoal: o do tratado e o do ensaio. Com estas expressões quero por um lado designar a tendência ao trabalho metódico e lentamente didático (no sentido amplo deste termo), criador de estudos rigorosos mas freqüentemente convencionais; por outro a inclinação ao trabalho assimétrico e espontâneo, por vezes lacunoso e digressivo, mas com frequência crítico e criativo. Pois Tobias foi mais do ensaio do que do tratado, como foi Ortega, como muito antes Pascal, ou como Nietzsche – se se permitem as comparações; mais do tratado foi talvez Sílvia Romero, disciplinado e incansável, como o seria Bevilacqua, como o havia sido na pátria de Ortega o impressionante Menéndez y Pelayo. Aliás Souza Bandeira, no excelente artigo sobre Tobias Barreto no livro Estudos e Ensaio, referiu-se ao autor dos Dias e Noites como "talento indômito e pouco habituado à disciplina", em contraste com Sílvia Romero, já visto como "trabalhador infatigável". Exagero no tocante a Tobias, que era um disciplinado a seu modo, mas realmente pouco "sistemático".

No Prefácio das Polêmicas de Tobias Barreto, Sílvia Romero colocou um tema correlato, das relações entre "polêmica" e "crítica". Certos adversários com efeito, falavam dos excessos polêmicos de Tobias como prova de que sua atitude não seria propriamente a de um crítico. Entrando no assunto, Sílvia Romero denuncia que tal opinião teria por finalidade consagrar como críticos apenas Araripe Júnior e José Veríssimo. Na verdade, o que pesou também na veiculação daquela idéia, segundo a qual o crítico exclui o polemista, teria sido ao que me parece o fato de que o ímpeto polêmico em Tobias chegava a comprometer a estrutura de seus escritos (um tanto como no caso de Marx, mais criador e menos metódico do que Engels). Esta terá sido entretanto, a tendência à crítica e ao comportamento intelectual a-metódico, uma característica dos grandes ensaístas modernos, incluindo Macaulay e Huxley, Ortega e Madariaga, mais tantos outros.

Além de fragmentário, o genial autor dos Estudos Alemães foi um abarcador de áreas, um "dispersivo" como hoje se diria. Um intelectual plural que transbordava dos rótulos e das disciplinas, escrevendo sobre direito, filosofia, política, literatura, música e outras coisas. Não destoava, nisso, de certas figuras dos séculos XVIII e XIX: um Diderot, um Voltaire, um Goethe, um Taine, um Antero. Nem, obviamente, dos padrões vigentes no Brasil, onde foram um tanto múltiplos um Joaquim Nabuco e um Rui Barbosa, mais recentemente um Pontes e um Gilberto Freyre. Hoje é que se estranha, e às vezes descabidamente, que alguns intelectuais acumulem interesses e rótulos, e sejam ao mesmo tempo juristas, ensaístas, historiadores, politólogos (como na geração mais velha mas ainda atuante nomes como Afonso Arinos e Miguel Reale, ou como, entre os do segmento seguinte, um Evaristo de Moraes Filho).

Tobias terá sido no Brasil, e com ele seus seguidores imediatos, inclusive Sílvia Romero, um dos iniciadores deste tipo abrangente de intelectual.

No campo das ciências jurídicas, seus trabalhos em grande parte acompanharam sua trajetória docente, e daí haver escrito sobre teoria geral do Direito, sobre processo civil, sobre Direito penal (inclusive o excelente estudo sobre Menores e Loucos), além dos textos jurídico-filosóficos, onde inclusive criticava o jusnaturalismo,

exibindo influências historizantes e leitura de Ihering.

Estes textos jurídico-filosóficos, em geral marcados por expressivas indicações históricas e por interpretações evolucionistas, foram, como se sabe, colocadas no volume II dos Estudos de Direito (vol VII das obras completas de 1926) como "Parte I – Filosofia do Direito". São textos com conteúdo efetivamente filosófico, inclusive aquele que trata das "idéias propedêuticas" aos Estudos jurídicos e onde se debatem problemas de antropologia. Nesses textos Tobias parecia oscilar entre o zoológico, que para ele era um dos modos de escapar da sociologia, e a análise dos conceitos. Nesta análise ele chega perto do tema da cultura – a propósito das leis naturais –, mas não se liberta o naturalismo que sempre lhe serviu de base. São textos fragmentários, entretanto. E dificilmente poderiam deixar de sê-lo. Sempre me parece que o cunho fragmentário do trabalho de Tobias teve relação com seu papel intelectual: seus pontos de vista, extremamente pessoais e críticos, não lhe poderiam permitir outro modo de expressão do que aquele, pois eram muitos os problemas e grande a agitação que ele próprio alimentava. Por outro lado parece ter sempre escrito às pressas, como se pressentisse que o tempo que lhe cabia não era longo. As vezes o próprio título de seus trabalhos revela a consciência de estar mais redigindo esboços, Entwurfen, do que cinzelando páginas definitivas. Um título como, por exemplo, Notas a lápis sobre a evolução emocional e mental do homem. E entretanto percebe-se que tinha plena consciência da relevância do que fazia e dos caminhos que abria: sabia que no meio das dificuldades sua teimosia tinha um sentido histórico. Comprazia-se no contraste entre o título despretencioso e o conteúdo ousado.

Ainda a propósito de Tobias Barreto jurista: cabe evidentemente distingui-lo dos juristas exclusivamente juristas, como por exemplo Teixeira de Freitas (1811-1883), eminentemente sistemático, com profunda identificação com o Direito Romano, com o Direito positivo e com os problemas técnicos da política jurídica; ou mesmo, dos juristas do tipo de Clovis Bevilacqua, não apenas jurista mas muito disciplinado em seu trabalho técnico de codificador e com os moldes tratadísticos dos ramos que versou.

Faço questão de frisar porém que o fato de não ter sido um "puro" jurista não significa que Tobias não tenha sido tão penetrante em certos temas jurídicos quanto em temas filosóficos ou políticos. É justamente em alguns trabalhos de Direito, em Direito penal por exemplo, que mais nitidamente se revelam certos traços de sua maneira de escrever (ou de pensar). Inclusive o modo de citar os autores, não simplesmente "mencionando" os nomes e as obras, ou expondo comportadamente as teorias, alinhando-as como em um mostruário, mas fazendo-os (aos autores) entrar em seu raciocínio, concordando ou discordando deles, fazendo deles personagens de uma reflexão viva, ardente e envolvente.

* * *

Insisto em que o papel de Tobias Barreto, na evolução intelectual do Brasil, foi o de um iluminista. Não que aceite inteiramente a tese de Roque Spencer Maciel de Barros segundo a qual a "ilustração brasileira" teria ocorrido, não no século XVIII como na Europa, e sim no último quarto do XIX (na geração de Rui e Sílvio Romero); mas admitindo que atitudes de índole iluminista tenham ocorrido durante o oitocentos. Assim ocorreu com Tobias Barreto e com Sílvio Romero, ambos crentes na ação pedagógica das discussões cultas sobre o progresso da sociedade. Como ocorreu em Portugal, paralelamente, com componentes do grupo dos "vencidos da vida", Ramalho por exemplo. Grupo com o qual, aliás, Tobias não simpatizava.

O iluminismo em Tobias teve evidente conexão com seu credo liberal: todo o seu trabalho intelectual se fundou sobre a crença na evolução dos valores sociais através de etapas características. Com referência ao Direito, por exemplo, sua visão correspondia à perspectiva de uma "vitória" final, o que supõe um traçado dentro do

qual se encaminham, lutas – foi grande entusiasta da luta pelo Direito de Jhering – e resultados. Neste traçado, nestas lutas, que sendo “pelo Direito” eram simultaneamente pela liberdade, entraria decisivamente o fator intelectual, o debate esclarecedor, a divulgação de idéias novas: sempre a crença no poder das idéias e na positividade do combate contra a ignorância, constantemente atribuída aos adversários. Parecia, como escrevi certa vez, uma espécie curiosa de socratismo, consistente em considerar a verdade como produto do volume de leituras: leituras de que os adversários lhe pareciam carecer.

Nisto encaixa o problema de seu germanismo. Talvez houvesse nele alguma coisa de ingênuo, como que um pressuposto segundo o qual o alemão, por ser língua “mais difícil” corresponderia a obras “mais profundas”, e seu domínio conferiria um acesso a conteúdos mais sérios. Um equívoco em torno de uma noção correta: certo de que a erudição é algo positivo e que o domínio de fontes favorece o acesso a conteúdos mais valiosos, mas no caso a eleição de uma cultura nacional (a alemã), em detrimento de outras: (a inglesa também, não só a francesa) constituiu antes uma pré-conceito do que critério objetivo.

Em um país como o Brasil, que no século XIX apresentava enormes lacunas em seu panorama intelectual, sendo a cultura filosófica (talvez até mais do que hoje) um componente fragilíssimo dentro daquele panorama, a posse de conhecimentos de nível superior constituía um privilégio de pouquíssimos. O domínio do inglês não era frequente nas elites, mais versadas no francês. Saber alemão constituía-se raridade, e isso explica o ato de arrogar-se o conhecimento do idioma tedesco. Na Escola do Recife o germanismo de Tobias não parece ter tido maior continuação (Sílvia Romero dá a entender que conhecia o alemão, ou que compartilhava o germanismo, mas poucas cita textos na língua de Lutero); terá tido um precário prosseguimento nos breves e assimétricos escritos de Augusto Franco (1876-1906), mineiro, embevecido pelas coisas da Alemanha e pelas citações em alemão.

No “Como Introdução” aos Estudos Alemães, Tobias Barreto fala de si e de Sílvia Romero como “dois infatigáveis promotores do germanismo nas letras brasileiras”; e o próprio Sílvia Romero, nas “Considerações Indispensáveis” antepostas ao mesmo livro (e que não eram intempestivas), tenta deixar clara a sua posição, mencionando o germanismo, que também chama alemanismo, como modo de valorizar no acervo cultural alemão a crítica. Para Sílvia, a “intuição crítica” alemã seria apta a “revigorar a nossa própria individualidade nacional”; inclusive como algo “tonificante para o nosso espírito popular”. Na polémica com o padre J. Albuquerque da Fonseca (artigo “Os Teólogos da Civilização”) há também alusão ao germanismo.

Evidentemente faltam, tanto em Tobias como em Sílvia, definições suficientes para explicar o que entendem por crítica, e em que sentido o termo é tomado. Por outro lado, falam do germanismo como se os “alemães” – escritores, pensadores, poetas, cientistas – formassem um todo, uma escola doutrinariamente homogênea, um grupo intelectual sem dissensões internas e até sem diferenças internas no sentido de planos e níveis. Daí inclusive a despreocupação com passar de um autor maior para um menor (de Haeckel para um Noiré por exemplo).

Enquanto a geração propriamente romântica (com Gonçalves de Magalhães por exemplo) ainda possuía raízes setecentistas, e a que lhe sucedeu (a de Sílvia Romero) se desbruçaria sobre o novecentos, a trajetória da vida de Tobias Barreto representou no Brasil especificamente o século XIX. Seu liberalismo, não radical nem isento de reticências, se compaginava com um espírito crítico bastante relativista. Não se entusiasmou com a idéia de República. Fascinava-o mais o evolucionismo haeckliano, cientifista, que seu temperamento inquieto transformou em um ideário aberto e cheio de ligações com outros sistemas.

Recife, 25 de fev. 89

(*) Nisto teria Tobias antecipado um certo ufanismo nordestino, que me parece forçado, e de qualquer sorte contraproducente. — Quanto ao problema de Tobias não ter viajado muito (na verdade, antes de vir a Pernambuco, esteve na Bahia, e obviamente em Sergipe), sabe-se que ao adoecer, no trecho final de sua vida, tencionava ir à Alemanha; por outro lado, pelo que me informa o historiador Luiz Antonio Barreto, há uma hipótese de que teria viajado uma vez a Manaus.

TOBIAS BARRETO COMO TEÓRICO DA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Luiz Antonio Barreto *

Nos vários momentos da vida e da obra de Tobias Barreto são encontrados aspectos de sua contribuição à cultura brasileira que fica difícil distinguir no qual ele foi mais genial. Na renovação da estética literária, como poeta social, condoreiro, nas ruas de Recife agitando o povo, tendo como mote a guerra contra o Paraguai. No jornalismo político e polêmico, afirmando sua convicção liberal e guerreando contra o clientelismo dominante. Na advocacia de Escada, seguido de grande acompanhamento popular nas audiências, ou como Curador de Órfãos, de Escravos, ou ainda Juiz Municipal Substituto, na Comarca de Escada. (1) Também em Escada, o panfletário impressor de pequenos jornais, em português e em alemão, (2) para distribuí-los com o povo, gratuitamente, nas feiras, e fundador do **Club Popular Escadense**, no qual pronunciou a célebre oração **Um Discurso em mangas de Camisa**. (3) De volta ao Recife, demolindo os conceitos de sociedade e de direito, vigentes na Faculdade, para a qual fez concurso, selando com a mocidade nordestina uma das mais duráveis e eficazes alianças ideológicas e intelectuais. Publicando livros com estudos literários, filosóficos, críticos, religiosos, sociais. Como deputado à Assembléia Provincial, como orador do povo, nas ruas e nos teatros, empolgando com sua pregação as primeiras manifestações públicas em favor da abolição da escravidão. Em qualquer destes momentos, Tobias Barreto dá prova de sua disposição mental, uma capacidade infinta de assimilar o que se mais novo o mundo produzia em termos de idéias. Não há, portanto, como enquadrá-lo num clichê qualquer, por mais atrativo que o seja.

A obra de Tobias Barreto nos jornais e nos livros, nas ruas e nas cátedras, na tribuna da Assembléia ou no Foro, é sublinhada por uma coerência pouco conhecida no Brasil até então, e marcada pela força do pensamento próprio, reflexivo diante de uma realidade adversa para todos os brasileiros dos meados do século passado, salvo algumas exceções de senhores de terras e de escravos, e particularmente adversa para ele próprio, pela sua condição racial e de pobreza. No âmago da obra tobiática duas vertentes, muito próximas, andaram marcando a sua atividade intelectual: a da sociedade e a do direito. Em ambas, a revelação revolucionária, fruto de suas convicções, alicerçadas nos ensinamentos de Darwin, Haeckel, Jhering, Noiré e outros.

Antes de Tobias Barreto os estudantes da Faculdade de Direito do Recife aprendiam que a sociedade, como o direito, tinha origem divina. **O Contrato Social**, de Rousseau, era combatido por mestres e alunos da Faculdade. Havia uma única e exclusiva história humana, aquela narrada na Bíblia. Fora daí, tudo era uma grande novidade, mas era, também, uma rebeldia que provocara fortes reações. Entre os professores, como afirma José Antonio de Figueiredo, numa das Memórias da Faculdade de Direito do Recife, era regra comum ensinar que "só a religião oferece uma verdadeira e real garantia a ordem e a tranquilidade pública, de que só ela pode sancionar de uma maneira positiva e dogmática a moral social e prevenir e acautelar crimes cuja alçada e investigações escapam às leis humanas". (4) Em 1862, em outra Memórias, o professor João Capistrano Bandeira de Melo Filho destaca que a mocidade, "dotada geralmente de fervor religioso sustenta, por meio de algumas associações e de escritos pela imprensa, as eternas verdades do cristianismo e pugna pela difusão das boas doutrinas".

Mesmo tendo recebido uma formação religiosa, católica, convivido com padres e aprendido o Latim, Tobias Barreto rejeitou a aliança da ciência com a religião, com a mesma ênfase que refugou a aliança da liberdade com a ordem, ambas defendidas no âmbito da Faculdade de Direito do Recife, como o fez o professor Antonio de Vasconcelos Menezes de Drummond, comentando o ano de 1863, justo o primeiro ano de estudante do jovem mulato sergipano. (5)

Sobre a liberdade, Tobias tem expressões antológicas, como esta de 1870, que diz que "Nenhum povo é realmente grande, senão pela liberdade, que tem ou que conquista". (6) Bastaria a única frase para derrubar a doutrina que estava de pé, sendo ensinada na Faculdade de Direito do Recife. O conceito de liberdade, para Tobias Barreto, mexia com a ordem, esta tida, à época como ainda hoje, como o predomínio da força inspirando o temor ou a obediência. Enquanto a ordem era a submissão do homem, a liberdade era uma conquista, logo, não podia haver a lança entre uma e outra.

Em 1864, ao escrever o poema A Polónia, Tobias Barreto dizia que:

"Só é grande a liberdade
que sacode a majestade
e arranca a juba dos reis"

Em 1865, falando, como acadêmico de direito, na sessão festiva do dia 7 de setembro, no Teatro Isabel, ele diz que "ainda é de notar, senhores que ao tempo em que o direito divino rolava na poeira com a cabeça de Luiz XVI, o direito do povo pendia ludibriado com o pender da fronte de um brasileiro – mas o último suspiro do mártir encontrou logo no espaço o primeiro grito de liberdade, essa grande função que Deus deu ao homem, que Bruto deu a Roma, que a revolução deu aos povos". (7) Em 1877, discursando para o povo, em Escada, ele ensinava que "a liberdade é alguma coisa, de que o homem pode dizer: "eu sou", e afirmava que a "realização da liberdade satisfaz ao mais nobre impulso do coração e da consciência humana," exortando o povo escadense: "Abramos mãos de nossos prejuízos, de nossas reservas, de nossos temores, e sejamos um povo livre". E conclui: "é a liberdade que nos falta". (8)

No mesmo discurso Tobias Barreto fixa sua posição: "Não pertenço a escola dos teóricos pacientes, que julgam o povo ainda não maduro para liberdade. Como se fosse possível aprender a nadar sem meter-se dentro d'água, ou aprender a equitação sem montar a cavalo. Dislates iguais aos que querem que o povo passe por um tirocínio da liberdade, sem aliás exercê-la. (9)

Na visão ampla do teórico da liberdade é uma insurgência, uma insubmissão aos domínios do Poder. Nos versos e frases, a panfletagem libertária: "A Pátria somos nós" (10) "Nós cremos na soberania do povo, ele há de despertar" (11) "O Club Popular Escadense... tem o intuito de incutir no povo desta localidade um mais vivo sentimento de seu valor, despertar-lhe a indignação contra os opressores, e o entusiasmo pelos oprimidos". (12) A voz do mestre tem um sólido compromisso com a liberdade, o que é o mesmo que dizer, com a ruptura da ordem, e com a organização do povo.

* * * *

O racionalismo, ou cientificismo de Tobias Barreto tem servido para que muitos dos seus críticos cometam injustiças e pechas imerecidas contra o sergipano. Serviu, igualmente, para que padres e líderes católicos, em Pernambuco e no Maranhão, escrevessem artigos de combate ao pensamento e a obra tobiática. Sem fraquejar, Tobias assume, sem ligações com a maçonaria, ou com o protestantismo, posição clara de defesa da ciência, para engrossar as teses da origem cultural e social do direito. No Concurso para Lente Substituto da Faculdade de Direito do Recife, 1882, Tobias Barreto oficializa, perante uma banca examinadora e centenas de jovens estudantes, seus conceitos novos, que assombram, impressionam, embebedam os

assistentes, enquanto fulmina e remete para a história os compêndios em uso, com suas velhas verdades, rançosas, carcomidas pelo tempo.

Na prova escrita do Concurso, respondendo a questão Conforma-se com aos princípios da ciência social a doutrina dos direitos naturais e originários do homem? Tobias Barreto afirmou que "A concepção de um direito superior e anterior a sociedade é uma extravagância da razão humana, que não pode mais justificar-se. O homem é um ser histórico, o que vale dizer que ele é um ser que se desenvolve. A idéia de um direito natural e originário do homem envolve a um direito, quero dizer, que não está sujeito à relatividades, nem no espaço, nem no tempo. Um direito universal é um direito que existe, para todos os povos; um direito permanente é um direito imóvel, isto é, um direito que não se desenvolve; mas, de acordo com as noções correntes da própria Sociologia, que se forma, tudo está subordinado a lei do desenvolvimento, da qual não escapa o direito mesmo. É concludente, portanto, que a teoria dos direitos naturais não se harmoniza com a ciência social".

Adiante com sua doutrina nova, na mesma Prova Escrita, Tobias Barreto diz que "Desde que na idéia do direito entrou a idéia da luta, desde que o direito nos aparece, não mais como um presente do céu, porém como um resultado do combate, como uma conquista, caiu por terra a instituição de um direito natural. Bem como as artes, bem como as ciências, o direito é um produto da cultura humana". Categórico, ele afirma: "Não há direitos naturais e originários; o que nós hoje chamamos direito é uma transformação da força, que limitou-se e continua a limitar-se no interesse da sociedade. Os direitos como teses, quer como condições de existência, quer como condições evolucionais da vida social, são da mesma natureza, e são-no justamente, porque saem da mesma fonte: esta fonte é a sociedade".

Na mesma esteira dos novos argumentos, e diante de uma oportunidade rara na vida cultural pernambucana, Tobias Barreto aproveitou para expor, de forma total, seu compromisso científico e filosófico com a sociedade e com o direito. Concluindo sua Prova, diz: "E seja-me ao terminar, permitido repetir o que aqui já tive ocasião de exprimir oralmente: Em nome da religião, disse o sublime gnosta, autor do quarto evangelho — no princípio era o Verbo; em nome da poesia, disse Goethe — no princípio era o ato; em nome das ciências naturais disse Carus Sterne — no princípio era o carbono; em nome da filosofia, em nome da instituição monística do mundo, quero eu dizer — no princípio era a força, e a força estava junto ao homem, e o homem era a força. Desta força, conservada e desenvolvida, é que tudo tem-se produzido, inclusive o próprio direito, que em última análise não é um produto natural, mas um produto cultural, uma obra do homem mesmo".

Desde 28 de abril de 1882, data do Concurso, em sua Prova Escrita, que a Faculdade de Direito do Recife abraçou o pensamento científico, incorporando idéias que soavam fortes como rajadas no ouvidos inquietos dos jovens estudantes. O Brasil estava emancipado intelectualmente, pela sensibilidade e pela consciência de Tobias Barreto de Menezes, ao fazer ecoar no meio pobre do Nordeste as vozes mais novas, mais atualizadas, do mundo civilizado, que de certo modo a Alemanha da época representava. O Concurso de Tobias Barreto é, assim, um dos muitos divisores de água que o autor sergipano construiu, dialeticamente, na interface com a realidade. Depois da noção do direito como fenômeno cultural, nascido e evoluído na sociedade e esta mesma com seus avanços e conquistas, amolando a força, foi fácil captar outros conceitos, queimar etapas, levar a mocidade a ler e a refletir com o pensamento filosófico mais novo e mais revolucionário. Seguramente por isto é que sai da Escola do Recife a geração de abolicionistas, republicanos, democratas, federalistas, socialistas, e outros que agitam bandeiras renovadoras e revolucionárias. O próprio Tobias, em 1884, dá o exemplo, ao citar *O Capital*, a obra máxima de Karl Marx, edição de 1883, mais tarde incorporada à Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, ao lado de quase duas centenas de outros livros de autores alemães, com os quais o funda-

dor da Escola do Recife travava contatos. Por tal via, o Brasil troca sua bibliografia e com ela troca os conceitos que balizavam sua cultura.

* * * *

Há um forte apelo de modernidade na obra de Tobias Barreto. Não apenas nas suas aulas de preleções da Faculdade de Direito do Recife, nos seus escritos em jornais e livros, mas também em atitudes objetivas, que podem ser conferidas no simples exame da memória histórica pernambucana. A idéia do Direito Autoral, enaltecida até mesmo por Gondin Filho, em artigo publicado no **Diário de Pernambuco**, em 8 de fevereiro de 1944, aproveitada pelo professor João Vieira, no seu Programa de Direito Civil, evoluiu até os nossos dias e ainda hoje atrai a atenção de tratadistas e dos organismos arrecadadores e fiscalizadores.

Em 1883, com mais três professores da Faculdade de Direito do Recife, os mais abertos — José Higino, Barros Guimarães e Graciliano Baptista — Tobias Barreto assume a redação da revista de artes **O Industrial**, preconizando uma nova era para a vida econômica pernambucana, pela via do trabalho livre, da formulação de uma política agrícola, de crédito fácil, de preparação de mão-de-obra e pela mecanização. **O Industrial**, pertencente a Fábrica Apolo, estampava em suas edições o mais novo maquinário posto à disposição dos produtores rurais e urbanos, que estavam atolados no atraso de um modelo escravocrata, arcaico de produção, sem qualquer forma participativa dos trabalhadores na riqueza do Brasil.

O Industrial teve 12 edições, de janeiro a dezembro de 1883 e nelas Tobias Barreto publicou diversos artigos, todos eles voltados para uma nova ordem econômica e social, alguns destinados à educação e ao melhor aproveitamento profissional da mulher, a partir de tendências e sensibilidades desconhecidas. A síntese programática da revista era a de:

- . atualizar as forças de trabalho com os últimos progressos da ciência e da técnica, nos domínios superiores da atividade industrial;
- . esclarecer que a riqueza privada de quem quer que seja não fica exposta a algum fato de procurar-se aperfeiçoar a indústria existente, criar novas e contribuir para a consecussão de todos os melhoramentos necessários à felicidade e bem estar social;
- . garantir o direito de informação sobre qualquer processo industrial e artístico;
- . prestar assessoria jurídica em negócios industriais e artísticos;
- . fundar e manter asilos agrícolas;
- . fundar Bancos Populares, para os operários;
- . Bancos Provinciais com juros moderados e pagamentos a longo prazo;
- . habilitar os industriais e artistas aos grandes recursos que a adoção de máquinas pode proporcionar-lhes;
- . renovar o pensamento de tudo depender-se dos Governos, como erro que os bons princípios econômicos fulminam e condenam;
- . transformar e modificar o País de acordo com as tendências e as leis do progresso.

Síntese feliz, contida em editoriais e artigos de **O Industrial**, que incorporava a idéia, o método, o modelo de organizar a economia. Já em 1884 uma forte reação, partida dos senhores de terra, levará a organização do Congresso Agrícola, que longe de parecer um testemunho negativo, serve de atestado, passado e recebido, do incômodo que as novas idéias defendidas por Tobias Barreto causava entre setores conservadores de Pernambuco. Antes mesmo de assumir a redação de **O Industrial** e de inspirar a redação de **O Propulsor**, (13) jornal de 1883, fundado como órgão dos

interesses abolicionistas, industriais, agrícolas, literários, etc., Tobias Barreto participava do esforço teórico pela organização de exposições de artes e indústrias das Províncias do norte e nordeste, reunindo com Antonio Pepes Barreto de Vasconcelos, Martins Júnior e outros, no Gabinete Português de Leitura, público interessado em acelerar o desenvolvimento regional.

A ciência tinha, portanto, um sentido prático, da utilização direta em favor do progresso econômico e do bem estar da sociedade. Combinava-se, então, a luta cultural em favor da liberdade e do direito, com a aplicação da técnica e da ciência, como primado capaz de alterar o quadro fatalístico da economia senhorial e escravocrata. Tobias Barreto mudava o enfoque que pressupunha a organização da sociedade, sugerindo que ela deixasse de ser uma mera representação dos interesses do capital e dos seus detentores que a organizavam, em moldes exploratórios, para ser organizada a partir das potencialidades e possibilidades do povo. A ação do pensador batia com seu enunciado de que a sociedade brasileira não se organizara, fora organizada, chamando a atenção para a diferença. Esta observação focal, lúcida, feliz, serve para nortear os dois diferentes caminhos tomados pelo povo brasileiro: um, a partir dos interesses dos dominadores e colonizadores; outro, a seguir os auspícios das carências e dos anseios sociais. Embutida nessa constatação que põe, de forma frontal, interesses de fora para dentro e anseios internos de liberdade e de justiça, está a noção de cidadania, no seu aspecto mais novo, o dos direitos sociais, como preconizadores em **Um Discurso em Mangas de Camisa**. Tobias Barreto está entre os adversários e críticos do primeiro, e pugnadores e artífices das lutas do segundo, constituindo-se, de forma antecipada, num teórico da organização da sociedade, com teses ainda válidas hoje, quando o Brasil evoca sua figura e sua obra, por conta dos 150 anos do seu nascimento e do centenário de sua morte.

1. A Fundação Joaquim Nabuco microfilmou 77 processos nos quais Tobias Barreto aparece como advogado, curador de órfãos, curador de escravos e Juiz Municipal Substituto.
2. Em Escada, Tobias Barreto redigiu e editou, na sua própria Tipografia, os seguintes jornais: Um Signal dos Tempos, 1874, A Comarca de Escada, 1875, Devaneio Literário, 1875, O Desabuso, 1875, O Povo de Escada, 1876, O Escadense, 1877, Aqui prá Nós, 1877, A Igualdade, 1878, Contra a Hipocrisia, 1879, O Martelo, 1881, e ainda a revista Estudos Alemães, 1880. Em alemão Tobias Barreto editou o Deutscher Kaempler, 1875.
3. A instalação do Club Popular Escadense ocorreu em setembro de 1877. **Um Discurso em Mangas de Camisa** foi publicado, logo depois pelo **Jornal do Recife**, e em fevereiro de 1879 apareceu em plaquete, com pequena nota introdutória do seu autor.
4. Memória Histórica Acadêmica, apresentada à Congregação dos Lentes da Faculdade de Direito do Recife, pelo Dr. José Antonio de Figueiredo. Recife, Tipografia Universal, 1857.
5. Memória Histórica Acadêmica, apresentada à Congregação dos Lentes da Faculdade de Direito do Recife, na sessão de 15 de março de 1864, pelo doutor Antonio de Vasconcelos Menezes de Drummond. Pernambuco, 1864.
6. **Política Brasileira**, na série de artigos publicados de junho a dezembro de 1870 no jornal O Americano, do Recife. Incluído em Vários Escritos, 1800.
7. Trecho do discurso **Libertas quae sera tamen**, pronunciado na sessão solene de 7 de setembro de 1865, no Teatro Santa Isabel. Diário de Pernambuco, 11 de setembro de 1865.
8. **Um Discurso em Mangas de Camisa**, in **A Questão do Poder Moderado e Outros Ensaio**s Brasileiros, seleção e coordenação de Hildon Rocha. Editora Vozes, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Petrópolis, 1877.
9. Idem, Ibidem.
10. Verso do poema **Volta dos Voluntários**, de 1870. Em **Dias e Noites** Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1926.
11. Epígrafe do jornal **O Povo de Escada**, 1876.
12. **Um Discurso em Mangas de Camisa**.

13. O nº 1 do jornal **O Propulsor** circulou em 9 de abril de 1883, e informava que seu ideário abolicionista seguia a linha da Sociedade Nova Emancipadora, do Recife, a qual Tobias Barreto pertencia. Sobre o assunto, ler Luiz Antonio Barreto, **Tobias Barreto A Abolição da Escravatura e a Organização da Sociedade**. Recife, 1988.

* Luiz Antonio Barreto, jornalista, membro da Academia Sergipana de Letras, Superintendente do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, é autor de Tobias Barreto, A Abolição da Escravatura e a Organização da Sociedade.

TOBIAS BARRETO. IDEÓLOGO DA BURGUESIA ?

Ariosvaldo Figueiredo (*)

O século XVII é o século da Revolução Inglesa, o XVIII, o século das Revoluções Americana e Francesa, o XIX, o século dos direitos políticos, das ciências sociais e da emergência do positivismo, do evolucionismo e do marxismo. Personagem do século XIX, Tobias Barreto de Menezes não exalta Augusto Comte (1798/1857), não pára em Herbert Spencer (1820-1895), não é discípulo de Marx (1818/1883). Ele nasce, em 1839, no Rio Real de Cima, Campos do Rio Real. Mas, não cabe na pequena e pobre Vila sergipana. Dá adeus à sua terra e à sua gente, vai embora. Aos 15 anos, ainda menino, ensina latim na Itabaiana, logo mais está em Salvador, onde chega para ser padre destino que, à época, é, geralmente, o de todo jovem pobre que pretende estudar. Inteligente e rebelde Tobias Barreto, acompanhado do seu violão prefere, longe do seminário, fazer música, poesia e serenata.

Tobias Barreto, "já homem feito", matricula-se na Faculdade de Direito de Recife. Isso ocorre em 1864, ano que marca o nascimento da I Internacional liderada, especialmente, por Karl Marx e Frederico Engels (1820/1895). Em um Pernambuco atrasado e numa Faculdade de professores, em geral, conservadores, ele, antes mesmo da formatura, já é polêmico agitador de idéias e sentimentos. A polêmica, ingrediente da cultura, é produto do seu talento. E da sua cor. A elite reacionária daquele tempo desconfia de todo espírito talentoso, livre, tem raiva, fica doente quando se trata de um mestiço. Tobias Barreto assume a condição: "Sou um mestilço de Sergipe" (1). Exibe uma atitude mental: "Eu não serei jamais uma ovelha do rebanho". (2). O mulato Tobias Barreto traz a rebeldia no pensamento e na pele, batalha pelo desenvolvimento e a ciência em um Brasil dominado, no Segundo Império, pela aristocracia rural e a mais medieval teologia. Moderno, atualizado, ele quer trazer o século XIX para o Brasil. Em um País que não conheceu o século XVIII, não há maior temeridade.

Tobias Barreto conclui o curso de Direito em 1869, a partir de 1871 está em Escada, interior pernambucano cercado de engenhos e preconceitos. Ele, já polêmico em Recife, é dos mais combatidos em Escada. Tobias Barreto não tem medo dos "mandões locais", não abre mão de princípios, não desiste da caminhada, vive fase decisiva em sua vida. Logo casado, continua politicamente inconformado, ingressa no Partido Liberal. Mas, não tem ilusões político-partidárias. Os partidos políticos do Império, o Liberal e o Conservador – dirá, em 1925 Oliveira Viana – "eram simples agregados de clãs organizados para a exploração em comum das vantagens do poder. Os partidos não disputam o poder para realizar idéias, o poder é disputado pelos proventos que concede aos políticos e aos seus clãs. A política é, antes de tudo, um meio de vida: Vive-se do Estado, como se vive da lavoura, do comércio e da indústria". (3). O próprio Tobias Barreto pergunta e responde: "Quais são os benefícios pelo povo recebidos do partido liberal? Os mesmos que lhe tem feito o partido conservador: agressão, aviltamento e desordem" (4). Não importa. Importa resistir ao atraso, lutar por novos dias. Tobias Barreto luta. Resiste. Ele tem consciência de que "a magna questão dos tempos atuais é toda social e econômica. O problema a resolver não é tranquilizar as consciências, porém tranquilizar as barrigas. Que importa ao homem do povo que lhe dêem o direito de votar em quem quiser, se ele não tem o direito de comer o que quiser?" (5).

Em seu refúgio de Escada Tobias Barreto lê, estuda, pensa, trabalha. Nunca

trabalhou tanto, seu primeiro livro "Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica", é publicado em 1875 quando o movimento republicano, já deflagrado, desafia o Império que, alheio à industrialização, tem seus dias contados. Ele sabe que a sociedade brasileira "é uma sociedade de privilégios" mas compreende, como observa Nelson Werneck Sodré, que "novas forças sociais se elaboravam, novos rumos eram traçados" (6). Em 1881 Tobias Barreto está, novamente, em Recife, em 1882 enfrenta o famoso concurso para professor da Faculdade de Direito, concurso que questiona, a partir do professorado, o reacionarismo da época e empolga a juventude, ávida do novo e do inédito. "A mocidade — diz Hermes Lima — — queria um revelador de concepções" (7). Encontrara. Expressão maior da cultura do tempo, Tobias Barreto põe o Brasil em contato com o mundo, fortalece o pensamento nacional cansado das velhas lições de direito natural e da escolástica. Exclama Araripe Júnior, vitorioso crítico literário, que foi através de Tobias Barreto "que pela primeira vez soube que havia um Darwin e um Haeckel". Graça Aranha (1868/1931) vê Tobias Barreto como desmoralizador "das velhas fórmulas", depõe: "O que ele dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira. Prosseguiamos certos de que, conduzidos por Tobias Barreto, estávamos emancipando a mentalidade brasileira. Por ele me fiz homem livre. Ninguém trouxe tamanha contribuição à cultura deste país. Pela vastidão da inteligência, pela atualidade da orientação, pelo realismo no pensamento, pela instrução dos novos valores científicos e literários, pelo desassombro, pela dialética" (8).

Octávio Brandão tradutor, entre 1923/1924, do Manifesto Comunista, não exagera ao escrever que Tobias Barreto foi "um clarão nas trevas do Brasil do século XIX" (9). Ele não tolera a ignorância e a indiferença, não aceita a desatualização e a mesquinha da elite, nessas condições, medíocre, agressiva, intolerante. Tobias Barreto questiona "a nossa incatolicidade", critica a religiosidade epidérmica nacional, a qual, longe de libertar o ser humano, mantém o povo na superstição, no conformismo e na fome. Convencido de que a teologia "nada instrui, nada explica", combate São Tomás, que o Papa Leão XIII faz o filósofo da Igreja, está contra os que querem ressuscitar "o cadáver da escolástica" (10). Daí a violência das discriminações e dos insultos, Tobias Barreto frequentemente chamado de "Cabra", de "Bode", denominação pernambucana do mestiço de negro e mulato. Ele, na menção de Luiz Antônio Barreto, aceita o insulto, mas adverte "que a nós, os cabras, é que pertence o futuro" (11).

Censurado por vulgarizar, no Brasil, o materialismo vitorioso na Europa, criticado por defender Kant que, não só por derrubar a escolástica (Schopenhauer) é um dos nomes maiores da filosofia alemã, Tobias Barreto, para maior irritação da classe dominante, prefere o evolucionismo de Darwin e o monismo de Haeckel à reza e o incenso dos "carolas" e dos beatos. Por isso, já antipatisado por ser mulato, ele conquista novos inimigos ao confessar em "Menores e Loucos", livro de 1884: "Não faço mistério da minha fé filosófica: eu sou materialista" (12). Materialista e dialético ele não conflita a filosofia e a ciência, encara a ciência, a serviço do homem, "ser histórico", como "contínuo a avançar para o desconhecido". Embora não afirme, como Marx em "Ideologia Alemã", que só conhece uma ciência, a ciência da história, Tobias Barreto a valoriza, confia nas leis da história e no "constante engrandecimento do homem". Tal qual Ludwig Feurbach (1804/1872), "o mais radical dos discípulos de Hegel", Tobias Barreto não tem dúvida, igualmente, de que "o desenvolvimento de Deus tem por pressuposto o desenvolvimento do homem" (13). Assim, ele é discriminado por ser moderno. E ousado. Insultado por ser mestiço. E assumido. Se, hoje, em sociedade mais pluralista, não é fácil enfrentar a classe dominante, que controla idéias e os veículos de comunicação e, através da Igreja, ora sob a máscara do esquerdismo postico, divide a verdadeira esquerda e, a partir da Universidade, manipula cargos e interesses menores, ser ousadamente lógico, científico, livre, no século XIX, como acontece com Tobias Barreto, é atrevida iconoclastia, rebeldia fatal.

Tobias Barreto não cede nem desiste, não revida as pedradas escritas e verbais recebidas. Sua missão, destruir o arcaico, o consagrado, é maior. Ele ama a filosofia, anda às claras consigo mesmo, reafirma que a ciência e consciência são "as duas torres da igreja do futuro" (14). Tobias Barreto ensina o Brasil a pensar, faz cabeças e corações, na medida em que é combatido pelos reacionários e clericais, conquista, dentro e fora da Faculdade de Direito do Recife, o apoio e o aplauso dos espíritos jovens, solidários, a juventude, de modo especial, vibra com as lições do mestre e amigo. Ele tem consciência de tudo isso, não esconde o constrangimento: "Doente, pude conhecer, por exemplo, que na Faculdade onde sou lente, a simpatia de que gozo entre os estudantes tem raízes bem profundas, porém ainda mais profundas são as raízes do ódio que me votam os meus colegas". (15)

A Faculdade de Direito do Recife que, desde 1881, questiona "Sobre uma nova intuição do Direito", um dos mais corajosos e sérios trabalhos de Tobias Barreto transforma-se, com sua presença, a começar de 14.08.1882, em "laboratório de idéias", sementeira do novo, instrumento de mudanças. Com o estímulo de alunos que, como Fausto Cardoso, Graça Aranha, Artur Orlando, Gumerindo Bessa, honram a cultura nacional, Tobias Barreto defende a historicidade do direito, ciência que não existe isolada, alheia à lei geral do movimento e desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Com Rudolf Van Ihering, um dos inspiradores da Escola do Recife, ele proclama que o direito não cai do céu, longe de ser produto metafísico, o direito é produto histórico, "a disciplina das forças sociais, seleção legal na luta pela existência". O homem do direito, para Tobias Barreto, é o mesmo da Zoologia, o que não o leva a negar o vigor da subjetividade, que tanto preocupa Rosa de Luxemburgo (1871/1919) e Lenin (1870/1924).

Renovador da mentalidade brasileira, sujeito do pensar dialético que colide, necessariamente, com o senso comum, que é dogmático (16) Tobias Barreto, apesar do talento e da vivência, é pendular, inconclusivo, autor de erros e equívocos que o impedem de ser um doutrinador completo, consistente, conseqüente. Não foi por acaso que ele, segundo Nelson Werneck Sodré, "apontou novos rumos, mas não focalizou, precisa e definitivamente, os grandes problemas de sua época" (17). É, realmente, estranho Tobias Barreto, tão atualizado quanto progressista, não cuidar, em profundidade, da revolta de 1817, da Confederação do Equador de 1824 e da Revolução Paieira de 1848, "turbilhão popular" que seu ideólogo, Antônio Pedro de Figueiredo, considerava "a primavera dos povos".

"Rebelde, sim; mas, revolucionário, nunca" — diz Evaristo de Moraes Filho (18). Tobias Barreto desejou "a abolição de todas as instituições caducas, como a escravidão e a monarquia" (19). Mas, não brigou para derrubá-las. Homem inteligente, atualizado, ele é a favor do negro, defende a libertação do escravo, porém não chega a ser um abolicionista, o comunista, socialista e anarquista daquele tempo. Tobias Barreto quer a queda da Monarquia, porém entendendo a República como igualmente falsa (20), não é um republicano histórico.

Não é só. Ninguém, no Brasil, entendeu melhor a modernidade filosófica e a filosofia alemã do que Tobias Barreto, mas ele não tirou nem assumiu todas as conclusões e conseqüências delas. Ele é dos primeiros a conviver, culturalmente, com Hegel, "aquele bom Hegel" (21), mas não incorpora a dialética como instrumento de interpretação dos atos e fatos humanos e sociais. Isso é tanto mais injustificável quando, já em 1880, em "Estudos Alemães", Tobias Barreto cita Heráclito, o grego de Efeso, que cuida da "dialética primitiva e espontânea" (22). Igualmente equivocado Tobias Barreto trabalha e vive a ciência social, mas repudia a sociologia que não passa, segundo ele, de "uma das manias de nossa época" (23). Ele rompe, com certo estardalhaço, com Augusto Comte (1798/1857) sem ponderar, contudo, que o positivismo é tão reformista quanto burguês.

Tobias Barreto faz, de certo modo, a mesma viagem cultural e filosófica de Karl Marx, viagem que passa pela economia clássica inglesa, os socialistas utópicos franceses e a filosofia alemã e explica, de acordo com Lenin, o próprio marxismo. Em 1870 Tobias Barreto cita David Ricardo (1772/1823) e Adam Smith (1723/1790) economistas clássicos, não ignora os socialistas utópicos Saint Simon (1760/1825) e Charles Fourier (1772/1837) e a partir das "jovens hegelinos", Bruno Bauer (1809/1882) à frente, passando pelo materialismo de Frederico Buchner (1824/1899) e Carlos Vogt (1817/1895) e pela dialética de Hegel, (1770/1831), alcança Marx. Tobias Barreto é dos primeiros brasileiros a ler e citar Karl Marx, ele próprio possuidor da 3ª edição (1883) de "O Capital". Tobias Barreto que falece em 1889, vê o revolucionário pensador alemão como o "terrível crítico do capital, e o mais valente pensador do século XIX, no domínio da ciência econômica" (24).

O processo que leva ao marxismo não faz de Tobias Barreto um marxista. Pelo contrário, ele faz questão de afirmar, por exemplo, que a I Internacional é "a organização da loucura" (25) e, ao falar em socialismo, não esquece de denunciar "seus planos incendiários" (26). Afirma Octávio Brandão que Tobias Barreto "não foi socialista nem revolucionário, não compreendeu o materialismo histórico" (27). Compreendeu, sim, tanto o compreendeu que não o aceitou. Ao defender a dignidade do trabalho e da mulher e acreditar no processo de modernização da sociedade brasileira Tobias Barreto, na ânsia de trazer o século XIX para o Brasil, não passa, querendo ou sem querer, de um ideólogo da burguesia. Só que a classe dominante, no Brasil, tem medo da revolução. A grande e possível frustração de Tobias Barreto é que ele, no fim do século XIX, é o ideólogo da burguesia que não existe.

- (01) – Tobias Barreto, *Vários Escritos*, Edição do Estado de Sergipe, Rio de Janeiro, 1926, p. 152.
 - (02) – Tobias Barreto, *Obras cit.*, p. 142.
 - (03) – Oliveira Viana, *O Ocaso do Império*, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro 1959, pp. 19 e 35.
 - (04) – Tobias Barreto, *Obra cit.*, p. 126.
 - (05) – Tobias Barreto, *Obra cit.*, p. 126.
 - (06) – Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1940, p. 161.
 - (07) – Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1960, p. 341.
 - (08) – Nelson Werneck Sodré, *Obra cit.*, pp. 343 e 344.
 - (09) – Octávio Brandão, *Os Intelectuais Progressistas*, Organização Simões Editora, Rio de Janeiro, 1956, p. 19.
 - (10) – Tobias Barreto, *Estudos de Filosofia*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1956, I Volume, p. 12.
 - (11) – Luiz Antônio Barreto, Tobias Barreto, *A Abolição da Escravatura e a Organização da Sociedade*, Sociedade Editorial de Sergipe, Aracaju, 1988, p. 14.
 - (12) – Octávio Brandão, *Obra cit.*, p. 17.
 - (13) – Tobias Barreto, *Obra cit.*, p. 221.
 - (14) – Tobias Barreto, *Obra cit.*, p. 114.
 - (15) – Tobias Barreto, *Estudos de Filosofia*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1956, II Volume, p. XXVIII.
 - (16) – Leandro Konder, *A Derrota da Dialética*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1988, p. 10.
 - (17) – Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*, José Olímpio Editora, 1940, p. 161.
 - (18) – Evaristo de Moraes Filho, *Medo à Utopia*, Editora Nova Fronteira/INL, Rio de Janeiro/Brasília, 1985, p. 177.
 - (19) – Evaristo de Moraes Filho, *Obra cit.*, p. 150.
 - (20) – Evaristo de Moraes Filho, *Obra cit.*, p. 139.
 - (21) – Tobias Barreto, *Vários Escritos*, Edição do Estado de Sergipe, Rio de Janeiro, 1926, p. 81.
 - (22) – Octávio Brandão, *Obra cit.*, p. 17.
 - (23) – Tobias Barreto, *Questões Vigentes*, Estado de Sergipe, 1926, p. 28.
 - (24) – Octávio Brandão, *Obra cit.*, p. 46.
 - (25) – Octávio Brandão, *Obra cit.*, p. 45.
 - (26) – Tobias Barreto, *vários Escritos*, Edição do Estado de Sergipe, Rio de Janeiro, 1926, p. 184.
 - (27) – Octávio Brandão, *Obra cit.*, p. 47.
- (x) – ARIOSVALDO FIGUEIREDO – Advogado. Jornalista. Diplomado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia Sergipana de Letras. Professor da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Conselho Diretor da U. F. S.

ERNESTO HAECKEL E A FAMA DE TOBIAS BARRETO (1879 – 1882)

Jackson da Silva Lima

É costume associar o renome cultural de Tobias Barreto à sua entrada na Faculdade de Direito do Recife, após o célebre concurso realizado de abril a maio de 1882 e, principalmente, a partir do exercício da cátedra como lente substituto. Mas, na verdade, quando da ocorrência desse evento, que passou aos anais da história acadêmica como o "Concurso de Tobias", o original sergipano já era intelectualmente um homem famoso, conhecido na pátria de Haeckel, do público alemão no Brasil, através dos jornais em língua alemã publicados no Rio Grande do Sul ("Koseritz Deutsche Zeitung") e em São Paulo ("Germânia"), e, sobretudo, festejado pela juventude universitária do Recife, composta de estudantes pernambucanos, cearenses, sergipanos e de outros Estados brasileiros.

O ponto de partida da grande fama tobiática residia na publicação do livro **A Filosofia no Brasil** (1878), de Sílvia Romero, no qual é reservado ao autor de **Dias e Noites** um papel de expressivo relevo no panorama dos estudos filosóficos em nosso país. Mas a obra, por si só, não teria provocado a repentina nomeada de Tobias Barreto, mesmo porque, em termos nacionais, fora minimizada e destituída até de valor científico. Contudo, ela serviu de meio, de instrumento. Seu editor Karl von Koseritz, alemão radicado em Porto Alegre, enviou um exemplar a Ernesto Haeckel, com quem há anos se correspondia, tendo o mesmo, em carta, assim se manifestado: "Até onde posso compreender (pois não sou nenhum herói em português), muito interessou-me o pequeno livro do Dr. Sílvia Romero, principalmente na parte que trata de Tobias B. de Menezes, [o qual me parece pertencer à raça dos grandes pensadores e dos incansáveis trabalhadores]" (1). Af, sim, é que a estrela de Tobias começou a brilhar.

Antes de ser publicada no Brasil, a carta de Haeckel a Koseritz foi divulgada em Berlim, Leipzig e, com certeza, em outras cidades da Alemanha. Koseritz reproduziu-a na "Deutsche Zeitung" e na "Gazeta de Porto Alegre", dando conhecimento a Tobias Barreto, que, por sua vez, noticiou o fato no seu jornal "Contra a Hipocrisia" (1879), e, naturalmente, teve circulação nos jornais do Recife, ou, pelo menos, entre os amigos do sergipano ali residentes. O de que não se pode duvidar é a sua rápida difusão em Pernambuco, atingindo a Bahia e, em particular, Sergipe. Houve uma euforia geral, especialmente dos sergipanos, ao saberem da louvação do sábio europeu, que na época gozava de grande prestígio científico, proclamando Tobias Barreto pertencer à **raça dos gênios**.

Anos mais tarde, o próprio Tobias, voltando a esse assunto, tenta minimizar o efeito publicitário que haveria tido a declaração do professor alemão da Universidade de Jena, talvez por escrúpulo ou qualquer outro sentimento pessoal que não vem ao caso perquirir: "Em virtude da acanhada circulação daquele jornal (reporta-se TB ao periódico "Contra a hipocrisia", as palavras de Haeckel ficaram limitadas ao conhecimento de um pequeno número, posto que elas fossem repetidas no **Export**, e no **Magasin für die Literatur des Auslandes**, jornais de Berlim. Tempos depois, quando já me achava nesta capital e como lente da Faculdade, a imaginação de algum **sanguíneo** apoderou-se das palavras do grande naturalista, alterou-as, desfigurou-as e deu-lhes enfim o sentido que bem entendeu"(2).

1. Jovianiano Romero, "Weltpost(correio do mundo)", in *Ego Liberal*, 11.06.1881, dá esse trecho, em língua alemã; idem, original e tradução, pelo próprio TB, "Deixemo-nos de legendas", in *A Reforma* (Aracaju-Se), 19.08.1888, reproduzido por Sílvia Romero em *ESTUDOS ALEMÃES*, p. 512 (edição de 1926).

2. In "A Reforma", 19.08.1888; idem *Estudos Alemães*, edição citada p. 512.

A verdade, porém, é bem outra. Conhecido o pensamento de Ernesto Haeckel, houve, de imediato, uma curiosidade enorme em torno da pessoa de Tobias Barreto. O que era natural, por força da autoridade do filósofo-naturalista alemão. A partir do momento em que Haeckel se dignou de falar sobre Tobias, a própria imprensa germânica se interessou pelas atividades culturais do sergipano, na sua luta solitária em querer reoxigenar o pensamento nacional com as luzes da ciência tedesca. Biografia e retrato de Tobias saíram na "Gartenlaube" (1879), de Leipzig, com apreciação crítica do escritor Alfredo Waldler, sob o pseudônimo A.W. Sellin. Outros jornais alemães se detiveram sobre o conterrâneo. Choveram as cartas da Alemanha para Escada. Era o início da consagração tobiática.

A redação da "Kölnische Zeitung", da cidade de Colônia, se dirige ao sergipano nos seguintes termos, em 29 de outubro de 1879: "através de um artigo no jornal Gartenlaube, temos conhecimento de sua admiração pela literatura alemã, bem como de seu esforço empreendido para torná-la conhecida e estimada. Isto inventivou-nos a tomar a liberdade de enviar um exemplar do nosso semanário, como pedido de aceitá-lo com benevolência. Se pudermos com isso proporcionar ao senhor uma pequena satisfação, teremos conseguido a nossa finalidade. Com toda a estima, a Redação da Gazeta da Colônia" (3).

Entre outros intelectuais alemães, Paul Apfelstedt, de Frankfurt, em carta datada de 2 de janeiro de 1880, assim se expressa: "Desculpai-me que eu tome a liberdade de importunar-vos com um pedido, cuja bondosa satisfação ser-me-á assaz agradável. Desejo muito e muito poder juntar ao meu Álbum de Autógrafos o vosso precioso manuscrito, e por isso vos peço cordialmente, para que vos digneis de mandar-me uma linha escrita de vossa mão. Infelizmente não tenho da língua portuguesa o conhecimento que tendes da alemã; razão por que me dirijo a vós no meu próprio idioma. Há pouco tive o prazer de ver na Gartenlaube o vosso retrato. Na lisonjeira esperança de que o célebre lutador pela vida espiritual alemã há de atender ao meu pedido, eu me permito de antemão dar-vos os meus agradecimentos, e vos saúdo, assegurando-vos a minha alta estima e consideração" (4).

É compreensível que Tobias se sentisse orgulhoso diante dessas e outras manifestações elogiosas vindo da Alemanha. Em razão desse apreço é que o sergipano teve condições psicológicas de persistir no propósito cultural regenerador que desencadeara em todos os domínios da crítica científica, a começar pela filosofia, passando pelo direito e sociologia política, até as raias do jornalismo provinciano, então destituído, em regra, de grandeza reflexiva. Quando divulgava tais documentos, qual o fizera com a missiva de Paul Apfelstedt, era sob compulsão psíquica, na qualidade de desabafo acintoso contra adversários poderosos: "Os senhores juiz de direito e promotor público tenham paciência: não posso deixar de incomodá-los com **certas coisas**, que devem feri-los nos mais fundo de suas **semi-almas**. Acabo ainda de receber uma carta da Alemanha em termos tais, que não resisto à tentação de lavá-la ao conhecimento de SS. SS., para roubar-lhes o sono por umas poucas noites. E desta vez não sou tão cruel, como dantes; não só dou o original, como a tradução" (5).

Como não poderia deixar de acontecer, a proeza cultural do mulato ganha a s ruas do Recife, via Rio Grande do Sul, onde Koseritz ia divulgando as notícias da Alemanha sobre Tobias, na "Deutsche Zeitung" e na "Gazeta de Porto Alegre", enfatizando o papel do sergipano, desde a carta de Ernesto Haeckel aos artigos posteriores publicados na imprensa alemã, como, por exemplo, a reportagem saída na Gar-

3. In "Gazeta de Porto Alegre", nº 280, 3.12.1879; idem, Joviniário Romero, "Weltpost (correio do mundo)", In Eco Liberal, 11.08.1881.

4. Tobias Barreto, "Mais uma pitada nas ventas da parelha judiciária", in Contra a hipocrisia (Escada-Pe), nº 15, 19/02/1880.

5. idem, ibidem (nota anterior).

tenlaube, retromencionada: "Traduziremos a parte biográfica do escrito para que esse brasileiro, cujo nome é hoje célebre na Europa, seja ao menos da tomaviagem, conhecido em sua pátria"(6). De Pernambuco, os comentários voam para outros Estados vizinhos, em particular o nosso Sergipe. Em termos locais, até o ano de 1880, Tobias Barreto era praticamente desconhecido entre nós. Ninguém, inclusive, se apercebera de sua passagem por aqui, em 1870, quando viera buscar sua mãe viúva. Bastou a divulgação de sua fama na Alemanha, merecendo palavras elogiosas de Ernesto Haeckel, seguidas do continuado interesse da imprensa germânica em torno de sua figura, para que os de Sergipe se engrandescessem ao ver o comprovinciano no topo da notoriedade cultural.

Dá-se explicar o desejo do historiador Lima Júnior em escrever a Tobias, solicitando dados para a elaboração de uma biografia. Numa segunda carta(25.08.1880), procura certificar-se do inacreditável feito do conterrâneo: o de que Haeckel houvesse se ocupado dele, Tobias, tendo este, em carta de 13 de setembro de mesmo ano, confirmado a façanha: "Também é certo que, em carta particular a um amigo do Rio Grande do Sul, Ernesto Haeckel disse que eu lhe parecia pertencer à raça dos grandes pensadores"(7). Ainda nesse ano de 1880, Joviniano Romero, irmão de Sílvia, doutor em ciências médicas pela Faculdade de Medicina da Bahia, começa a divulgar em jornais da terra as suas idéias político-filosóficas, sempre citando Tobias, e noticiando os êxitos por ele alcançados na pátria de Goethe: "Além disto e acima de tudo, assinalo o conceito que o dr. Tobias Barreto dizia fora de seu país em face da imprensa alemã. Não há muito tempo que a **Gartenlaube**, gazeta de Leipzig, ofereceu, em sua página de honra o retrato do ilustre sergipano, aos seus assinantes; não há muito que Ernesto Haeckel — o autor da "Natürlich Schöpfungs-Geschichte", o espírito mais alto da sábia Alemanha, pronunciou-se sobre o dr. Tobias Barreto"(8).

A reação conservadora, em Sergipe, não se fez esperar. De tabela, começaram a surgir as alfinetadas a Tobias Barreto e a Sílvia Romero, já que Joviniano era o alvo principal das críticas formuladas, nas páginas da "Gazeta do Aracaju", tendo à frente da redação o padre Olímpio Campos, depois monsenhor, e o pedagogo Brício Cardoso: "o adorador de Tobias Barreto, o citador de seu crítico irmão, é em letras e bom senso o que ele não se supõe ser — um José Nabo marroaz, um sócio do instituto de elogio mútuo fundado pelo impio professor de Barbe do Colégio Pedro 2º e o bacharel da Escada, dos discursos em mangas de camisa"(9).

Nas colunas do "Eco Liberal", nesse ano de 1881, Joviniano Romero contrata, chamando o professor Brício Cardoso, entre outras amabilidades, de "o mais insignificante escrevinhador de Sergipe", transcrevendo carta e elogios a Tobias oriundos da Alemanha, publicados por Koseritz na "Gazeta de Porto Alegre"(1879). Por outro lado, em que pese ao seu comprometimento com as forças culturais reacionárias, no âmbito do pensamento filosófico, o historiador Lima Júnior, em 1881, dá o conhecer ao público a biografia e os feitos intelectuais de Tobias Barreto, acentuando: "Incompetente para emitir opinião sobre as obras do filósofo brasileiro e medir a estatura de seu vulto homérico, direi apenas o que é incontestável por estar no conhecimento de muitos embora não no domínio de todos, principalmente dos sergipanos; isto é, as obras publicadas por Tobias Barreto têm merecido as honras da melhor crítica européia. Na Alemanha, sobretudo, nenhum brasileiro é tão estimado"(10).

Por essa altura (fins de 1880 e começos de 1881), Tobias Barreto tenta sobreviver como pode, já que não exerce nenhuma função pública remunerada, valen-

6. Idem, *ibidem* (nota 3).

7. Tobias Barreto, "carta a Carvalho Lima Júnior", 13.08.1880, in *Vários Escritos*, 1926, p. 300.

8. Joviniano Romero, "Um discurso em mangas de camisa", in *Eco Liberal*, 18.12.1880.

9. in "Gazeta do Aracaju", 24.04.1881.

10. "Traços biográficos de Tobias Barreto de Menezes", in *Eco Liberal*, 5.11.1881.

do-se do único instrumento que tem à mão, ou seja, a palavra, na condição de advogado em causas remanescentes da sua atuação profissional em Escada, ou na qualidade de jornalista e de escritor. Durante esse período, publica os "Estudos Alemães", revista mensal de filosofia, direito, literatura e crítica (novembro/80 a março/81); ainda em março de 1881, recebe TB carta do escritor alemão Richard Lesser, Presidente do Clube dos Cosmófilos, com sede em Leipzig, convidando-o a aceitar o diploma de membro correspondente da aludida entidade, além do encargo honroso de ser seu único representante no Brasil(11); já em mais desse último ano, mantém funcionando um curso livre de direito para acadêmicos(12), seguido da edição do seu trabalho jurídico **Fundamento do Direito de Punir**: publicações essas feitas em Escada, na tipografia do autor, o que torna evidente o fato de Tobias, mesmo residindo em Recife, continuar em contato com aquela cidade.

Em maio de 1881, Inglês de Souza toma posse na presidência de Sergipe e, logo após, entra em linha de cogitação a possibilidade do conterrâneo voltar à província natal para exercer um cargo público remunerado. Divulgada a idéia, através do jornal "O Democrata", e coincidindo a notícia com a polêmica entre o governo e a igreja, em torno da abolição do ensino religioso nas escolas públicas, cresce a animosidade contra Tobias Barreto, já tido e havido como indesejável pelas forças retrógradas, bem representadas pela redação da **Gazeta de Aracaju**: "Se o ilustre Sr. dr. Tobias Barreto for nomeado diretor da instituição pública, terá feito o sr. Inglês de Souza, como dissera o **Democrata**, uma grande afronta, um presente funesto ao corpo docente de Sergipe. De acordo. O sr. Inglês de Souza nomeando-se o lente de alemão do Liceu, deixou poder concluir-se, como ainda disse o **Democrata** que provavelmente seria aquela grande ilustração sergipana o diretor da instituição. De acordo ainda. Se sua excelência deixou poder concluir-se, também deixou poder concluir-se que tem a intenção de fazer a grave afronta, ou que já a fez moralmente, o que é o mesmo, embora não havendo cá o ilustre sr. dr. Tobias, que, segundo o **Democrata**, nada em rios de ouro"(13).

Efetivamente, em 10 de setembro de 1881, é publicada a referida nomeação, como se vê do "Jornal de Sergipe", edição de 21 desse mesmo mês, na parte oficial: "Presidência da Província - Expediente do Governo do dia 10 - Ao Diretor Geral da instrução pública - De ordem de sua excelência o sr. presidente da província, comunico a V. S., para seu conhecimento e fins devidos, que por ato de hoje, foi nomeado o dr. Tobias Barreto de Menezes para reger interinamente a cadeira de gramática, língua e literatura alemã do Liceu secundário sergipano, criada pelo regulamento de 4 de julho findo".

Nomeado Tobias Barreto, os acadêmicos sergipanos do Recife fazem uma festa de despedida, no mês seguinte, homenageando o conterrâneo, com a entrega de um presente em nome da colônia terrantesa. Foi orador Manoel dos Passos de Oliveira, de cujo discurso vão aqui alguns fragmentos: "Sr. Dr. Tobias Barreto - Vede!... É um punhado dos filhos dessa terra, que é também vossa, que vem render-vos admiração. Eles vêm saudar um homem extraordinário, para quem fora pequena uma Ilíada, se a Grécia o chamara - colosso; para quem será grande o pedestal, quando as gerações deslizarem diante de seu busto. Vêm saudar o homem-gênio. [...]. Pois bem. Agora que ides inundar de luz o vosso berço é que os sergipanos devemos soltar as rédeas do entusiasmo. Ides dar adeus à terra onde nascestes - o adeus que o poeta Inglês orvalhara de saudades e que proferis convulso de alegria - por que é o adeus de quem volta. [...]. Ao gênio, pois, e não à glória, é que vimos saudar. Aquele, sim; porque pertence a uma atualidade, porque apresenta-se objetivamente

11. Joviano Romero, "Weltpost(correo do mundo)", in Eco Liberal, 11.06.1881.

12. in "Gazeta de Sergipe", nº 99, 21.05.1881.

13. in "Gazeta do Aracaju", 27.08.1881.

aos nossos olhos. A vós, portanto, Sr. Dr. Tobias, que vos erguestes como a ave que vos simboliza, do ninho para infinito; à vós que elevastes à altura, de que era digna essa porção do Brasil onde nasceste, os nossos reconhecimentos. [...]. Quando éreis envolvido nos torvelinhos de aplausos com que a Alemanha vos abria as portas, nós vos contemplávamos ébrios de prazer que filtrava-nos o orgulho de sermos vossos conterrâneos. Para a imortabilidade caminhastes com passos de gigante”(14).

Como coroamento da nossa tese, isto é, a de que Tobias ao participar do concurso para lente substituto da faculdade de Direito do Recife, já era considerado uma celebridade nacional, pelo menos nas províncias do Rio Grande do Sul, São Paulo(nos jornais em língua alemã), Pernambuco e Sergipe, invocaremos o depoimento de duas testemunhas oculares: Um dos concorrentes à catedra e o então acadêmico Faelante da Câmara. O Dr. Lomelino Drummond, quando arguiu o sergipano, fez questão de acentuar perante os presentes, entre os quais se encontravam Gumerindo Bessa e Oliveira Teles, essa verdade cristalina, “dizendo que para ele era um grande prazer agüir a um homem, **cuja vasta ilustração o mundo civilizado proclama** (o grande é o nosso);que bem vai a desigualdade da luta que ia travar-se, de que só tiraria uma glória:a de cair em frente de um gigante”(15). Anos mais tarde, ao ler a crônica acadêmica do ano de 1909, Faelante da Câmara, repisa o mesmo caminho, já por outras tantas vezes palmilhado: “De todas as provas que Tobias nos deu do seu talento, foi o concurso de 1882 na Faculdade de Direito, **a maior e a mais ruidosa** [...]. O solitário da Escada vinha precedido de grande fama, como um representante raro do mamífero humano, e a concorrência tornou-se realmente extraordinária”(16).

É claro que, com a entrada de Tobias Barreto na Faculdade de Direito do Recife (2º semestre de 1882), a notoriedade do sergipano continuou a crescer, a ponto de, às vésperas da morte (junho de 1889), ser convidado por Jules Simon, autor de **Religion Naturelle**, livro por ele criticado duramente em 1869, a representar o Brasil em Paris, num congresso internacional de homens de letras. Celebridade essa que o conterrâneo não possuía em tão larga escala, antes da divulgação da carta de Ernesto Haeckel a Koseritz, na Alemanha e em diversas províncias brasileiras. Não obstante os trabalhos publicados, em particular o jornal “*Deutsche Haempfer*”(1875), e as duas monografias em língua alemã – **Brasilien wie es ist in literatischer Hinsicht betrachtet** (1876) e **Ein offener Brief an die deutsche Presse** (1878). Essa é a verdade histórica.

14. “Discurso”, in Sergipe (Aracaju-Se), nº 21, 20.11.1881.

15. Oliveira Teles, “Um acontecimento científico da Academia do Recife: o concurso de Tobias B. de Menezes”, in Sergipe, 22.07.1882, idem, Gumerindo Bessa, “Um triunfo esplêndido”, in Diário da Manhã (Aracaju-Se), 4.11.1924, reproduzido em Estudos de Direito, Vol. II, 1926, p. 260-261 (Carta ao Dr. Luiz de Matos Freire, Juiz de Direito de Estância-Se, datada de 1º de maio de 1882, Recife).

16. in “Revista Acadêmica”, Recife, Ano XVI, 1909.

TOBIAS BARRETO
MONISMO E DUALISMO

José Silvério Leite Fontes

Tobias Barreto é uma figura marcante na história do pensamento brasileiro, embora sua estatura como filósofo seja bastante controversa. Todos concedem, porém, que sua pessoa foi centro irradiante de idéias e de reflexões sobre os problemas fundamentais da vida, da sociedade e do direito. Na arrancada para discussão dos temas propostos pelo pensamento europeu, da segunda metade do século XIX, especialmente o germânico, residiu o núcleo da que se chamaria a Escola do Recife.

Sobre o filósofo, são discordantes as opiniões.

Pe. Leonel Franca nega-lhe praticamente todo valor. "Originalidade, profundidade, sagacidade no discernimento das tendências contemporâneas, intuição do futuro, tudo isso, que se encontra nos gênios e ainda nos talentos superiores, faltam a **Tobias Barreto**. E o crítico não foi mais feliz que o filósofo. Acabamos de ver com que facilidade acolheu sem benefício de inventário, alheias doutrinas. Aqui e ali, há algumas apreciações justas, por exemplo, de Hegel e Comte, mas são raras, são sempre muito ligeiras, muito à flor das coisas, sem nada aprofundar, sem descer nunca à raiz do erro... Originalidade é ainda um dos predicados das inteligências superiores. Os amigos reivindicam-na para **Tobias**. Em filosofia, certamente, não o foi. Toda a sua obra não encerra uma investigação de valor, profunda, que lhe seja própria"(1). No mesmo diapasão, **Tristão de Athayde**, citado pelo **Pe. Franca**: "Nem um pensador, nem um filósofo. Nem um espírito nacional... Foi um espírito do seu tempo e que escapou com seu tempo"(2).

No mesmo tom, **Cruz Costa**: "Se não abriu caminhos definitivos à inteligência brasileira (aliás, nada definitivo existe nos domínios da inteligência), agrupou ao seu redor um bom número de inteligências que souberam dirigir-lhe caminhos novos. **Tobias Barreto** não foi um pensador, foi como outros letrados que temos tido, um comentador do pensamento europeu e, especialmente, do pensamento alemão".

Até agora manifestaram-se representantes de escolas filosóficas diretamente atingidas pelas críticas veementes e malévolas de **Tobias Barreto**, o tomismo (como trincheira filosófica do catolicismo) e o positivismo.

Outro juízo será formulado pela corrente culturalista ou por aquelas que se aproximam dela, embora materialistas de precisão, como os marxistas. Juízo mais sereno, à procura do compreender e avaliar, sem o *parti pris* de condenação. Nessa linha, está **Hermes Lima**, que dedicou belo estudo a **Tobias Barreto**, e estão os culturalistas, como **Antônio Paim**, **Miguel Reale** e **Paulo Mercadante**.

Hermes Lima vê sobretudo o Crítico de idéias: "O sistema não chegava jamais apagar-lhe a curiosidade indagadora. Não havia para o seu espírito acima de crítica. Dentro de sua obra cintila a flama de uma insatisfação, de um não conformismo intelectual, que a salvou de passar com as idéias, os preconceitos e o clima intelectual da época, tornando-a uma patrimônio da cultura brasileira" (4). Em radintamento a esse julgamento, diz **Antônio Paim**: "A contribuição de **Tobias Barreto** à evolução do pensamento filosófico brasileiro pode ser dividido em duas grandes seções: a) sua obra crítica; b) a tentativa de restauração da metafísica" (5).

Essa resenha de opiniões visou a conduzir-nos a perguntar: **Tobias Barreto** foi um filósofo? Em que sentido poderá ser assim chamado?

O que pensava dele o próprio **Tobias**?

Estava bem ciente do atraso brasileiro, em matéria de filosofia. De que os brasileiros pensávamos e escrevíamos a crédito, isto é, sem originalidade, reproduzindo as idéias dos outros. **Filosofia e Ciência** era roupa feita em Paris. Era supérfluo

demonstrar que o sol não é frio ou que o Brasil não tem cabeça filosófica(6). **Evaristo de Moraes Filho**, que acentua as insuficiências do Sergipano, procura mostrar que este não estava acima das por ele criticadas, pela sua mania germanista e sua subserviência aos autores alemães, e lembra que no ensaio intitulado **Variações – Anti-Sociológicas**, pede licença a **Ihering** para dele discordar de **Joelhos**, numa atitude de humildade colonial(7). É bem de ver que escrevendo em 1879, sobre artigo de **Sousa Bandeira Filho**, que censurara a **Silvio Romero** falta de originalidade, o nosso escritor confessa sua dependência e de **Silvio**: "O que nos encarregamos de abrir caminho em nosso país à corrente do germanismo, nós outros que confessamos a pobreza, no domínio das idéias, é natural que só pensemos e escrevamos a crédito. Procurando de preferência socorrer-nos dessa brilhante Alemanha, que como dizia **Taine** antes da guerra de 70... á produit toutes les idées de notre âge historique, et pendant un demi-siècle encore, pendant un siècle pent-être, notre grande affaire sera les repenser"(8). Repensar as idéias da Alemanha porque superiores às francesas, estioladas pelo ecletismo e pelo positivismo, poderia parecer-lhe por-se à vanguarda da reflexão da humanidade, para quem acreditava que a história é transformação e progresso, objurgava os pensamentos superados, pela ciência, do passado.

Tobias Barreto, ao que saiba, somente uma vez se declara filósofo, mas em termos limitados, "em confiar nas leis da História", o que não o qualifica filósofo como atividade habitual ou profissional, nem pela construção de uma obra filosófica"(9). Isso é de 1877. Alguma vez deixou-se envaidecer sobre o conceito de **Haeckel** a seu respeito de "pertencer à raça dos grandes pensadores", embora repelisse veementemente qualquer exagero desse conceito(10). Mas, o que poderia ter sido a consciência clara de seu papel está inserido no opúsculo sobre **responsabilidade dos ministros no Governo Parlamentar**: "Não pertenço à escola dos que admitem uma chamada última palavra sobre as questões, nem tenho a pretensão de vir aqui esclarecer coisa alguma. O problema que proponho no ponto debatido é unicamente o de ilustrar a mim mesmo. Se nesse mister sou obrigado a exercer a crítica, não o faço como meio de ensinar, mas como meio de aprender; eis tudo"(11). Essa declaração é repetida em termos aproximados em **Notas a Lápis, sobre a Evolução Emocional e Mental do Homem**, de 1884, distinguindo instruir-se como haurir idéias, de "fazer figura com o dinheiro dos outros"(12). Essa pretensão modesta e egoísta não parece, porém, corresponder à verdade. Não resta dúvida que toda sua produção intelectual foi feita de críticas e comentários às idéias alheias. Críticas ferinas e quem discordavam, mas positivas, repensadas as idéias, daqueles cujas posições pretendia apor àquelas acerbamente combatidas.

Pela leitura de vários textos, percebe-se nele o arauto de tempos novos, de conceitos novos, de novas assertivas filosóficas, que julgava serem a mais recente fase da evolução mental, contra a atmosfera conservadora e modorrente da elite cultural, brasileira da época. Em **Notas a Lápis**, de 1872, escrevia: "Eu não sou bastante forte para fazer a minha imagem e semelhança a sociedade em que vivo; mas esta, por sua vez, não é também bastante forte para me levar na corrente"(13).

Por isso, **Evaristo de Moraes Filho** percebeu nas páginas vigorosas de **Tobias** sobre o profetismo hebreu, como uma identificação, profeta, da nova era, para promover a justiça e a iluminação das inteligências(14). Referia-se então à poesia como poder ativo e social, que desserte não perdera o caminho do céu.

Imagine-se, pois, o sofrimento de **Tobias**, nos gemidos de solidão e o sentimento de estar no deserto, quando se sentia impotente para afeiçoar a sociedade circundante. Tinha de bradar e espernear, vomitar impropérios. Acrescente-se o isolamento cultural e físico, num meio inculto, avesso a pensar os grandes problemas do ser e do conhecer.

Seu contacto com as idéias novas se fazia pelos livros e revistas encomendadas na Europa, tendo notícia dos nomes divulgados, nem sempre do mais elevado

quilate. Daí o espaço objetivamente injustificável a pensadores como **Haeckel**, **Vacherot**, **E. Hartman** e **Noiré**. Daí também aquisição fragmentária do saber e a focalização igualmente fragmentária dos temas filosóficos. A elaboração dos juízos fazia-se num ambiente dado à polêmica, raramente em termos elevados, sempre muito pessoal e agressiva. Isso do meio, as preocupações do quotidiano, a dispersão mental que os ambientes acanhados exigem de seus homens distinguidos, tudo isso impedia o tranquilo aprofundamento dos conceitos e a arquitetura do pensamento.

Por isso, já em 1871, **Tobias** escrevia palavras aparentemente temáticas, mas de grande acerto e bela auto-justificação. "Geralmente se acredita que só existe filosofia, onde há uma cadeia de leis do pensamento, extremamente formuladas; e ainda mais, quando existe um certo número de verdades, postas em ordem, reduzidas a sistema... O germe da filosofia ou, como muitas diriam a sua própria vida, é uma tentação poderosa, inextinguível, de entrar no conhecimento de todos os objetos próximos ou remotos, humanos e divinos. Onde quer, pois, que o enigma das suas causas se agarre ao homem pensante; onde quer que, para decifrá-lo, nasça uma emulação infatigável entre os mais fortes espíritos de um povo ou de muitos povos ao mesmo tempo, aí temos o berço da filosofia"(15). Assim o disseram os pensadores de todas as épocas, desde **Aristóteles**, que registrava o espanto como o ponto de partida do filosofar. Essa busca das profundezas do desconhecido, essa angústia da existência, tão bem descrita pelo moderno existencialismo, retrata-se na quadra de **Tobias**, intitulada **O Coração**: "O Coração também é um metafísico: / Estremece por formas invisíveis / Anda a sonhar uns mundos encantados, / E a querer umas coisas impossíveis..."

Essa introdução convida a descobrir em **Tobias Barreto** o **ethos** filosófico, que nele germinou pensando idéias dos outros, mas pensando-as com a mente e o coração, interiorizando-as, para expô-las no turbilhão de seus debates e no calor de suas ligações. Como o dizem **Bergson** e **Maritain**, ninguém é verdadeiramente filósofo se não for metafísico e isto supõe uma intuição de ser, visão que se impõe, embora o filósofo não chegue jamais a apreciá-la.

Qual seria a intuição central de **Tobias**? Em que aspecto do mistério do ser tocou naquele ato unitivo de inteligência e vontade? Depois, como conceitualizou sua intuição?

Ninguém se aproximou mais das fontes inesgotáveis do conhecimento que o Poeta, embora jamais o clarifique, mas exponha numa forma plástica, num ato de inteligência e de emoção. Por isso, interrogarei primeiramente ao Poeta **Tobias Barreto**. Há tema que aparece e reaparece em seus versos, desde a fase espiritualista até a última década de seu viver: o sentimento da tragicidade da vida, a angústia de sua precariedade, a nostalgia do eterno e a distancia de Deus, o desespero de estar no mundo, a fuga para o prazer e para adscrever-se ao fluxo da natureza.

Já em 1866, falava sobre o "pequeno crepúsculo interior" da vida e, em 1861; "Não posso encontrar quem me diga: "Onde estão os tesouros de Deus". Em 1864, no soneto *Aspiração*, lamentava: "Somente o Coração geme isolado / Neste deserto de perpétua lida: / Por isso folga de encontrar um verbo / Uma voz que lhe fale d'outra vida..." Em 1882, acentuava, no poema a **Hermínia de Araujo**: Não compreendo isto assim: Nascer e morrer tão cedo, / Sem um mister, sem um fim". Da mesma época, são o famoso soneto **Ignorabimus** e a quadrinha **O Coração**, que acima transcrevi. Mas também percebia que os valores não perecem e na hecatombe dos fenômenos, eles duram. Leia-se **Sempre Bela**: "Diz o tempo à beleza: eu te devoro / E a beleza responde: eu te domino! / O tempo curva-se ao poder mais forte, / Das belas, como vós, é esta a glória: / Onde murcha uma flor, mil flores brotam. / E sempre repete-se a vitória..."(16).

Esse estado d'alma poderá talvez explicar o abandono da religião de sua juventude e o ódio que a ela nutriu, decepção prenhe de dúvida e incertezas, expressão

passional para sopitá-las no imo do coração. Ele indica ainda por que Tobias se afe-
rasse ao monismo, em busca de convicção firme e apaziguadora, embora o dualismo
sempre o prendesse, por diferentes formas. Via a transitoriedade do ser e sentia o re-
clamo do permanente, mas sobre essa procura caía a bandeira da dúvida atroz.

Quanto à construção teórica, muito deixa a desejar. Primeiramente pela
preocupação predominante crítica, fragmentária. Também pela falta de aprofunda-
mento teórico das questões. Dir-se-á que ficava naquilo que **Aristóteles** chamou de
aporética, isto é, da abordagem das possibilidades de solução dos problemas, com a
amostragem de suas dificuldades, sem chegar à conclusão exaustiva deles. O sábio
construtivo e criador vai ao cerne de suas dificuldades para expor uma resposta, seja
parcial e incompleta como todas as respostas relativas ao ser.

Acompanhando o roteiro de **Tobias**, poder-se-á detectar, em seus escritos
de ocasião, o aparecimento da problemática da dualidade ou unidade do ser, embora
jamais a ponha expressamente nesses termos.

Todos os estudiosos de **Tobias**, desde **Silvio Romero** assinalam as etapas
daquele roteiro, do ecletismo vagamente espiritualista ao positivismo, desde ao mo-
nismo Haekeliano e daí para o culturalismo. Vou descrever como se apresenta a
questão acima posta nas sucessivas etapas.

No artigo **Gulzot e a Escola Espiritualista do Século XIX**, ao criticar o tra-
tamento dado à Psicologia, pelos ecléticos, pela aplicação dos métodos das ciências
físicas, partindo da premissa então admitida de que "o primeiro fato da consciência
não é um simples fenômeno, cuja substância escape ao conhecimento imediato, mas
é ao mesmo tempo o fenômeno e a substância, o pensamento e o que pensa", conclui
que o método da psicologia não pode ser idêntico ao das ciências naturais. O eu per-
cebe-se como "uma força que se sente, que se conhece a si mesma" (17). Isso de
modo nenhum significa a espiritualidade da alma. Ela é uma força diferente das forças
naturais, porque se possui pelo conhecimento. Está, portanto, a esse momento, ca-
racterizada um dualidade de operação, não de natureza, e diverso processo de co-
nhecimento, dualidade que convive com a unicidade da textura ôntica. Nesse mesmo
diapasão, em **Teologia e a Teodicéia não são ciências**, admite a crença em Deus
como ato de Amor, excluindo-a como objeto de ciência, vez não seria possível adqui-
rir a noção do infinito e do absoluto: "Os teólogos que querem sondar e dispor do céu
trazem-me de longe o ruído do camartelo dos arquitetos de Babel" (18).

Já se iniciava nessa época sua principal adesão ao positivismo, levando-o a
excluir da ciência todo conteúdo que não se referisse a explicação causal dos fenô-
menos e reduzir todas as manifestações ativas do homem a um conjunto de forças,
inclusive a vontade (19), mas assim mesmo considerando a motricidade e a vontade
como atividades distintas, pois a vontade tem por condição de imperar sobre a motri-
cidade e a emotividade, de impingir aos demais estratos a habitualidade, porém ela
própria escapa a esta. A própria consciência difere do corpo por sua percepção dos
fatos internos, embora o ser que passa, sente e exerce todas as atividades orgânicas
é um todo. O que caracteriza essa qualidade da consciência, permite que ela se veja
como espírito, que se tem subjetividade por unidade real. Entretanto, ele, o ser pen-
sante, é objetivamente, como totalidade real, abrangente de "todos os termos possí-
veis de uma progressão ascendente", **fator e produto**. Em cada momento da história,
ele vale o resultado de todos trabalhos e conquistas anteriores. Em cada momento da
história, ele está, por conseguinte armado de novas forças para invadir o futuro" e
"quem sabe?... Perde-se de vista nos azulados abismos da perfeição sem limites"
(20).

Essas e outras questões levam-no a escrever aquele ensaio de 1875, em
que põe em dúvida a morte da metafísica e indica que as ciências naturais em seus
problema-limite tocam nos temas metafísicos(21).

Ao mesmo tempo, que a dicotomia relativa ao interior do composto individual humano transpõe-se para a diferenciação indivíduo-sociedade. E com uma conotação transformista e dialética, em que o produto é também produtor, embora firmada superficialmente.

A leitura de **Haeckel**, nos meados dos anos 70, vai arrastá-lo mais decisivamente na direção do monismo. E, primeira conclusão do professor de Iena a endossar, foi o banir as dúvidas sobre a origem dos seres, excluir a idéia de criação e adotar a de desenvolvimento (22).

Porém, a leitura de **Von Ihering**, de **Ludwig Noiré** e a releitura de **Kant**, havia de despertá-lo desse puro sonho monista, para a descoberta de novo dualismo, que lhe parecia compatível com o monismo. Também alguns outros conceitos fundamentais lhe provieram de **Darwin**, através de **Haeckel**: os de luta, herança, adaptação e seleção natural (23). Por sobre todos estes, porém, impunha-se outro conceito que assimilaram desde sua primeira fase filosófica, o de força. Não era idéia nova. Desde a época do ecletismo, como referi atrás, via no eu uma força. A leitura de **Haeckel** confirmou-o nessa posição. Apenas não sabia explicar como a vontade, que se opõe às forças naturais, esteja sujeita às leis mecânicas destas forças (24). Mas, para **Tobias** a vontade era força como força eram as palavras e o direito. Por fim, sob a influência de **Noiré** e **Kant**, diria: "Tudo é ao mesmo tempo **vontade** e **força**. Como **força** **aparece**, como **vontade** é; ou para falar na língua de **Kant**, como **força** é fenômeno, com **vontade**, **noumenon**" (25). Não chegou a esta conclusão sem vacilações, pois ainda em 1881, a propósito do direito de punir, ele entendia a sociedade como sistema de forças, que como outro sistema semelhante, busca o equilíbrio (26). Por conseguinte, entendia-a de maneira mecânica.

O posicionamento culturalista no que toca à humanidade resultaria decisivamente da influência de **Von Ihering**; ou seja, a distinção entre a natureza como reino das causas eficientes e a cultura como o das causas finais.

Está claro que o homem não deixava de ser produto natural, mas a essa condição acrescentava-se a de produtor, de criador de atos, de instituições e artefatos, por deliberação própria, orientada por motivos, que eram fins eleitos por sua vontade racional, por sua subjetividade.. Esta situação conflitiva entre os impulsos naturais, sujeitos à legalidade determinística, e as decisões finalísticas, foi descrita por **Tobias** com o uso de expressões lapidárias que ficaram famosas, reproduzidas de **Ihering**: "A sociedade não se dirige tão preponderantemente, como a natureza, pelo princípio da **causa efficiens**, mas ao contrário, pelo da **causa finalis**, de quem ela é em grande escala uma manifestação e um produto... A natureza interpelada sobre a causa dos seus fenômenos responde um **um** — **guia**; interrogada do mesmo modo, a sociedade responde por um — **ut**. Verdade é que o **guia** — dos fenômenos naturais se estende até os sociais, por isso que a sociedade estudada em suas raízes, não obstante as mais das vezes ser uma antítese, é também uma continuação da natureza" (27). A sociedade é um conjunto de vontades, cada qual com o seu propósito fim, que não pode ser explicada pelos mesmos princípios das forças naturais. A vontade é uma força, de diferente natureza das forças naturais, porque ela elege racionalmente seus motivos. Em decorrência de sua estrutura, ela transforma de dentro para fora pouco importando que resulte de fatores naturais (28). Nisso consiste o problema da liberdade, que denomina de empírica. Explicação certamente deficiente, fundada apenas na insuficiência da mente para explicar a eclosão dos atos humanos.

Há, porém, uma outra liberdade, mais adequadamente tal e que é complementação da primeira, a do homem "artista de si mesmo", uma conquista sobre as inclinações da natureza (29). Por isso, via na sociedade e na cultura a antítese da natureza (30):

A natureza é conjunto de forças antagônicas e a cultura é a força que inibe a natureza, estabelece composição entre aquelas forças, institui a regra cativa e traz

como resultado a paz. Tudo isso faz voltada para os ideais de beleza, justiça e ordem, que não preexistem à sociedade, mas germinam como metas em seu desenvolvimento. O direito é a força que mata a própria força e o homem, "o ser que doma-se a si mesmo". Tudo é produto e causa de seu desenvolvimento (31), um sistema de forças que lutam contra a própria vida e contra as forças naturais, seleção **artística** opo-nível à seleção natural (32).

Chegou assim a uma visão dialética da realidade. Onde a encontrou? Paim sugere a influência de **Cousin** e de **Hegel**. Outros vêm a da leitura de **Marx**, aí por 1880. Essa dialética, porém, não é a hegeliana, que se fundamenta na lógica do ser em transição ou no ser enquanto sujeito a exigência lógica interna. Aliás, não parece tenha **Tobias** tomado consciência clara da **tourné** dialética de seu pensamento. Antes vejo o resultado do pensamento de **Von Ihering**, que o sergipano reproduz com variantes, pensamento expresso em **A Luta pelo Direito e A Finalidade do Direito**. Há também ressonâncias de Herder, embora nenhum elemento tenha para afirmar o conhecimento da obra desse, como em **Introdução ao Estado do Direito**, em que nos fala toda pluralidade tender à unidade, que "a forma inferior aponta para a superior, a superior para a suprema, desde os mais exíguos portadores da vida... como se todo o mundo animal fosse somente um museu destinado a apresentar a gênese da humanidade... Toda forma animal ou vegetal é um passo inevitável pelo caminho da força criadora... Todas as coisas se desvestem e de sua antiga forma escorregam para uma nova; que nada permanece estável senão aqueles fios invisíveis, que chamamos leis e a que acha ligado... O único sentido superior que se nos depreende da observação do mundo, é que tudo parece penetrado de um pensamento homogêneo" (33).

Sua dialética pretende resultar da verificação empírica da realidade natural e hominal. Nisso se parece com a de Marx, mas este se prende ao esquema lógico hegelino, o que não acontece com **Tobias**, pois as negações implicam sempre em ultrapassagens que não se apresentam como negações, porém como um germe contido na unicidade contraditória das forças naturais e que supera a afeição o seu oposto...

A explicação vai buscá-la o ensaísta no pensamento de **Ludwig Noiré**, que supõe cada unidade da natureza tinha duas propriedades uma externa, o **movimento**, outra interna, o **sentimento**. A primeira predomina nos entes inanimados, e a segunda, em proporções crescentes, nos seres vivos. O desenvolvimento, lei fundamental da natureza, é o produto de ambas. A isso, a essa suposição fantasista, chamava **Tobias** de **Intuição monística** (34). Também encontrava ajuda na concepção Kantiana, segundo a qual, o estilo causal da mecânica não se prestava à explicação total do funcionamento dos organismos. Com ele, ficava sempre um **resto** sem esclarecimento. Daí as proposições da **Crítica do Juízo**, relativas ao plano da natureza (35):

Quanto às semelhanças com o pensamento marxista são apenas superficiais. Afora a falta de fundamentação lógica para um método que é essencialmente lógico, pois pressupõe o movimento do conceito ou do ser enquanto expressão do conceito, o que **Roberto Lyra Filho** já observava em relação a **Marx** (36), apontam-se as seguintes passagens: o **Discurso em Mangas de Camisa**, em que trata da dialética entre liberdade e igualdade (37), aquela outra de **Variações Anti-Sociológicas**, em que diz ser o homem da natureza apropriado não pela sociedade, mas por uma classe dela o que é a fonte do mal (38). Semelhantes superficiais e que o autor não desenvolveu, ficando em embrião.

A concepção dialética de **Tobias Barreto** permanece numa série de oposições e complementações. Se o germe sentimental e finalístico do átomo e do germe causal-mecanicista desenvolvem-se paralelamente, em sentido inverso, há entre elas diferenciação irreduzível, apesar de elementos integrantes do mesmo ente natural; como tais, permanecem inassimiláveis mutuamente e em relação aparentemente de justaposição, embora sua unidade nos mesmos atos de existência constitua segredo indecifrável. Por outro lado, o culturalismo tobiático somente secundariamente é Kantiano – Kant dissertava em termos de conhecimento e não de realidade, ao contrário

de **Tobias**. Seu idealismo é um acréscimo ao naturalismo, nunca o desmente. Convivem soldados um ou outro, sem perder a heterogeneidade.

Tudo isso, apesar da afirmação passageira e surpreendente de que o mecanismo como causa **aparece**, enquanto o sentimento enquanto motivo **existe**. Significaria existir que o motivo é o fundamento da operação das forças naturais? Nesse caso o **sentimento** ou vontade como força seria a infra-estrutura da dinâmica da natureza? Os dois lados dos entes naturais como se entendem? Como constituem unidade? Como unificam sua oposição de sub-contrariedade e, portanto, de complementariedade? Por isso, escrevi, noutro artigo, que **Tobias** nunca deixou de ser um eclético. Esse ecletismo está bem em consonância com o de **Ihering**, embora este se limite ao campo do Direito. Nisto consiste seu método histórico-naturalista (39).

Em verdade, **Tobias** tinha o coração de um metafísico, mas lhe faltava a **vis** arquitetônica, ou não teve oportunidade de apreender a importância das soluções metafísicas, apegando-se somente àquelas de caráter negativo, conquanto sentisse algo além dos fenômenos e da fugacidade deles, além do desenvolvimento das forças naturais. Buscava explicação para isso e não a encontrava com os instrumentos conceituais que as condições de vida lhe ofereceram.

Tudo o que está dito neste artigo, já o foi por outros, mas espero ter contribuído para deslindar o fio condutor da dinâmica filosófica do controvertido **Tobias Barreto**, não um gênio criador, mas o incentivador de consciências e de inquietações. Não terá cumprido o que julgava seu papel histórico?

NOTAS

- (1) **França, Pe. Leonel, Noções de História da Filosofia**, 12ª ed., Liv. Agir, Rio de Janeiro, 1449, pgs. 297 a 298.
- (2) **Athayde, Tristão de, Estudos**, 1ª série, Rio, 1927, pg. 385
- (3) **Cruz Costa, Contribuição à História das Idéias no Brasil**, Civilização Brasileira, 2ª ed., Rio, 1967, pg. 293.
- (4) **Lima, Introdução Geral – Tobias Barreto**, INL-MEC, Rio, 1963, pgs. 110-111.
- (5) **Paim, Antônio, História das Idéias Filosóficas no Brasil**. 2ª ed., Ed. Grijalbo, São Paulo, 1974, pg. 265.
- (6) **Barreto, Tobias, Estudos de Filosofia**. Ed. Grijalbo, São Paulo, 1977, pgs. 181, 182, 203, 278, 292, 267.
- (7) **Ibidem**, pg. 354.
- (8) **Ibidem**, pg. 203.
- (9) **Idem, Discurso em Mangas de Camisa**, in **A Questão do Poder Moderador**, INL-MEC, Rio de Janeiro, 1977, pg. 181.
- (10) **Idem, Depoimentos**, INL-MEC, Rio de Janeiro, 1978, pgs. 16, 35, 36.
- (11) **Idem, Estudos de Direito II**, 1978, pg. 64
Idem, A Questão do Poder Moderador e Outros Ensaio Brasileiros. Ed. Vozes de Petrópolis, 1977, pg. 252.
- (12) **Idem, Estudos de Filosofia**, ed. Grijalbo, S. Paulo, 1977, pgs. 292.
- (13) **Idem, estudos Alemães**, INL-MEC 1978, pg. 341.
- (14) **Idem, Moraes Filho, Evaristo de, Medo à Utopia**, Ed. Nova Fronteira, São Paulo pg. 175; **Barreto, Tobias, Crítica de Religião**, INL/MEC, 1978, pgs. 20, 21; **Idem, Monografias em Alemão**, INL/MEC, Rio, 1978, pg. 37.
- (15) **Ibidem**, pg. 84.
- (16) **Idem, Dias e Noites**, INL/MEC, 1978, pgs. 9, 10, 42, 49 e 84.
- (17) **Idem, Estudos de Filosofia**, ob. cit., pgs. 46, 47.
- (18) **Ibidem**, pgs. 59, 95, 96.
- (19) **Ibidem**, pg. 104.

- (20) *Ibidem*, pgs. 152, 153, 155, 156.
- (21) *Ibidem*, pgs. 187, 190, 217, 219.
- (22) *Ibidem*, pg. 216.
- (23) *Ibidem*, pg. 202.
- (24) *Ibidem*, pg. 337.
- (25) *Ibidem*, pgs. 104, 257, 287, 322, 337, 343.
- (26) *Ibidem*, pgs. 230, 323.
- (27) *Ibidem*, pgs. 242, 323, 328, 423.
- (28) *Ibidem*, pgs. 225, 266, 318, 320.
- (29) *Ibidem*, pgs. 337, 338.
- (30) *Ibidem*, pgs. 236, 331, 426, 431, 433.
- (31) *Ibidem*, pgs. 241, 242, 243, 245, 235, 258, 286, 296, 334.
- (32) *Ibidem*, pgs. 328, 329, 330, 331, 336, 337, 433.
- (33) pg. 421.
- (34) *Ibidem*, pgs. 322, 323, 327, 341, 342, 373, 423.
- (35) *Ibidem*, pgs. 350, 434.
- (36) *Ibidem*, **Lyra Filho, Roberto, Karl Meu Amigo: Diálogo com Marx sobre o Direito**, Fabris Ed. e IARGS, Porto Alegre, 1983, pg. 167.
- (37) **Barreto, Tobias, A Questão do Poder Moderador**, ob. cit. pg. 177.
- (38) **Idem, Estudos de Filosofia**, ob. cit., pg. 333.
- (39) *Ibidem*, pg. 236.

O GERMANISMO PATRIOTICAMENTE BRASILEIRO DE TOBIAS

Vamireh Chacon

O Livro de Tobias, no Antigo Testamento, relata a estória-história exemplar de um judeu cego, deportado entre os pagãos de Nínive, que casou com Sara, que tinha tido sete maridos mortos por Asmodeu, demônio da sensualidade e do amor impuro. Um anjo bom apróxima Sara e Tobias em meio às suas agruras, casa-os, ele se cura da cegueira e ela realiza o seu sonho de ter muitos filhos.

Os pais pobres do mulato Tobias Barreto de Menezes, nos outrora remotos sertões sergipanos de Campos do Rio Real, meados de um século XIX barroco e romântico nas capitais, ainda semifeudal pelos interiores, nunca podiam imaginar estar quase predestinando um filho pelo seu onomástico.

Mesmo tendo aprendido cedo o latim, de que se tornou professor aos treze anos de idade, Tobias Barreto iria considerar esta fase o início de uma cegueira intelectual, prolongando-se pelo seu francesismo, ao modo da sua época, até ver enfim a luz germânica na Terra Prometida da tradicional Faculdade de Direito do Recife, que na realidade terminaria lhe tratando tão mal... Para Tobias Barreto a Nínive foi Salvador da Bahia, onde passou quatro anos estudando para sacerdote católico, expulso por sua boemia de costumes e ousadia de idéias. Donde prosseguiu para Pernambuco, dez anos se preparando no município de Escada, para ingressar no templo da Faculdade... A Babilônia de todas as abominações permaneceu, aos seus olhos, o Rio de Janeiro frívolo e cortesão...

Até aqui as metáforas bíblicas. Algum exagero que cabe, porém, na figura desmensurada de altos e baixos que foi o teuto-recifense-sergipano Tobias Barreto de Menezes, "viajante que saiu do pago e voltou carregado de presente, distribuiu aos seus o que adquiriu, belas coisas e coisas sem importância, diamantes e lantejoulas, estrelas do céu e papel pintado, tudo que brilhava, que o encantava e que podia encantar os outros", nas palavras sentidas de outro sergipano, cosmopolita porém por viagem além dos livros, Gilberto Amado.⁽¹⁾

Não havia, contudo, desinformação e desinspiração nos arrebatamentos de Tobias Barreto. Hélio Jaguaribe resumiu muito bem, numa síntese só longa porque ora citada textualmente: "O germanofilismo de Tobias, freqüentemente ingênuo e quase sempre desmedido, representou, não obstante, outra dimensão de senso crítico. Foi Tobias o primeiro a perceber os maus efeitos que produzia no Brasil a excessiva influência francesa, que até alguns anos era a única importante influência européia que sofríamos. Compreendeu a medida em que tal influência estimulava nossa propensão para o literatismo superficial. E destacando, ainda que exageradamente, a importância da cultura alemã, não somente se propunha a contrabalançar a influência francesa e abrir novos horizontes à inteligência brasileira, como, por outro lado, no puro terreno da comparação de valores, pronunciava um juízo de preferência objetivamente justificado. Na verdade, desde os fins do século XVIII que declinou o poder criador da França – há naturais exceções, como Bergson – ao passo que se foi acentuando o peso da contribuição alemã. Houvesse a germanofilia de Tobias alcançando a repercussão que ele pretendia dar-lhe e a subsequente evolução da cultura brasileira teria sido mais fértil".⁽²⁾

A própria data da mudança de Tobias Barreto diz tudo, 1870, no testemunho do seu maior amigo, o também sergipano Sílvio Romero: "Foi, então, em 1870, que Tobias Barreto se decidiu pelos germânicos. Com aquele ardor que ele punha em tu-

do, com aquela enorme capacidade de aprender que o impelia, comprou um dicionário e uma gramática alemães, e pediu ao livreiro que lhe mandasse buscar na Europa a *Geschichte des Volkes Israels*, de Ewald. Foi este o primeiro livro alemão que o poeta sergipano possuiu. No intervalo, entre a encomenda e a chegada da célebre obra, o nosso patrício ficou estudando a língua alemã consigo mesmo. O que se seguiu, todo Brasil sabe..."(3)

Era a data, 1870, a vitória prussiano-alemão contra a França de Napoleão III, Napoleão "le petit" no sarcasmo de Victor Hugo, contrastando-o com o grande Napoleão I, Napoleão Bonaparte por antonomásia. Um impacto para o Mundo ainda embalado pelo mito parisiense. A surpresa de uma Alemanha unificada, imprevisivelmente poderosa, até então associada com o romantismo "mal-du-siècle", pátria de poetas e pensadores no dizer de Madame de Staël, de repente redescoberta como sinônimo de aço do Ruhr, canhões Krupp, passo de ganso, medicina avançadíssima, higiene, força e eficiência. Um choque para os francófilos e Tobias concluindo: "Desde 1871, quando uma nova era começou, o germanismo enfeixa, no melhor sentido da palavra, a atenção do Mundo. Em toda parte, até no Japão, todos se interessam por seu idioma e literatura: os franceses foram lançados em segundo plano, não só na competição militar, como também na espiritual."(4)

Mas não se confunda, o germanismo de Tobias Barreto e da Escola do Recife era "**antes literário que político**", descobriu-o um tanto penosamente Carl von Koseritz, quando se viu prontamente repellido por Silvio Romero, ao pedir-lhe apoio para "a concessão de transportar da Alemanha trezentas mil famílias para com elas povoar o território da :Missões; porque, como você facilmente avalia, seria o germe do futuro Estado germânico em terras da Meridional América"(5). E Tobias, mulato, nunca foi indiferente, alienado em sua germanofolia, diante do abolicionismo. Muito pelo contrário, provam recentes pesquisas, ele se engajou em favor da causa da extinção da escravatura, não só através de adesão pública a sociedades abolicionistas, quanto também e principalmente pela ação prática, como Curador de Escravos, buscando-lhes alforrias e defendendo-os perante os tribunais. E com quem Tobias simpatizava na política alemã era com o radical Heine, não com o historiador prussianizante e pangermanista Treitschke. Diante do próprio Bismarck tinha ele restrição que, contudo, não o levavam propriamente ao socialismo dos seus principais opositores.

Está, portanto, certo o juízo de Hélio Juguaribe sobre a linha geral do germanismo de Tobias Barreto: um germanismo oportuno, sintonizado com o seu século, embora ingênuo nos seus exageros, característicos de um temperamento arrebatado e de uma visão intelectual autodidata apesar de percuciente.

Que fritique também seu apelo em prol de diversificações das influências intelectuais digeridas e refeitas pelos brasileiros. Quando o germânismo poderá ser visto como parte e não o todo.

Num simbolismo quase bíblico, o centenário da morte de Tobias Barreto é também sesquicentenário do seu nascimento, religam-se as duas pontas da vida.

1) **A Dança sobre o Abismo**, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1952, p. 180.

2) **A Filosofia no Brasil**, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1955, p. 33.

3) "Considerações Indispensáveis de Sílvia Romero", **Estudos Alemães nas Obras Completas de Tobias Barreto**, Edição do Estado de Sergipe, Aracaju, 1926, pp. XX e XXI.

4) Aqui traduzido do original alemão **Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet (O Brasil tal com é do ponto de vista literário)**, sem ref. à editora, Escada, Pernambuco, 1876, pp. 3 e 4.

5) Sílvia Romero relatou o incidente em conferência no Gabinete Português de Literatura do Rio de Janeiro em maio de 1902 (**Discursos**, Lello & Irmãos Editores, Porto, 1904, pp. 189 e 190). Vale a pena recordar o ensaio de Sílvia, "O Alemanismo no Sul do Brasil", em **Provocações e Debates (Contribuições para o Estado do Brasil Social)**, Lello, Porto, 1910, pp. 115-169.

6) Vide Luiz Antônio Barreto, **Tobias Barreto, a Abolição da Escravatura e a Organização da Sociedade**, sem ref. à editora, Recife, outubro de 1988, *passim*.

Virgílio Campos *

**"Mostrai o sentimento, dai a paixão mais pura,
E não vos esqueçais de um pouco de loucura."**

— GOETHE —

Surgindo com ROUSSEAU, ainda no século XVIII, o romantismo espraiou-se pela Europa por todo o continente americano, não apenas como um movimento intelectual mas como forma de pensar e de encarar a vida. A **metafísica da razão**, com todas as nuances que tivera desde o tomismo até o iluminismo, ele opunha a **metafísica do sentimento**.

Durante a Revolução Francesa a **razão** dominara impulsionada pelo **sentimento**, mas o cataclisma revolucionário trouxera a todos, especialmente às classes cultas, uma estranha sensação de insegurança e de perda, assim como uma enorme desconfiança na **razão**. O otimismo, que fora a sua marca registrada dos primeiros tempos, e que acha magnificamente retratado na música de BEETHOVEN e na poesia de GOETHE, cede lugar a uma grande pessimismo conseqüente à queda de NAPOLEÃO e ao surgimento da Santa Aliança.

A busca de segurança levava às pessoas a não somente idealizarem épocas passadas, ilusoriamente vistas como mais felizes e mais bem ordenadas, o que aliás era condicionado pela brutal exploração gerada pelo avassalador desenvolvimento do capitalismo industrial, como também a refugiarem-se num mundo de sonho e fantasia, onde a aventura, a paixão e a loucura assumiam relevante papel. O otimismo somente reviverá, envolto num brado de protesto e revolta, após o declínio da política aliancista e da Revolução de 1830 em França. Surge aí a forma imensa de VICTOR HUGO que, embora poeta e romancista, é, surpreendentemente, o grande inspirador da Escola Socialista do Direito Penal ou, mais, especificamente, do **romantismo penal**.

Embora o Direito, como um todo, já houvesse recebido uma forte influência do romantismo, especialmente através de SAVIGNY e do **historicismo**, que foi um movimento jurídico-filosófico de cunho nitidamente romântico, o Direito Criminal permanecera solidamente preso ao **racionalismo**, cujo exemplo mais perfeito e acabado foi a Escola Clássica Penal.

O romantismo, após o grande florescimento da época revolucionária, sofrera tal refluxo que dera, inclusive, lugar a um precoce aparecimento do **realismo** na literatura, manifestando na obra magnífica de STENDHAL e de BALZAC.

Entretanto, a nova onda revolucionária iniciada a partir de 1830 e surgida juntamente com os grandes movimentos europeus de unificação nacional, deu novo alento ao romantismo que passou a ser, por excelência, a forma de manifestação

O autor é advogado no foro do Recife e Procurador da Fazenda Nacional em Pernambuco. O presente artigo constitui o Capítulo IV do seu livro "TOBIAS BARRETO PENSADOR DO DIREITO PENAL", a ser lançado.

intelectual dos grandes ideais de liberdade e justiça. VICTOR HUGO é a grande personalidade dessa segunda fase e irá exercer enorme influência no Brasil através, sobretudo, da **poesia condoreira** de CASTRO ALVES e de TOBIAS, o qual assim se refere ao vate francês:

"Hugo é o brado da democracia. A ele não compete organizá-la: compete anunciá-la. Ele prega, num radiante lirismo, o advento do Reino do Homem, e a sua voz ritmada chama a si as multidões. As instintivas massas humanas não se movem senão pela imaginação e pelo sentimento; a lógica persuade o homem culto, mas não converte o simples. Um apelo à liberdade e a justiça, feito em estrofes que seduzem como antigas "vozes do céu", arrebatava turbas que longos volumes de filosofia deixaram indiferentes."

TOBIAS, que teve em HUGO o seu modelo poético, tinha-o também na conta de grande propagandista de idéias políticas e sociais com as quais comungava. Admitia, sem reboços, que essa propaganda teria uma inevitável repercussão no Direito, influenciando os Códigos e produzindo grandes benefícios para a humanidade:

"...sua ascendência pesou consideravelmente sobre o século. Hugo decerto não inventou a misericórdia, mas popularizou-a... Ele deu um profundo abalo de compaixão à alma humana; a filantropia, que é a aurora confusa e vaga do socialismo, coincide, como prática social, com a sua predicação lírica da bondade. O seu nobre clamor pelos fracos, penetrando as almas, terá uma ação nos Códigos; e porque um poeta cantou, o mundo torna-se melhor."

O **socialismo penal**, como era chamado na época, havia surgido como um brado de revolta humanitária não só contra as péssimas condições e injustiças do sistema jurídico-punitivo mas, sobretudo, contra a miséria e a injustiça social, a brutal desigualdade econômica, as quais, segundo o movimento, seriam não apenas a causa do crime, mas o seu verdadeiro autor. Desviando o nexo de causalidade criminal do réu para a sociedade, referida **intuição socialista**, como a chamava TOBIAS, destruiu o próprio Direito Penal como sistema jurídico-punitivo. Ao contrário da intuição clássica do **criminoso-réu** e da intuição positivista do **criminoso-paciente**, ela surgiu com a sua intuição romântica do **criminoso-vítima**. A própria responsabilidade penal, que no classicismo tinha cunho **moral** e no positivismo tinha cunho **social**, desaparecia totalmente, já que responsável pelo crime era a sociedade e não o criminoso. Na impossibilidade de punir a sociedade, esta deveria ser **transformada**, e o criminoso, que não tinha porque ser punido, deveria ser simplesmente **reeducado** e recuperado para o convívio social. O crime, portanto, deveria ser **prevenido** e não **reprimido**. Referida concepção havia sido exposta por VICTOR HUGO no seu monumental romance, quase épico, "Os Miseráveis", o qual, tendo como pano de fundo todo o quadro político-social da França no século XIX, com todo o seu rol de mazelas sociais, centrava-se na figura de um pobre jovem do povo, Jean Valjean, o qual, por haver roubado um pão na mocidade e ter provado o sofrimento das prisões pelo seu ato induzido pela miséria, é perseguido a vida inteira pelo Estado repressor personificado no implacável inspetor de polícia Javert. De nada adianta a Valjean ter se tornado, após a sua fuga da prisão, um homem de bem e de elevado conceito social: é obrigado a viver sempre sob o nome suposto e no temor da sombra implacável do seu perseguidor. Este, finalmente, após muitos anos de perseguição, após finalmente capturar Valjean, reflete sobre a insensatez do seu procedimento, e, num acesso de remorso, deixa livre a sua presa e suicida-se nas águas do Sena.

O impacto causado na opinião pública pelo "Os Miseráveis" foi sem paralelo

na história da literatura. As pessoas seguiam os capítulos do livro com imensa ansiedade e intensa vibração a cada vez que Valjean conseguia escapar, ao mesmo tempo que manifestavam sincera revolta contra a perseguição da polícia e da Justiça ao herói.

Embora na vida real os criminosos raramente fossem apenas "boas pessoas", a vida inteira perseguidas somente por terem roubado um pão para matar a fome, o quadro traçado por HUGO das mazelas sociais, judiciais e carcerárias da época era absolutamente verdadeiro e requeria urgentes reformas. No campo jurídico-penal mostrava-se evidente o absurdo de se levar em conta apenas o **crime**, sem qualquer atenção à pessoa do **criminoso**. O mal, entretanto, consistia na radicalização de posições, que queriam ver somente um deles, com total desprezo do outro. De qualquer forma, **ver somente o delito** era uma posição jurídica, enquanto que **ver somente o criminoso** não o era. Podia ser uma posição filosófica, sociológica ou antropológica, mas não era uma posição jurídica.

TOBIAS, não obstante a admiração que votava a HUGO e de comungar com o seu ideário político-social, do qual se fizera paladino na poesia e no jornalismo, era jurista acima de tudo, e viu com nitidez o perigo que tal **intuição** representava para a ciência do Direito Penal:

"A **intuição socialista**, que podera também chamar-se intuição literária, porque é no domínio da literatura propriamente dita que ela conta os seus melhores representantes, não quer ver no delito senão o resultado da má organização social. Por um estranho romantismo humanitário, que se compadece mais do criminoso do que da sua vítima, ela faz da sociedade uma corré de todos os réus, intimando-a para que oponha ao crime, como os únicos obstáculos possíveis, a instrução e o trabalho."

O sergipano rebate a **intuição socialista** mostrando o exemplo de grandes criminosos pertencentes às classes superiores, cultos e abastados, que em hipótese alguma poderiam ser tidos como frutos da ignorância, da miséria e da injustiça social.

É curioso notar, entretanto, que o romantismo penal, no campo jurídico, surgiu estreitamente ligado ao positivismo criminal, que ele chamava de **naturalismo jurídico** ou **intuição naturalista**. O exemplo mais patente desse conúbio está na célebre afirmação de LACASSAGNE de que o **criminoso era o micróbio mas a sociedade era o caldo de cultura sem o qual aquele não poderia existir**. Ademais, em seu desenvolvimento pós LOMBROSO, o positivismo criminal assumiu uma nítida posição político-sociológica, com progressivo abandono de sua primitiva posição puramente médico-antropológica. Fato concreto é que muitas vezes o positivismo criminal e o romantismo penal se misturavam inteiramente, tornando-se indistinguíveis um do outro. Por isso é que TOBIAS muitas vezes os combate como se fossem uma mesma coisa:

"A teoria romântica do crime-doença, que quer fazer da cadeia um simples apêndice do hospital, e reclama para o delinquente, em vez da **pena**, o **remédio**, não pode criar raízes no terreno das soluções aceitáveis. Porquanto, admitindo mesmo que o crime seja sempre um fenômeno **psicopático**, e o criminoso simplesmente um infeliz, substituída a indignação contra o delito pela compaixão da doença, o poder público não ficaria por isso tolhido em seu direito de fazer aplicação do **solus populi suprema lex esto** e segregar o doente do seio da comunhão."

Em sua defesa do **jurídico**, ele produz página notável em favor da **pena** como instrumento de defesa social:

"O romantismo socialístico não pode chegar ao ponto de contestar ao Estado a faculdade de **policar**, ao menos no sentido de prevenir que o contágio dos leprosos prejudique a parte sã da sociedade. E aí se acha contida a resposta a segunda questão: o direito de punir é uma necessidade imposta

ao organismo social por força do seu próprio desenvolvimento. A teoria que por mero gosto de levantar pontos de interrogação, onde já existem pontos finais, ainda problematiza esse direito, intuitivo e líquido...'

É necessário frisar, no entanto, que se às vezes ele combatia as duas intuições como se fossem uma só, isto se deve ao fato de que elas realmente muitas vezes se apresentavam juntas. TOBIAS as diferenciava perfeitamente, tanto que a uma denominava de **intuição socialística** e à outra de **intuição naturalística**. Indiscutível, todavia, é que ele coloca referidas intuições no seu devido lugar, julgando a primeira ser terreno próprio do **filósofo social** e a segunda, do **cientista da natureza**. Não se esquece, entretanto, de defender o terreno reservado ao Direito e de repreender o jurista que dele se afasta:

"Quem não tem razão de escusa, quem não merece graça perante a lógica é o homem do direito, é o criminalista que porventura ainda se deixa arrastar pelo passageiro encanto de tais doutrinas e quer prender a sua ciência ao carro triunfal das ciências naturais, quando não atá-la às asas de uma vã filosofia romanesca."

TOBIAS não se limitava, todavia, a apenas discordar e criticar. Neste, como em tantos outros problemas e controvérsias, ele apresentava a justa solução e dava o correto valor às contribuições naturalísticas e românticas no combate à criminalidade, desde que não invadissem o território do propriamente jurídico:

"Entretanto é possível um acordo; convém que nos entendamos. A parte que têm os fatores naturais e sociais na gênese do crime é incontestável. Negá-la importaria desbaratar, por um lado, todos os trabalhos da **antropologia criminal**, dentro mesmo dos limites da sua competência, e, por outro lado, combater até a influência da educação, como fator social, na origem do delito, o que seria um absurdo. A questão consiste em saber o verdadeiro alcance desses fatores... A **matéria peccans** de ambas as teorias está somente no exclusivismo das duas pretensões, no quererem dar solução de tudo só porque dão a solução de alguma coisa. Pondo, pois, de lado, como inaproveitável, a quota de exagero e de despropósito, é justo reconhecer o que há de razoável nas mencionadas doutrinas... Assim é fora de dúvida que a natureza entra com a sua dose de influência físicas e químicas para a formação do homem criminoso, influências que muitas vezes se manifestam até na diferença de efeitos produzidos por uma alimentação diferente. Não é menos indubitável o quinhão da sociedade, o influxo do **monde ambient** moral e jurídico sobre a concepção e execução dos crimes."

Embora adversário da cientificidade da sociologia, por certo o seu maior equívoco doutrinário, TOBIAS era adepto do **sociologismo jurídico** o qual, como se sabe, não se confunde com **sociologia jurídica**. O primeiro é um método, que estuda o Direito em consequência com o fenômeno social por ele normatizado; a segunda é uma ciência autônoma, auxiliar do Direito mas que com ele não se confunde: seu objeto é a sociedade, vista sob o ângulo do Direito que a preside; nela o Direito perde o seu caráter normativo e assume o papel de **ideologia**. Seu método é **indutivo** e não **dedutivo**. Em resumo: o **sociologismo jurídico** é um método de uma ciência; a **sociologia jurídica** é uma ciência ela mesma.

O método tobiático de abordagem do Direito era o do sociologismo jurídico, que, inaugurado por JHERING na Alemanha, teve enorme repercussão no mundo.

Criticando a sociologia jurídica do Romantismo Penal e do Positivismo Criminal, que absorvia o Direito, nulificando-o como ciência normativa, TOBIAS mostra, em toda a plenitude, em que consiste o correto método do **sociologismo jurídico-criminal**:

"Um grupo social em cujo meio, por exemplo, o fanatismo religioso não encontra corretivo, vê multiplicarem-se facilmente os delitos causados por

divergências de crenças. Em um país onde as idéias de honra, de dignidade, de moralidade em geral, assentam em velhos preconceitos, o número de crimes cometidos por motivos frívolos é sempre maior do que naquele onde tais idéias são mais puras e esclarecidas. Um povo entre o qual a riqueza é mal distribuída e o trabalho mal recompensado, tem quase por certa a constante repetição dos delitos contra a propriedade. São verdades estas que não é lícito contestar. O que importa, sobretudo, é não lhes dar um valor científico superior as que elas contêm."

Tanto o Positivismo Criminal como o Romantismo Penal falharam no seu objetivo implícito, embora não declarado, de destruir o Direito Penal como ciência normativa. Isto deveu-se não somente a uma impossibilidade prática como a uma impossibilidade teórica. A primeira ficou evidenciada pela falência dos regimes totalitários, cujo "direito" revelou-se uma aberração anti-humana, absolutamente contrária aos generosos princípios que presidiram a formação daquelas duas correntes. Isto mostra que nem sempre as boas intenções produzem resultados com elas condizentes. A segunda ficou evidenciada pela incapacidade dos estudiosos abordarem indutivamente o que era essencialmente dedutivo. Neste último aspecto, foram pensadores do quilate de TOBIAS que mostraram o despropósito teórico a que se chegava.

Afastado o perigo de se substituírem ao Direito Penal como **sociologia** ou como **pedagogia**, restaram, todavia, como poderosas forças modernizadoras da ciência jurídico-social, penetrando à própria dogmática. A personalidade do criminoso passou a ser elemento importantíssimo não só para a aplicação da pena como para a própria valoração do fato típico. As condições ambientais passaram a ser consideradas tanto na etiologia do crime, influenciando decisivamente no juízo de culpabilidade, como na sua prevenção. Toda uma política penitenciária passou a ser contemplada no próprio corpo dos Códigos, deixando de constituir assunto puramente administrativo. A **reabilitação** do delinquente deixou de ser um argumento metafísico de justificação da pena e passou a ser uma preocupação concreta da dogmática penal. A idéia de castigo ou retribuição foi substituída pela idéia de defesa da sociedade, vendo-se o criminoso como parte indissociável dela, a cujo convívio deveria voltar um dia. As penas de morte, de galés e perpétuas, foram sendo pouco a pouco abolidas. As modificações, para melhor, na ciência penal, foram vastas e proveitosas para a sociedade e para a própria ciência.

O vaticínio de TOBIAS, de que o nobre clamor do romantismo pelos fracos, penetrando às almas pela pregação de HUGO, teria **uma ação nos Códigos**, cumpriu-se inteiramente.

Isto, afinal de contas, estava no cerne do próprio ideário evolucionista do pensador que, embebido de historicismo, via no progresso a soma das realizações humanas, numa arrebatada cavalgada de toda a humanidade em direção a um mundo melhor. Isto ele exprime romanticamente em versos condoreiros:

"Caminho, e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da história, que é minha irmã;
Chama-me Byron ou Goethe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrela da manhã."

O PROJETO CULTURAL REFORMADOR DA ESCOLA DO RECIFE

Antonio Paím

Em geral se considera o Movimento Modernista, iniciado em 1922 com a Semana de Arte Moderna, como a primeira manifestação significativa em prol da transformação radical do país através da reforma da cultura. O Movimento Modernista começa efetivamente com a denúncia da literatura vigente e se dispõe a substituí-la por formas literárias revolucionárias de que talvez *Macunaíma* seja o paradigma. Essa revolução estende-se às artes em geral e à própria língua. A política só aparece no ciclo final do movimento com duas propostas eminentemente autoritárias: o integralismo de Plínio Salgado e o comunismo de Oswald de Andrade. A singularidade do modernismo consistiria pois em ter imaginado que, para retificar o curso do país e retirá-lo da situação de atraso em que se encontrava, incumbia empreender um novo projeto cultural, que removesse profundamente os velhos fundamentos.

Na verdade, a hipótese modernista, longe de constituir algo de singular em nossa história, tem vários antecedentes. O marquês de Pombal também pretendia fazer renascer a grandeza da gente lusitana por intermédio da reforma cultural. Outro sentido não teve a criação do Colégio dos Nobres, em 1751, e a destruição da velha universidade, substituindo-a, em 1771, por uma nova instituição estruturada em torno da ciência. Entre os *estrangelados*, que era o nome então adotado pelos modernizadores, dos quais Pombal veio a ser o melhor sucedido, houve também quem concebesse minuciosa mudança em todos os segmentos da cultura. Chamava-se Luís Antonio Verney (1713/1792) e seu projeto está contido no livro *O verdadeiro método de estudar* (1746) e nos diversos manuais a cuja elaboração posteriormente se dedicaria.

Há um segundo projeto cultural de intenção reformista globalizante, desta vez para consagrar a nossa separação de Portugal. Seria obra dos ecléticos. Esse projeto foi avaliado por Roque Spencer Maciel de Barros no magnífico estudo *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães* (1973).

Roque Spencer lembra desde logo, que "o romantismo e os românticos representaram a consciência da nacionalidade nascente; foram os *educadores* de uma consciência nacional que era, ainda, mais uma aspiração que uma realidade. Trata-se, na construção dessa nacionalidade, não apenas de realizar uma tarefa política e econômica, mas de acompanhá-la e complementá-la por uma obra espiritual, por um trabalho de *formação*, que é obra de poetas, de literatos e de "filósofos", e tanto quanto de estadistas, e que tem, antes e acima de tudo, uma sentida eminentemente "pedagógica", no mais alto significado dessa expressão".

No cumprimento desse papel sobressai a figura estudada, cuja dimensão já fora estabelecida por José Veríssimo, em sua História da Literatura Brasileira. Prossegue então Roque Spencer:

"Magalhães, e o seu exemplo influiria os seus companheiros e discípulos da primeira geração romântica, sentiu que o renovamento literário de que as circunstâncias o faziam o principal promotor, carecia de apoiar-se em um lugar mental mais copioso, mais variado e mais intenso, do que até então aqui feito, e que uma literatura não pode constar somente de poesia, e menos de pequenos poemas soltos. Com esta intuição, senão inteligência clara do problema, que para ele e os jovens intelectuais seus patrícios se estabelecia, Magalhães colaborou em revistas com ensaios diretamente interessantes ao movimento literário e ao pensamento brasileiro, criou, com

Martins Pena, o teatro nacional, iniciou, com Teixeira e Souza, o romance, reatou com os **Tamoios** a tradição da poesia épica do **Caramuru** e do **Uruguai**, fez etnografia e história brasileira, deu à filosofia do Brasil o seu primeiro livro que não fosse um mero compêndio, e ainda fez jornalismo político e literário, e crítica. Pela sua consciência, assiduidade, dedicação às letras, que a situação social alcançada no segundo reinado, ao contrário do que foi aqui comum, nunca lhe fez abandonar, é Magalhães o primeiro em data dos nossos homens de letras, e um dos maiores pela inspiração fundamental, volume, variedade e ainda mérito da sua obra. Pode dizer-se que ele inicia, quanto ela é possível aqui, a carreira literária no Brasil e ainda por isso é um fundador".

Magalhães tinha, pois, como acentua Roque Spencer, clara consciência da obra solidária da cultura. Com sua atividade multifacética pretende mais que fundar uma literatura nacional. Dispõe-se a lançar os alicerces de uma forma nacional de sentir, de querer e de pensar.

Apontaria ainda dois outros antecedentes do projeto cultural modernista: o positivista e o da Escola do Recife. Quanto ao primeiro é necessário distinguir a plataforma da Igreja Positivista e dos chamados dissidentes, daquela que afinal teria curso no país, através da política. A intenção da Igreja Positivista, como das grandes personalidades que integram o denominado "positivismo ilustrado", era eminentemente pedagógica. Acreditavam no advento do estado positivo, como estágio final da evolução da humanidade, mas não pretendiam implantá-lo através de golpes de força mas pela conquista das consciências. Contudo o positivismo que fez escola e teve sucesso, seria de índole tutelar. É o castilhismo que dominou o Rio Grande do Sul após a República e todo o país na Era Vargas, consistindo numa variante de nosso autoritarismo republicano.

No que se refere ao projeto cultural da Escola do Recife, desejaria examiná-lo mais detidamente.

I – Conceituação da Escola do Recife e dos seus ciclos

A Escola do Recife é o movimento iniciado por Tobias Barreto (1839/1889), na Faculdade de Direito do Recife, em fins da década de sessenta. Sua ambição inicial consiste em promover a mais ampla reforma na cultura nacional, a começar da filosofia. Essa reforma abrange o direito em sua plenitude, desde o ensino aos códigos. Compreende uma nova proposta poética e literária. Ambiciona colocar em novas bases toda a história pátria. Também as instituições políticas são visadas. Eis como esse projeto é definido por Sílvia Romero (1951/1914):

"O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa labuta espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868, o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica, e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do aristocratismo prático dos grandes proprietários, a mais indireta opugnação; o romantismo, com menos doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe ilustre que havia acabado com o caudilhismo nas províncias e na América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história de um grande país.

De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se aguça e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o Partido Liberal, expulso do poder, comove-se desusadamente e lança um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo: o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar.

Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso.

Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte". (Discurso de saudação a Euclides da Cunha, no ato de sua posse na Academia Brasileira de Letras, em 18 de dezembro de 1908, in **Provações e Debates**. Contribuições para o estudo do Brasil social. Porto, Livraria Chardon, 1910, págs. 358/359).

A Escola do Recife colocava-se, portanto, no centro desse monumental "surto de idéias novas" e pretendia que dele resultasse a plena remodelação do país. Essa ambição colossal foi subsequenteiramente reduzindo-se no tempo, para extinguir-se totalmente. Cumpre assim, estabelecer desde logo, ainda que sucintamente, os ciclos fundamentais da Escola.

A Escola do Recife atravessou quatro fases perfeitamente caracterizadas. Na primeira delas, seus fundadores são apenas participantes do movimento geral que aspira alcançar uma simples renovação no terreno das idéias. Do mesmo modo que grande parte da intelectualidade da época, rejeitam o ecletismo espiritualista. Para combatê-lo, apoiam-se tanto no positivismo como no darwinismo e até mesmo no materialismo (Sílvia Romero). Os poucos em que se distinguem do conjunto não passam de prenúncios da formação de uma corrente filosófica autônoma. É a fase que se inicia nos fins de 60 e alcança o ano de 1875.

O processo disciplinado de diferenciação só teria início após o incidente na Faculdade de Direito do Recife, em que Sílvia Romero declara estar morta a metafísica e Tobias Barreto começa a meditar sobre o problema e a escrever o estudo — que nos chegou incompleto — "Deve a Metafísica Ser Considerada Morta"? (1875). O livro de Sílvia Romero **A Filosofia no Brasil** (1878) marca a transição entre a primeira e a segunda fases. Nesta é que teria lugar o rompimento racional com o positivismo e a busca de uma doutrina nova. Abrange cerca de dez anos. Tobias Barreto é então a figura central da Escola. Incumbe-lhe fixar as linhas gerais de uma posição autônoma no debate entre as correntes difundidas no país.

A terceira fase, que compreende mais de três lustros, de meados da década de 80 aos começos do século, corresponde à época de apogeu. A nova corrente já constituída, que se propunha enfrentar simultaneamente ao positivismo e ao espiritualismo, lograria alcançar uma posição de predomínio nos meios intelectuais do Nordeste, conservando alguns centros de influência no Sul do país. Nesse período, em 1889, sobrevém a morte de Tobias Barreto.

A partir da publicação dos últimos estudos de Tobias Barreto, denotam os diversos membros da Escola enorme atividade intelectual na esfera da filosofia. Nessa fase é que se editam os livros **Doutrina contra Doutrina**, **Ensaio de Filosofia do Direito** e **Ensaio de Sociologia e Literatura**, de Sílvia Romero; que Clóvis Beviláqua divulga vários trabalhos de cunho filosófico reunidos posteriormente no livro **Esboços e Fragmentos** (1889); Artur Orlando elabora os ensaios constantes de sua obra **Ensaio de Crítica**, Fausto Cardoso publica os dois primeiros volumes do

Cosmos do Direito e da Moral e Sílvia Romero organiza a reedição das obras de Tobias Barreto. No período republicano, além de contribuírem para a edição normal da **Revista Acadêmica**, os membros da Escola do Recife colaboram na imprensa diária e organizam publicações de vida efêmera, a mais importante das quais é representada pela revista **Cultura Acadêmica** (1904/1906).

Em que pese a manutenção do debate filosófico e da crítica multilateral ao positivismo, a Escola do Recife não conseguiu, em seu período de apogeu, consolidar uma autêntica investigação filosófica e manteve-se envolta no cientificismo. Pode-se dizer, portanto, que, no período em causa, não vingou de modo pleno o propósito de distinguir-se radicalmente do positivismo.

O declínio representa a quarta e última fase. Abrange aproximadamente dos fins do primeiro lustro do século à época da primeira guerra mundial. Singulariza-se, sobretudo, pelo abandono virtual da atividade filosófica, caracterizada nos anos anteriores pela publicação sistemática de obras e estudos. A partir de 1906, escasseiam os trabalhos de cunho filosófico. Este é o ano da morte de Fausto Cardoso. Deixa de circular a revista **Cultura Acadêmica**. Clóvis Beliváqua ocupa-se da defesa do Código Civil que elaborara, dedicando-se sobretudo à ciência jurídica. Artur Orlando, nos últimos dez anos de sua vida, tem uma atividade intelectual dispersa descurando-se da filosofia. Sílvia Romero procura na Escola de Le Play uma explicação para a sociedade brasileira. Com a sua morte, em 1914, chega ao fim o ciclo da Escola do Recife. A partir de então, seus adeptos serão apenas remanescentes.

O movimento subterrâneo, que vinha de longe, para usar a expressão de Sílvia Romero, não se direcionou no sentido do projeto sofisticado da Escola do Recife mas ancorou no positivismo. A República brasileira adotaria envoltório comteano, se bem que adaptando-o ao ideário pombalino.

II — O projeto reformador da Escola do Recife

Para situar de modo adequado o projeto reformador da Escola do Recife creio que poderíamos partir da conceituação de literatura sugerida por seu fundador.

Nas notas que se preservaram do curso de literatura comparada que ministrou em 1886, reelaboradas em 1887, segundo informa o próprio autor, Tobias Barreto analisa deste modo as possibilidades de definição e as comenta brevemente:

"Por literatura entendem alguns o conjunto das produções intelectuais de um povo, quaisquer que eles sejam; sem atuação à substância e à forma dessas mesmas produções; outros porém tão-somente aquelas obras, cuja forma e substância são reguladas pelo padrão da arte; outros enfim os produtos da inteligência, artisticamente elaborados, mas formal e substancialmente impressos de um caráter especial, que os distingue, por si mesmos e independente da consideração da língua, dos trabalhos similares dos outros povos.

Qualquer destes três conceitos, que aliás não são exclusivos e antitéticos entre si, tem a sua parte de verdade e a sua parte de erro. O primeiro ressent-se do defeito de uma demasiada extensão. Tomado como princípio regulador, far-nos-ia incluir no quadro da história literária de um país até as suas leis, os relatórios dos seus ministros, a correspondência oficial das suas autoridades, as peças processuais da sua vida forense. Não é mister melhor refutação.

Mas também o segundo não se mostra menos defeituoso pela sua demasiada estreiteza de âmbito. Porquanto, admitido o característico da arte, aplicada esta medida como única determinadora da matéria literária, ver-se-ia desaparecer dos olhos do historiador um sem-número de obras, que entretanto pertencem de direito ao

domínio da literatura.

As produções intelectuais, reguladas pelo padrão artístico, são somente aquelas, onde prepondera o **momento** estético, onde o único problema a resolver é a expressão do **belo** de qualquer forma, do **belo** de qualquer gênero, tendo por meio a palavra que é a primeira veste do pensamento, a veste mais transparente e espiritual.

Já se vê deste modo as obras científicas ou aquelas em que se dá a preponderância do momento lógico, a exposição e demonstração do verdadeiro, ficariam fora de questão. Um trabalho, por exemplo, que se ocupasse da literatura francesa do nosso tempo, deveria dar-nos conta dos romances de Zola, mas passaria em silêncio a **Vida de Jesus**, o **S. Paulo**, o **Anti-Cristo** de Renan, e muitas outras obras de sábios autores.

Eu creio que ninguém seriamente sentirá dificuldades em rejeitar, como lacunoso, semelhante modo de ver. É certo que ele é em geral o mais seguido; mas nada importa. Quando se trata de firmar uma verdade, as opiniões não são votos **que se contam**, porém votos **que se pensam**". (Crítica Literária, ed. da obra completa organizada por Paulo Mercadante e Antonio Palm. Aracajú, Governo Estadual, 1978, págs. 80/81).

Mais adiante, depois de criticar a limitação do conceito a marcos puramente estéticos, aduz:

"Felizmente os horizontes se alargaram, a velha intuição modificou-se; e quem quer que hoje toma a si a tarefa de estudar a gênese, o caráter, a influência social do **Fausto** de um Goethe, é obrigado, por uma lei de afinidade histórica, a fazer o mesmo estudo sobre a **Crítica da razão** de um Kant; mais do que isso, a fazê-lo mesmo sobre as **óperas** de um Mozart, ou as **sinfonias** de um Beethoven. Não fica somente aí. Assim como a história propriamente dita engrandeceu o seu campo de observação, incluindo nele, em harmonia com a marcha evolucionar dos fatos, a apreciação do movimento das idéias, assim também a história literária não se dedigna, é pouco, sente-se mesmo obrigada a olhar por cima dos muros e apreciar as relações recíprocas, não simplesmente sincrônicas, mas genéticas e causais, entre o bulício das idéias e a erupção dos acontecimentos.

O terceiro modo de compreender a literatura que é tão incompleto como o segundo, tem todavia um mérito incontestável: é o reconhecimento de um **caráter especial**, que distingue as obras literárias de um país das produções análogas de outros, sem dependência da língua em que são escritas.

Esse **caráter**, que não é facilmente definível, pode provir da raça, da educação política, dos costumes, ou de outra qualquer fonte; mas, provenha de onde provir, o certo é que ele realmente existe. Leibnitz, escrevendo livros franceses ou latinos, é sempre o sábio tedesco do século XVII. Ivan Turgueniev, que escreveu novelas em alemão e em francês, nunca deixou de ser o mesmo russo; sempre o mesmo pessimismo, sempre a mesma intuição eslava.

Destarte, e finalmente, diferenciando e integrando todas estas observações, pois que a função de pensar e escrever não é mais, em última análise, do que um constante processo de diferenciação e integração de idéias, podemos chegar a este resultado: a literatura, como ciência, é a história da vida espiritual de uma nação, total ou parcialmente considerada, no que essa vida encerra de mais nobre e elevado, acima dos interesses materiais, pela inspiração dos gênios, pelo esforço dos talentos". (Obra citada, pág. 83).

Essa preferência pela vida espiritual no que tem de mais nobre e elevado configura bem o eixo do projeto da Escola do Recife. Reformar o país é alterar e redirecionar essa camada mais alta de sua tradição cultural, inclusive a meditação de caráter ético. É certo que, como disse, visaram também as instituições políticas mas sempre com esse vezo intelectualista, tão bem caracterizado por Evaristo de Moraes Filho, a que pretendo voltar para exame mais detido. Na medida em que o país não os

segue é que irão dar-se conta de que a cultura tem efetivamente um "mundo subterrâneo", constituído pela tradição da vida cotidiana, a que chamaram ora de costumes ora de psicologia coletiva.

Começarei dando um balanço nos resultados alcançados no que se refere à componente intelectual da cultura.

III – Progressos registrados na consecução do projeto reformador da Escola do Recife

Ainda que a Escola do Recife não haja alcançado o seu desiderato de mudar o curso histórico do país, certamente pelo desmedido da pretensão, suas contribuições à nossa renovação cultural correspondem a ponto alto em sua evolução e guardam plena atualidade.

No palco filosófico, a Escola soube situar-se no momento de interseção em que viveu, quando a filosofia se defrontava com a onda positivista contestadora de sua validade. Em tal circunstância, não era possível restaurar a metafísica simplesmente retornando ao passado. A descoberta de novos caminhos poderia resultar da volta a Kant, como sugeriam alguns pensadores e de fato veio a ocorrer. O grande mérito de Tobias Barreto consiste em ter ouvido essa voz. O neokantismo daí resultante, abriu à filosofia em nosso século a grande vertente da epistemologia, isto é, de uma investigação do conhecimento científico desinteressada das descrições de seu processo efetivo, características da velha gnoseologia. Além disto, o pensador sergipano situa-se como um dos precursores do chamado **culturalismo**, que viria a ser uma das mais importantes correntes do século XX. É certo que os seguidores de Tobias Barreto não desenvolveram grandemente esse legado. Ao contrário, ficaram presos ao oitocentismo e, dessa forma, circulando na mesma atmosfera dos partidários de Comte, de que tanto queriam distinguir-se. O legado de Tobias Barreto foi entretanto preservado e chegou aos nossos dias. Sua meditação veio a ser retomada, desde os anos trinta, por homens do porte de Djacir Menezes e Miguel Reale.

O momento áureo da Escola do Recife não será entretanto na filosofia geral mas na filosofia do direito. Pela primeira vez em nossa cultura o direito é transformado em fenômeno histórico, sujeito a desenvolver-se no tempo, ligado à vida. Tobias Barreto, seguindo a Jhering mas igualmente contribuindo com idéias próprias, proclamou que, "no imenso mecanismo humano, o direito figura também como uma das peças de torcer e ajeitar, em proveito da sociedade, o homem da natureza". Não mais o direito natural abstrato e divinizado mas fenômeno histórico, produto cultural da humanidade, ligado à violência e à luta. Numa expressão magistral Tobias Barreto diria que "a força que não vence a força não se faz direito; o direito é a força que matou a própria força". Foi a partir dessas idéias e adotando o livro **Estudos de Direito**, organizado por Sívio Romero com texto do fundador da Escola, que se estruturam as novas Faculdades de Direito. Até a República, existiam apenas as duas escolas de direito criadas logo após a Independência (Recife e São Paulo). Em seguida à República organizam-se no Rio de Janeiro (Faculdades Livre de Direito e de Ciências Jurídicas), Amazonas (1910), Paraná (1912), Niterói (1916) e Goiás (1921). Em todas elas, a doutrina da Escola do Recife não só ocupou sempre um lugar de honra como viria a merecer elaboração teórica sofisticada e abrangente, para dar lugar ao culturalismo de nossos dias.

A Escola do Recife estimula e desenvolve o interesse e o amor pela produção intelectual brasileira, herdada dos primeiros românticos mas despindo-a da feição ingênua de que se revestia. Esse trabalho agora assume a forma de inventário, pretende-se científico e duradouro. Embora não tenha autoridade para dizê-lo, tenho a impressão de que se revestem desse caráter o que nos legaram em matéria de

história da literatura brasileira, de registro de manifestações folclóricas e da cultura popular.

A Escola do Recife pode ainda ser atribuído o mérito de ter lançado as bases da sociologia brasileira. Em seu tempo, a disciplina ainda se achava muito marcada pela conceituação que lhe dera Augusto Comte, isto é, como uma ciência normativa geral a que se subordinariam a investigação do direito, da economia, etc. Tobias Barreto rebelou-se contra semelhante entendimento e indicou que, assim como não há ciência da natureza, a que se subordinariam a física, a química, etc., tampouco pode haver ciência da sociedade como um todo mas apenas estudo científico das manifestações que se dão em seu interior. E posterior a reforma introduzida por Marx Weber (1864/1920), atribuindo-lhe a tarefa de estudar o comportamento social. Contudo, é neste sentido que se encaminha o estudo sugerido por Sílvia Romero. Como essa questão tem muito a ver com a reforma da sociedade em sua inteireza, a que pretendiam chegar pela mudança das manifestações superiores da cultura, deixo para considerá-la depois de caracterizar o fracasso a que corresponderam as incursões da Escola do Recife na arena política.

IV – Escola do Recife e a reforma das instituições políticas

Ná década de setenta, Tobias Barreto teve militância política no Partido Liberal, elegendo-se deputado à Assembléia Pernambucana. Não conseguindo imprimir àquela agremiação formas de atuação segundo princípios fixados previamente, abandonou inteiramente a política. Desconfiou cedo do autoritarismo do Partido Republicano e não nutria simpatia pelo novo agrupamento.

A propósito dos desencantos políticos de Tobias Barreto, Sílvia Romero teria oportunidade de escrever, no prólogo à reedição que promoveu dos **Estudos Alemães**: "os conservadores se lhe afiguravam retrógrados, homens do rei, reacionários, compressores; os liberais, contraditórios, fantasistas, incapazes de cumprir o que prometiam, estragados pela fraseologia retórica dos declamadores; os republicanos, incertos, vacilantes entre as parlamentarices francesas e o arrocho norte-americano".

Com a proclamação da República, Sílvia Romero passa a ter intensa atuação política em Sergipe, onde, em geral, o grupo ligado à Escola do Recife procura influir sobre os acontecimentos. Seus intuitos reformadores nunca foram entretanto bem aceitos pela comunidade. Fausto Cardoso foi assassinado no próprio palácio governamental. Sílvia Romero conseguiu um único mandato de deputado federal (legislatura 1898/1902). Em discurso na Câmara diria que o pequenino meio sergipano era dominado por "uma velha e segregada oligarquia de **sotaina e massapês**", no seio da qual não havia lugar para espíritos independentes. Ainda assim, foi graças à ascensão ao governo estadual de um discípulo de Tobias Barreto, Graco Cardoso, que na década de vinte se publicaram as suas obras completas.

Artur Orlando faz carreira política em Pernambuco tendo sido eleito deputado federal para sucessivas legislaturas. Dirigiu durante muitos anos o **Diário de Pernambuco**, que era o jornal da situação. Mas abdicou de reformar o partido político a que pertencia, sem embargo da atuação em prol da cultura.

Assim, seria justamente na esfera política, onde a Escola do Recife viu recusada frontalmente a sua mensagem. Refletindo o profundo amargor resultante dessa experiência, Sílvia Romero exclamaria:

"A turba malta dos aduladores do poder apar em sempre os sergipanos como inteligentes nas letras, na poesia, na filosofia, no estudo do direito, mas desdotados de **capacidade política**. É que para esse cavejamento da incapacidade em torno aos governos, a capacidade política é igual à soma dos quadrados da desfaçatez e da

impostura, especialmente quando estas se mostram em ação no bajulamento jornalístico ou nas manipulações infames das farsas eleitorais.

Medido por esse padrão, Samuel de Oliveira não tem capacidade política, como não a tinha Tobias Barreto nem a tenho eu". (Prefácio ao livro **A verdadeira reforma constitucional** (1911), de Samuel de Oliveira).

Estudando a atuação política da Escola do Recife, Evaristo de Moraes Filho aponta o equívoco fundamental de que foram vítimas seus integrantes; supunham que o conhecimento da verdade seria suficiente para segui-la. Evaristo de Moraes Filho indica mesmo que Tobias Barreto estava convencido de que, ao invés de batizar os inimigos da liberdade de retrógrados ou absolutistas, bastava chamá-los de ignorantes. De minha parte, acrescentaria que não reconheceram a especificidade da verdade política, a sua vinculação ao interesse, donde a contribuição maior deveria orientar-se no sentido da estruturação de um regime onde se reconhecesse que tivesse imaginado a possibilidade da determinação de um interesse geral não negociado livremente entre os diversos interesses, mas deduzindo de princípios gerais, de inspiração cientifista. A questão resumia-se, na época como ainda hoje, na consolidação dos institutos do sistema representativo.

A única reforma institucional importante que pode ser atribuída à Escola do Recife seria a elaboração do Código Civil, devido a Clóvis Beviláqua.

V – O destino, histórico do projeto reformador

Na medida em que o país se encaminha num sentido autoritário no plano político e monocórdio ao invés da pluralista na esfera cultural, Sílvio Romero e Artur Orlando dão-se conta de ser falsa a suposição de que, para reformar o país, basta atuar no âmbito das produções mais sofisticadas da cultura. Antes de qualquer coisa, seria necessário conhecer os costumes de nossa gente, estudar minuciosamente como se estruturam as relações sociais em seus vários níveis. Nesse passo, adotam programa ambicioso, inspirado na Escola de Le Play – também denominada Escola da Ciência Social –, então em voga, formulado por Sílvio Romero nos seguintes termos: "Seria preciso estudar acuradamente, sob múltiplos aspectos, cada um dos povos que entraram na formação do Brasil atual; dividir o país em zonas; em cada zona analisar uma a uma todas as classes da população e um a um todos os ramos da indústria, todos os elementos da educação, as tendências especiais, os costumes, o modo de viver das famílias de diversas categorias, condições de vizinhança, da patronagem, de grupos, de partidos; apreciar especialmente o viver das povoações, vilas e cidades, condições do operário em cada uma delas, os recursos dos patrões, e com outros problemas, dos quais parte cada América, a retórica politicamente dos partidos nunca ocorreu cogitar". (**O Brasil Social**, 1908).

A Escola do Recife, conforme indiquei, desaparece virtualmente na época da primeira guerra mundial. Seus últimos integrantes não tiveram tempo sequer para concluir o pretendido estudo global da sociedade brasileira. E muito menos para dele retirar um programa de ação revestido da eficácia de que não chegou a dispor a plataforma reformadora com base na filosofia, no direito, na sociologia, em suma, nas esferas da cultura exigentes de maior elaboração teórica. Contudo, é interessante assinalar o destino que teria essa proposta.

A proposta da Escola do Recife veio a ser retomada por Oliveira Viana (1883/1951), que teria oportunidade de escrever: "Essa compreensão objetiva e científica de nossas coisas e de nossos problemas eu a adquiri cedo... Não foi Torres, como geralmente se pensa, quem me deu a primeira orientação neste sentido; foi Sílvio Romero".

Oliveira Viana é, fora de dúvida, o mais importante estudioso de nossa realidade social. Ao invés de tentar enquadrar a sociedade brasileira nos esquemas hauridos em pensadores estrangeiros, utilizou-os de forma criativa. Foi o primeiro que se deu conta do equívoco de nos classificarmos como "povo jovem", querendo com isto dizer que somos massa amorfa e maleável, passível de amoldar-se à atualíssima proposta, à grande novidade ontem surgida no **Quartier Latin**. Oliveira Viana mostrou que os cinco séculos da história do país só fizeram consolidar costumes, formas de organização social e política, escala de valores sedimentados nos séculos anteriores de formação do povo português. A grande obra de investigação sociológica que nos legou precisaria ser complementada para averiguar-se o que de fato ocorreu com aqueles valores, que eram predominantemente rurais, em face do processo intensivo de urbanização deste último pós-guerra.

Em que pese a significação da obra sociológica de Oliveira Viana, a reforma política por ele preconizada não se amolda ao espírito da Escola do Recife. O programa de atuação política da lavra de Oliveira Viana foi denominado por Wanderley Guilherme de **autoritarismo instrumental**. O sociólogo fluminense entende que as instituições políticas inevitavelmente têm uma correspondência com a sociedade. E se queremos alterá-las, incumbe começar por esta última. A colonização nos facultou o predomínio dos clans familiares, tendentes a formar oligarquias. Antes de imaginar instituições liberais, seria imperativo superar situação, através da centralização e do Estado forte. Louvo-me do resumo que dessa doutrina nos deu Wanderley Guilherme:

"É na obra de Oliveira Viana, contudo, que o caráter instrumental da política autoritária, da maneira em que ele a concebeu, aparece mais claramente. A colonização brasileira, argumenta, ocorreu sob condições peculiares. O território era vasto demais, em relação a qualquer imaginável população da Europa do Século XVI, e sobretudo em relação à população portuguesa da época. Índices extremamente baixos de densidade populacional impuseram uma forma de ocupação territorial onde as únicas limitações para o domínio individual eram as regulamentações coloniais. A rápida expansão de grandes latifúndios, nos primeiros dois séculos da colonização, estabeleceu o padrão que seria seguido desde então — grandes quantidades de terra familiarmente apropriadas, isoladas uma das outras e da vida urbana, que só existia nos limites de dois ou três pólos ao longo da orla litorânea. Os primitivos proprietários de terras deviam contar consigo próprios e depender o mínimo possível do mundo "externo" — isto é, o mundo para além das fronteiras de suas propriedades. O desenvolvimento do complexo rural transformou os latifúndios em pequenos universos econômicos, capazes de produzir quase tudo que precisavam e sem o menor estímulo, estável e previsível, à especialização e divisão do trabalho. As oscilações do mercado exterior os fizeram ainda mais desconfiados quanto aos benefícios da especialização, e os levaram a tentar a maior autonomia possível em relação ao mercado. Este padrão se reproduziu em todo o país e a sociedade colonial brasileira se constituiu como uma multidão de estabelecimentos econômicos ganglinários isolados, quase auto-suficientes — "clã parental" —, sem comunicações entre si, sem interesse comuns e sem ligações através do mercado.

A vida urbana não poderia desenvolver-se em tal contexto. Esta foi a primeira consequência negativa do modelo de ocupação econômica e territorial. As fazendas eram praticamente autárquicas e constituíam o único mercado de trabalho da área rural. Esta é uma segunda consequência. A população rural não-escrava não tinha alternativa ao trabalho oferecido nos latifúndios. Os trabalhadores rurais "livres" dependiam totalmente do proprietário de terras, que se tornava seu senhor em qualquer questão social, econômica e política. Quando o Brasil se separou de Portugal, portanto, a sociedade nacional apresentava baixíssima integração através do mercado. A unidade econômica e social básica era o clã parental, baseado na propriedade e capaz de obter a submissão de toda a mão-de-obra "livre" que vivesse no interior ou na

periferia dos domínios. A experiência com a descentralização liberal, realizada nas primeiras décadas pós-Independência, resultou na captura das posições de autoridades pelos membros do clã, agora transformado em clã eleitoral. Todos os "cidadãos" agora habilitados para escolher o prefeito, a autoridade judiciária local e o chefe de política pertenciam à força de trabalho não-escrava, em tudo e por tudo dependente da terra. Os latifundiários detinham o monopólio do mercado de trabalho e, conseqüentemente, controlavam as vidas dos que deles dependiam. A oligarquização das estruturas políticas foi, portanto, produzida e legitimada pelos métodos liberais impostos pelo governo central.

Quando os conservadores reagiram e deram início à centralização imperial os perdedores teriam sido os proprietários de terra e não os "cidadãos". O sistema republicano, continua Oliveira Viana, não alterou o padrão básico das relações sociais e econômicas. A sociedade brasileira ainda era basicamente oligárquica, familística e autoritária. A intervenção do Estado não representava, portanto, uma ameaça para os "cidadãos", mas sim uma única esperança, se é que havia alguma, de proteção **contra** os oligarcas. Qualquer medida de descentralização, enquanto a sociedade continuasse a ser o que era, deixaria o poder cair nas mãos dos oligarcas, e a autoridade seria exercida mais para proteger os interesses privados dos oligarcas, do que para promover o bem público. Em conseqüência, o liberalismo político conduziria, na realidade, à oligarquização do sistema e à utilização dos recursos públicos para propósitos privados.

O liberalismo político seria impossível na ausência de uma sociedade liberal e a edificação de uma sociedade liberal requer um Estado suficientemente forte para romper os elos da sociedade familística. O autoritarismo seria assim instrumental para criar as condições sociais que tornariam o liberalismo político viável. Esta análise foi aceita, e seguida, por número relativamente grande de políticos e analistas que, depois da Revolução de 1930, lutaram pelo estabelecimento de um governo forte como forma de destruir as bases da antiga sociedade não liberal". (**Ordem burguesa e liberalismo político**, São Paulo, Duas Cidades, 1978, pág. 93 e seguintes).

A meu ver, a proposta do autoritarismo instrumental veio a ser dotada pelo núcleo da elite que conquistou a hegemonia na Revolução de 64. Quer dizer: aquele núcleo acreditava que o autoritarismo deveria ser transitório, desde que é incapaz de facultar estabilidade duradora. A aplicação do modelo castilhistas (abandono do sistema representativo para colocar em seu lugar, de forma definitiva, sistema autoritário) pela liderança precedente não conseguiu o progresso nem instituições sólidas. Assim, o autoritarismo não mais é entendido como estágio definitivo. Contudo, sua substituição pelo esquema liberal só pode dar-se depois de transformada a sociedade.

E, assim, a proposta política de Oliveira Viana, ao contrário do que ocorreu com a Escola do Recife, veio a ter curso no país.

VI – Lições da experiência da Escola do Recife

Da experiência da Escola do Recife, aqui resumida, é possível tirar algumas lições, válidas para o intelectual brasileiro contemporâneo.

Creio que há pelo menos um grande e duradouro ensinamento: não é possível reproduzir no Brasil o clima cultural encontrado na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha, por mais justificável que nos pareça a tentação. Antes de buscar a novidade, cabe inserir-se plenamente em nossa própria tradição.

O contato com as mais importantes correntes do pensamento contemporâneo deve ser encarado sobretudo como um diálogo, encetado a partir da tradição nacional. Esse diálogo será tanto mais fecundante quanto maior na familiaridade que venhamos a ter com o segmento correspondente na meditação brasileira.

Outro reconhecimento que nos deve ser facultado pela trajetória da Escola do Recife consiste na evidência de que o curso histórico é determinado pelos valores morais, que são certamente indissociáveis das outras esferas da cultura, das instituições políticas e mesmo da atividade produtiva mas que nem por isto perdem a sua autonomia. De sorte que o caminho encetado por Oliveira Viana é parte essencial do conhecimento de nós mesmos e deve ter continuidade. Tanto no plano sociológico, para investigar os efeitos da urbanização sobre aqueles valores sedimentados pela tradição rural, como também no âmbito da meditação de caráter ético. Avançamos muito no estudo da discussão filosófica precedente no país, como no que se refere à evolução do pensamento político. Permanece contudo a grande lacuna no âmbito da meditação acerca da moral.

Quanto à reforma político-institucional, parece-me que o mais correto é ficarmos com os ensinamentos de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769/1846), segundo os quais a condição de intelectual não torna privilegiada a situação do representante. Sendo de interesses a representação, há de ser requerido o conhecimento de tais interesses e não, preferentemente, a posse de cultura geral. Eis o que escreve no **Manual do cidadão em um governo representativo** (1834) § 225.

"... os mandatários da nação no congresso nacional sendo chamados a representar os interesses dos seus constituintes, a primeira condição indispensável para bem cumprir o seu mandato é de bem conhecer estes interesses. Ora, em cada estado deve haver um certo número de homens capazes de compreender e sustentar no congresso os respectivos interesses. Estes homens distintos devem ter dado provas da sua capacidade nas ordens inferiores de onde não subiram sucessivamente senão pelo voto de seus concidadãos. Portanto cada deputado, ainda que deva representar sobretudo os interesses gerais da nação, representa especialmente os do estado a que pertence. Ainda mesmo no caso de possuir conhecimentos mui extensos em outros ramos da ciência administrativa, não é sobre esses conhecimentos que os eleitores estabeleceram a sua confiança, por não saberem dar-lhes valor, nem poderem aí achar senão por um interesse mui remoto".

Entendo desta forma a advertência do grande mestre liberal: o aprendizado da política não se faz nas academias. Quem tiver vocação política autêntica não condicionará sua adesão à reforma prévia dos costumes e dos partidos políticos.

Parece haver entretanto um compromisso inerente à condição intelectual. E este se é sem dúvida o compromisso com a liberdade de expressão, com a preferência pelo diálogo ao invés da polêmica, com o pluralismo, e o repúdio a todas as formas de autoritarismo e de totalitarismo.

FAUSTO CARDOSO, UM TOBIÁTICO NA POLÍTICA

TEREZINHA OLIVA

(Professora do Departamento de
Filosofia e História da UFS)

Pareceu-me oportuno tentar estabelecer um contratempo entre as idéias e a atitude política de Fausto Cardoso — um dos expoentes da Escola do Recife — e aquelas de Tobias Barreto, entendendo que se possa verificar até onde vai, nas posições do discípulo, a influência do Mestre.

O exemplo é ilustrativo, tanto mais quanto se consideram as discussões em torno da denominação de "Escola" ao movimento desencadeado na Faculdade de Direito de Recife, a partir do Mestre de Escada. Recusado pelos que entendem que faltaram ao movimento as características de unidade e coesão que devem ser próprias de uma "Escola", o conceito perdurou, ainda quando se define a "Escola do Recife" como o fez Clóvis Beviláqua, um tobiático, como (...) "uma orientação filosófica progressiva, que não impedia a cada um de investigar, por sua conta, e ter idéias próprias, contanto que norteados cientificamente"(1)

Desta forma, ver até onde o pensamento de Tobias Barreto está presente na visão e na atuação que Fausto Cardoso tem da e na vida política, torna-se exemplar dos desdobramentos daquilo que ensinou o Mestre e até mesmo ilustrativo da liberdade de orientação que é percebida no grupo dos tobiáticos, demonstrando, como disse Graça Aranha, "a liberdade do inspirado e não a servidão do discípulo"(2)

Juntamente com Sílvio Romero, Gumersindo Bessa, Oliveira Teles, Prado Sampaio, Nobre de Lacerda e Samuel Oliveira, Fausto Cardoso integra o grupo dos tobiáticos sergipanos, que mereceram de Antônio Paim a observação: "Dos diversos seguidores de Tobias Barreto, poucos certamente atuaram em condições tão desfavoráveis como esse núcleo sergipano. Província pequena e pobre Sergipe seria à época um centro de obscurantismo. Abrir ali caminho para idéias verdadeiramente revolucionárias para a época, em qualquer parte do mundo, representava uma empreitada que se revestia de lances de verdadeiro heroísmo"(3). Tal observação se aplica mesmo a Sílvio Romero, Fausto Cardoso e Samuel Oliveira que saíram de Sergipe e tiveram sua atuação no Rio de Janeiro. Todos eles intervieram também em Sergipe, ligados a movimentos políticos, colaborando na imprensa ou representando Sergipe no legislativo federal.

É preciso dizer, em longos traços, quem foi Fausto Cardoso, este sergipano de Divina Pastora, nascido a 22/12/1864 e morto em Aracaju, a 28/08/1906. Filho de senhores de engenho, estudou em Sergipe, na Bahia e foi, entre 1880 e 1884, um dos alunos da Faculdade de Direito de Recife, aluno de Tobias Barreto.

Formado e voltando a Sergipe, foi promotor público em Gararu, Riachuelo e Laranjeiras. Filiou-se ao partido Liberal, participou da campanha republicana que tomou corpo em Laranjeiras, em 1888 e foi um dos articuladores da instalação do primeiro governo após a proclamação da República, já em Aracaju. Saindo de Sergipe em 1890, continuou sua atividade no Rio de Janeiro, onde foi professor, jornalista, exerceu importantes cargos administrativos, até vir a eleger-se deputado federal por Sergipe, em 1900 e num segundo mandato, em 1906. Neste ano, visitando sua terra na condição de deputado federal, envolveu-se no movimento revoltoso conhecido na

história de Sergipe com o nome de "revolta Fausto Cardoso" e foi morto no palácio do governo, em agosto.

Interessa-nos aqui captar as idéias políticas de Fausto Cardoso, que, vistas paralelamente às de Tobias Barreto, aparecem como passíveis de uma caracterização que as aproxima, no geral, em vários aspectos:

- a) pelo tom com que são colocadas — já se disse que a agressividade de Tobias Barreto fez escola entre os discípulos;
- b) pela visão cientificista da sociedade;
- c) pelo tema de combate à corrupção e aos vícios da política;
- d) pela amplitude e variedade dos assuntos abordados;
- e) pela visão da atividade política como atividade intelectual ou luta pelas idéias.

Há porém além das semelhanças aspectos de distanciamento e características muito próprias no pensamento de Fausto Cardoso, que articulou toda uma visão do mundo no primado de uma concepção monística radical, conhecida através de Tobias Barreto. Enquanto o mestre abrandou o monismo "naturalístico" de Haeckel, abraçando o que chamou de monismo "filosófico" de Noiré, que vê o universo composto de átomos iguais, com duas propriedades inseparáveis — o sentimento e o movimento — Fausto Cardoso prosseguiu no monismo "naturalístico". Para este, o universo se reduz à unidade pura e simples, obedecendo todos os seus fenômenos a uma lei única, chamada "lei de biogenia fundamental", pela qual a história dos gêneros resume a história da espécie ou seja, cada organismo recapitula no seu desenvolvimento, em miniatura, todas as transformações sofridas pelo antepassado do mesmo organismo.

Ao contrário de Tobias Barreto, Fausto Cardoso não via distinção entre natureza e cultura e também influenciado pela postura cientifista comum à época, concebeu a sociedade como possível de ser submetida à mesma lei que rege o universo.

Tobias Barreto, comentando sobre a impossibilidade que via ainda de uma observação regular dos fenômenos da História, dissera: "essa mecânica ainda não encontrou o seu Kepler". Aplicando a interpretação monística aos estudos do Direito e da História, Fausto Cardoso, na sua obra "Concepção Monística do Universo" (1894), "Taxinomia Social" (1898) e na série de artigos intitulada "A Ciência da História", buscou sem dúvida ser o "Kepler da mecânica social", parodiando Haeckel na lei fundamental da História:

"a história de cada sociedade, seja qual for a sua posição na escala histórica em geral, é uma recapitulação em miniatura, abreviada, das fases anteriores da história universal" (4)

Concebeu, na sua atuação política a necessidade de corrigir o que via como distorções impostas à História brasileira. Neste sentido, empreendeu, quando deputado federal, cerrada campanha denunciando males do país e erros do Governo. Empenhou-se em criticar a política financeira de Joaquim Murinho no Governo Campos Sales, chegando a exigir a demissão do ministro. Afrontando solitariamente o governo e a Câmara, denunciou e combateu os acordos celebrados pelo Governo na negociação da dívida externa brasileira. Exigiu a implantação de uma política protecionista, combateu a evasão de capitais e defendeu um nacionalismo ferrenho em matéria de política econômica advogando um controle pela burguesia nacional — e nacionalista — das riquezas do país.

Vários foram os projetos apresentados, inúmeros os requerimentos enviados à Mesa da Câmara, ainda mesmo estando convencido da sua inocuidade. Queria, ao menos, denunciar — deixar nos Anais do Congresso Nacional a marca da sua luta, mostrar a face obscura do governo — as negociatas, a corrupção. Pela primeira vez

na História do país, exigiu o comparecimento de um ministro ao Legislativo, e causou escândalo.

Do escândalo, aliás, nunca se furtou o deputado. Sua atuação aparecia em dados momentos como controvertida. E, se viveu as glórias de aplausos das galerias da câmara lotadas de gente que ia ouvi-lo, se saboreou a popularidade no Rio de Janeiro ao ponto de ser acusado na Câmara de "armar à popularidade", foi também chamado de "doido" e acusado de "vendido", chegando a ser alvo da fúria da multidão, nas ruas da capital federal.

Figura controvertida, Fausto Cardoso experimentou reações estremadas de amor e de ódio, chegando a encontrar a morte no último gesto teatral e radical, com que enfrentou a tropa interventora que chegou em Aracaju para repor o Governo que ele ajudara a derrubar. Sua morte provocou uma consternação geral, e dividiu a sociedade sergipana por longos anos, entre os que o amavam e os que o odiavam.

Na sua atuação política, cujo traço mais forte é a defesa do regime republicano, o deputado se definia como "reformador" e "liberal": (...) "conservador é aquele que deixa tudo às evoluções naturais, enquanto que os liberais querem o auxílio do homem, a sua intervenção, a fim de que o progresso se apresse, as reformas se precipitem"(5). Assim, entendia que a intervenção do homem se dava dentro de um plano traçado pela História, exterior a ele e imune aos desvios provocados pela sua vontade. Se a ação do homem desobedecia ao plano da História esta cobrava o seu preço, sob a forma de distorções, conflitos, corrupção, e crise. Fausto Cardoso acreditou que o progresso era o destino natural das sociedades, mas entendia que este objetivo somente seria conseguido obedecendo-se a uma escala evolutiva cujo percurso seria inexorável. Foi nesta convicção e obedecendo ao seu programa de trabalho que, desejando corrigir o caminho percorrido pelo país na sua experiência política e assim purificar o regime republicano, apresentou projeto ao Poder Legislativo propondo, no seu famoso discurso "Lei e Arbítrio" de 9-06-1902, a dissolução do Congresso e a instalação de uma ditadura.

Assim era Fausto Cardoso, um autoproclamado liberal propondo a ditadura, um defensor do poder do Parlamento propondo a dissolução do Congresso, o líder de uma revolta que depõe um Governo legal em Sergipe, mas opera a condução do movimento nos limites de determinações legais que deveriam garantir o Governo depos-

A marca da contradição foi evidenciada por estudiosos de Fausto Cardoso, assim como foi por estudiosos de Tobias Barreto que chegou a ser considerado "o ser humano mais contraditório do seu tempo"(6). Penso entretanto que o paradoxo pode ser entendido como resultado da sua atuação em conjunturas demarcadas especialmente pelo conflito, tais como a dos últimos anos do Império e da implantação da República. Munidos de uma teoria geral de compreensão da sociedade e da história, da qual se colocaram como instrumentos, tentaram apaixonadamente modificar a realidade, para fazê-la corresponder à lógica preconizada na teoria.

Desta forma, se houve um instrumento entre o discípulo e o Mestre relativamente à concepção filosófica do Universo, se atuaram ambos em momentos diferentes da história brasileira, é possível porém identificar a existência em Fausto Cardoso de uma atitude tobiática em política. Ambos lutaram para mudar os caminhos do país e o fizeram apaixonadamente, sem atender a interesses pessoais ou a conveniências de partido. Em relação ao partido político aliás, discípulo e mestre terminaram por considerarem-se sem partido e sem chefe, incompatibilizando-se com os partidos e com os chefes políticos através dos quais chegaram ao Parlamento. Entenderam ambos como sua missão política a de denunciar os males do país e a de divulgar conhecimentos teóricos que julgavam necessários para atuar na realidade brasileira.

Assim, a luta por uma política de princípios e de ideais caracteriza a atitude tobiática em política, preconizada pelo Mestre e assumida até à morte pelo discípulo

Fausto Cardoso. Considerando a realidade em que atuaram e o momento histórico brasileiro em que viveram, seria o caso de perguntar, divergindo de Evaristo de Moraes Filho ao apresentar Tobias como alguém que se furtou à utopia, se não estaria aí a utopia tobiática?

NOTAS

- 1 – Clóvis Beviláqua, apud Terezinha Oliva de Souza, "Impasses do Federalismo Brasileiro – Sergipe e a revolta Fausto Cardoso" (Rio de Janeiro, Paz e Terra; Aracaju, UFS, 1986)
- 2 – Graça Aranha, apud Evaristo de Moraes Filho, "Medo à Utopia" (Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília, INL, 1985) p. 45.
- 3 – Antônio Paim apud Terezinha Oliva de Souza, "Fausto Cardoso e Prado Sampaio: dois sergipanos da Escola do Recife", Revista O Momento (Aracaju: fev. 1977, ano I, nº 10).
- 4 – Fausto Cardoso, apud Terezinha Oliva Souza "Impasses do Federalismo Brasileiro – Sergipe e a revolta Fausto Cardoso", p. 118.
- 5 – Ib. p. 147.

TOBIAS BARRETO

Francisco Rollemberg (*)

Transcorrendo em 1989 o sesquicentenário do na cimento de Tobias Barreto de Menezes, é mister que tomemos a obra do escritor de "Menores e Loucos" acessível à atual geração que, deste genial escritor — par de Rui Barbosa na inteligência e cultura — conhece apenas o nome, pois a última publicação de muitos dos seus trabalhos data de 1923.

Pronunciando uma conferência no Centro Osvaldo Splengler em 1934, assim se referiu Gilberto Amado: "Eu li (referindo-se a Tobias) já tarde como se ele fosse um autor estrangeiro, sem nenhum preconceito, com o espírito já formado noutra atmosfera e sob influência antes hostis que simpáticas à obra... e a cada passo me detinha surpreendido espantando diante da força de uma observação, da profundidade do olhar lançado sobre as questões e sobretudo empolgado pelo poder da vida que se desprende de tudo que ele fez e de tudo que ele diz. No Brasil ninguém dá impressão de igual vitalidade. Por esta vitalidade excepcional, pode ser considerado um gênio".

Antes de situarmos o papel de Tobias no cenário em que desenvolveu sua atividade intelectual — Recife — cenário no qual se moviam poetas como Castro Alves, juristas como José Higino, estudantes como Graça Aranha, Manoel dos Passos, Gumersindo Bessa, Nobre de Lacerda, artistas com Eugênia Câmara, é necessário que vejamos como transcorreu a vida de Tobias até chegar os proscênios de Pernambuco. Tantas e tamanhas foram as dificuldades a vencer que somente um ser tocado pela asa do gênio poderia sobrepujá-las.

Vivendo numa pequena localidade então chamada Campos e que hoje leva seu nome, filho de um escrivão de orfãos, foi de pobreza e porque de pobreza, de agruras, sua infância. Escrivão de órfãos numa localidade onde não habitavam mais de 5.000 pessoas que poderia dar-lhe, seu pai, o velho Pedro Menezes de Barreto? Deu-lhe pouco, dando-lhe muito, proporcionando-lhe instrução primária que, afinal, Tobias viria a completar na cidade de Estância para onde se transferiu.

À vista da pequena Campos, Estância banhada pelo rio Piauitinga, era uma metrópole, um vergel garrido, em cujas praças, aos domingos, a filarmônica local animava os namoros, tocando valsas e dobrados. Pois é lá que Tobias, embora com imenso sacrifício, recebendo uma pequena mesada dos pais, tenta completar sua instrução e se inicia nos segredos do latim, língua que ele acabou ensinando.

Melhor é ouvir o próprio Tobias que, em carta a Carvalho Lima Júnior, assim falou de sua vida:

"Sou natural da villa de Campos do rio Real, onde nasci, a 7 de junho de 1839, sendo meus pais: Pedro Barreto de Menezes e Emerenciana Maria de Menezes.

Em 1851, depois de concluídos os estudos elementares, em que tive por professor a Manoel Joaquim de Oliveira Campos, fui para Estân-

cia, onde em setembro daquele ano (1851), matriculei-me na aula de latim do padre Domingos Quirino, depois bispo de Goyaz. Ali estive até fevereiro de 1853, em que voltei para Campos, onde me demorei até agosto, partindo, então, para o Lagarto a concluir o meu latim sob o magistério do padre Pitangueira e ali estive a estudar até o mês de outubro de 1854, época em que prestei exame de latinidade na cidade de Maroim, perante o então inspetor de aulas Dr. Guilherme Pereira Rebello — para ser substituto da cadeira de latim do Lagarto, mas o inspetor passou-me um título geral de substituto em qualquer cadeira de latim da província.

Com esse título, fiquei no Lagarto, morando em casa do referido Pitangueira, a quem substitui algumas vezes e ensinando particularmente primeiras letras — matéria em que foram meus discípulos entre outros, Nilo Romero e José Dantas da Silveira.

Era no anno de 1855; eis que appareceu o cholera na província e eu tive de vir, em setembro desse anno, juntar-me à minha família em Campos onde o mal primeiro apparecera e estava grassando. Ahi permaneci o resto do anno e o seguinte de 1856, em novembro do qual tirei a cadeira de latim de Itabaiana, em cujo exercício entrei em 21 de janeiro de 1857. Os annos de 57, 58 e 59 estive nessa villa, de onde me retirei em dezembro de 59 para Campos, entrando em janeiro do anno seguinte no gozo de uma licença de seis annos, que me concedera a província, para estudar. Todo o anno de 60 passei em Campos até fins de outubro, mez em que parti com destino a Pernambuco, chegando aqui (Provincia de Pernambuco) depois de varias demoras em Estância, S. Christovam, Aracaju, Maceió, no dia 1º de dezembro de 1861, trazendo apenas na algibeira (ainda me lembro) 92\$000.

Em março de 63, fui accommettido de variola, e não pude matricular-me, como queria no 1º anno da Faculdade. Levei todo esse anno a cursar no Collegio das Artes as aulas de geografia e geometria; em novembro prestei exame de 4 e em março do anno seguinte das 3 ultimas materias, matriculando-me no curso juridico. (1864). Por dar mais de 40 faltas, perdi o 3º anno (1866), que tive de repetir e, destarte, devendo formar-me em 68, formei-me em 1869 (15 de novembro), anno em que me casara (11 de fevereiro), tendo-me, pois, formado já casado e com filho de poucos dias de nascido.

Aqui importa notar — para destruir uma certa idéia, geralmente acceita, de que eu me dedicara à Allemanha, por occasião ou depois da guerra desta com a França — que já no anno de 69, ainda academico, eu começara a fazer estudos de grammatica alemã, não podendo, porem, ir muito avante, por causa de occupaões academicas.

No anno de 70 estive em Sergipe, de onde trouxe minha mãe viuva (meu pae morreu em 1867) para esta provincia, na qual morreu em 1873.

Todo esse anno de 70 passei em Recife, cheio de dificuldades e embaraços sobre o genero de vida que deveria abraçar. Pouco pude, então, cultivar o allemão. Redigi, porem, durante esse tempo o jornal intitulado O AMERICANO, de junho a dezembro. No anno seguinte, vim para a Escada, e entregando-me à profissão de advogado, entreguei-me também de todo ao estudo da lingua alemã, na qual nunca tive mestre; sou completamente um autodidata ou mestre de si mesmo.

Em 1875, publiquei os meus Ensaios e Estudos, que saíram à luz em junho, tendo em maio saido o programa, e em junho, o 1º numero do jornal allemão Deutscher Kammer — de qual só poderem ser publicados cinco numeros.

Em 1876, saiu a minha primeira brochura alemã — *Brasilien wie est ist*, — e em janeiro de 78 a segunda brochura intitulada — *Ein Brief an die deutsche Presse*. Em fevereiro de 1879 uma brochura em português — Um discurso em mangas de camisa.

Na Escada, onde tenho uma typographia, ainda que não bem montada, tenho publicado os seguintes periodicos: Um signal dos tempos (1874); A Comarca da Escada (1875); O povo da Escada (1876); O desabuso, (1875); Aqui para nós, (1875); A Igualdade (1876); Contra a hypocrisia (1879). Do primeiro saíram só 10 numeros, do segundo 5; do terceiro 3; do quarto 5; do quinto 2; do sexto um e do setimo 6.

Os jornais em que collaborei, quando na Academia, foram: O Academico, (1865); A Luta, (1867); A regeneração, (1868), e o Vesúvio, (1869).

Escrevi para Correio Pernambucano artigos de *Philosophia* (1869). No Diario de Pernambuco saiu publicado grande numero de meus versos. Para o Jornal do Recife tenho escripto artigos de diversas naturezas. Da mesma forma na Provincia e Correio da Noite.

Tenho ineditos os seguintes trabalhos: 1º — Questões do nosso tempo; 2º — Artes de Pernambuco, poutpouuri litterario; 3º — Uma Historia da litteratura brasileira, durante o 2º reinado.

Em allemão, o seguinte: *Rechtslabeu und Rechtsstudium in Brasilien*.

Não sei, porem, se conseguirei publical-os.

Os allemães que me têm honrados com as suas cartas são até hoje os seguintes: Wilhelm A. Sellin (Leipsiz); Apflstedt (Dusseldorf) Dr. Karl Keck, um botanico (Berlim); Richard Lesser, Ernest Haynel, Paul Buckow, Robert Schroder, B. Cramer, Frederico Kuntz, Paul Bachmann e E. Klotz, — estes ultimos todos do Club dos Kosmophilos em Leipzig. E aqui importa observar que eu, no meu isolamento, nunca ousei tomar a iniciativa dessas correspondencias; ella tem partido de lá.

"Deixo de indicar a data, em que sustentei these, por que nunca me dispuz a ser doutor, grau que está hoje barateado".

"Não me recordo dos dias, mas apenas dos mezes e annos, em que concorri com o Padre Felix à cadeira de latim. O primeiro concurso foi em março de 1865; este, sendo annullado pelo ministro, deu-se segundo, que teve lugar em novembro do mesmo anno.

Não sei a que outro motivo, senão à superioridade do meu contendor, deva eu attribuir o não ter sido nomeado. A não ser essa razão, só posso explicar o facto por infelicidade minha.

Em outubro de 1867, concorri à cadeira de *Philosophia* do Gymnasio Pernambucano com o dr. José Soriano de Souza. Não obstante ir eu em primeiro lugar, fui preterido por esse doutor, allegando-se, como razão da preferencia, o elle ser casado e eu solteiro.

Quanto aos discursos proferidos na Assembléa Provincial, só me recordo dos das sessões de 17 de dezembro de 1878 (preparatoria) 7 de fevereiro de 1879, 22 de março (sobre) a questão do estudo das mulheres — dois discursos na mesma sessão) e 21 de abril de 1879.

Os allemães que fallaram sobre mim foram: Alfredo Waldler, de Leipzig por varias vezes, no Gartelenlanthe, onde saiu a minha biografia e retrato, no — *Export* — de Berlim, — *Magazine fur Literatur*, de Leipzig.

A Gazeta de Colonia (*Kolnische Zeitung*) offereceu-me um exemplar da sua edição semanal, com uma carta, a que eu respondi (em allemão) e minha resposta foi lá publicada com uma introdução assaz lisonjeira.

Também é certo que, em carta particular a um amigo do Rio Grande do Sul, Ernesto Jackel disse que lhe parecia pertencer à raça dos grandes pensadores.

Entro em taes detalhes só para satisfazer à curiosidade honrosa do meu digno comprovinciano. (Cartas a Carvalho Lima, 1886).

Ainda escreveu: "Além de caprichoso por temperamento, o meu estado de doença veio augmentar-me os caprichos".

"Não se me tache de immodesto por fallar de minha superioridade: Quando me julgo, sinto-me abatido; quando me comparo, .., não deixo de dar entrada a um certo orgulho. Digam o que quizerem os meus inimigos, não poderão contestar-me o merito de um self made, no rigoroso sentido da palavra. A viagem da minha vida tem sido feita somente à custa dos meus esforços".

"A injuria, o ataque anonymo ainda não me deixou de menos nem sequer um cabelo da cabeça".

"Eu tenho tambem o meu estro prophetico".

"Ainda não senti a necessidade de possuir o que nunca possui na minha vida, isto é, uma arma, qualquer que ella fosse".

"Não padeço de um pessimismo excessivo. Por minha parte, acceito cordialmente a irrogação da pecha de pessimista. É um defeito, de que me lisonjeio. O pessimismo sincero, o pessimismo convicto, é de uma influencia benefica sobre a vida, sobre a cabeça e até sobre o coração do homem. Sem elle, nenhum grande intuito, nenhuma aspiração elevada. A ideia pessimistica é uma idéa de primeira ordem, um princípio dirigente da civilização hodierna".

"Diversos são os modos de dar satisfação à propria vaidade. Conforme os tempos e as circunstâncias, uma depreciação produz o mesmo effeito que um elogio".

"Quem faz um livro, quer ter leitores".

"Se o mal de muitos, como diz o provérbio, consolo é, o mesmo não se dá com o erro de muitos, que não se transforma em verdade. Pelo contrario, é certo que as grandezas extensivas proporcionam-se com as intensivas em uma razão directa; quanto maior é, pois, a extensão que toma o erro, tanto mais fatal é a intensidade da sua influencia".

"A amputação dos prejuizos, de qualquer ordem que sejam, é sempre dolorosa, e todos não têm coragem pra supportar".

"Bons ou maos, costume reflectir nas consequencias dos meus actos".

"Não sei se o que produz o consumo corresponde ao que consumo; em todo caso, porem, não sou economicamente o que politicamente me posso considerar".

"Das sete differentes idades do homem, indicadas por Hyppocrates, infans, puer, adolescens, auvenis, vir senlor, senis, eu nunca deixaria a esphera do invenis. Se ao menos houvesse realizado aquella idéa, que me susteve 24 horas no seminário da Baia, se andasse hoje de batina, quão diversa não seria então a minha linguagem. E realmente, não hesito em declarar-o, eu perdi muitissimo em não ser padre. Errei de todo a vocação".

"O homem é mais sujeito às exterioridades do que ordinariamente admite que o seja, e o ambiente, em que vive, imprime-lhe o seu timbre".

"O problema capital da civilização é esforçar-se por harmonisar cabeça e coração. Presentemente, em todos os tempos, todo o cisco que

se tira da cabeça se lança sobre o coração; dahi a phrase, tantas vezes repetida: bonito talento, mas péssimo character".

"Os talentos que não brilham com luz propria, somente são taes por que brilham pela ignorancia".

"É bem que os homens sejam educados e habituados a cuidar de si, a auxiliar-se a si mesmos. O help yourself é um excelente mestre? apenas se faz preciso que se frequente a sua escola, não theorica, mas tambem praticamente, afim de melhor apreciar-se o valor de suas doutrinas".

"A belleza sob qualquer de suas manifestações, a belleza em qualquer grau, é essencialmente desposta. — impõe-se e domina".

"Acredito que a linguagem, fallada ou escripta, sobretudo na linguagem fallada, no bom ou no máo accento, existe alguma cousa de peculiar ás individualidades. Nem estou de opinar com Bernhard Schmitz que defeitos de pronuncia podem tornar-se defeitos de character. Um homem, por exemplo, que tem a bocca cheia de lingua, parece-me inadmissivel que tenha uma cabeça cheia de idéas, e no que toca em particular ao sexo amavel, sempre causou-me desconfiança o rothacismo feminino".

De todos os caminhos que nos conduzem a sondar o intimo de uma alma feminina, por mais paradoxal que a cousa pareça, a prosodia é talvez o mais seguro".

"O homem cultissimo hodierno, o mais desabusado e isento de preconceitos religiosos, ainda não está livre de ser, de repente, aggredido por um sentimento invencivel, que o obrigue a ajoelhar-se e adorar o idolo, de pau ou de pedra dos espiritos mais incultos".

"As idéas de um individuo podem ter a ultima feição, a frescura da actualidade, e todavia as suas emoções quasi sempre regular-se pelo rythmo de uma epoca anterior. O coração é um relógio, que, de ordinário, anda atrasado".

"O homem, quando ama, ainda tem tempo de trabalhar, ou de dar o seu passeio, ou de fumar o seu cigarro: não assim, porem, a mulher que, nesse estado, não tem tempo senão de pensar em outra cousa senão no seu amor".

"Aprender é desilludir-se".

"Continuo na minha obstinação, inabalavel, incorrigivel, no empenho pertinace de crear adeptos ou suscitar inimigos, por amor do germanismo. É um trabalho para o qual nunca me sinto indisposto e que seria, por si só, capaz de constituir a unica missão de minha vida, se eu não tivesse, a par desta, uma outra occupação imprescindivel, incessante: — é a de rir-me de mim mesmo e um pouco tambem, como Thackrey, dos snobs litterarios do meu paiz. Esse trabalho a que me tenho cordealmente dedicado, já não é de data muito recente; mas ainda não deixou de parecer aos olhos da maioria sensata como uma aberração sem exemplo".

"Não contesto à intelligencia humana o direito de vêr as cousas e dar-lhes logo um valor typico, suprimindo de seu proprio fundo, as lacunas da realidade. Não lhe contesto o direito de traçar aos nossos olhos, não por exemplo a beleza em abstracto, nem a belleza por excellencia, nem tampouco esta ou aquella belleza em particular, más a belleza em uma belleza, uma sorte de compromisso entre o real e o irreal. É o direito do poeta. Não é, porem, o direito do sabio, não é esta a função da sciencia".

"Julgo os talentos pelo seus produtos".

"Confesso que tenho, às vezes, malignos desejos, filhos de uma imaginação pouco discreta".

"E um trabalho superfluo querer demonstrar que o sol não é frio".

"Cada tempo tem seu demonio".

"Pelo tamanho de uma só penna se pode avaliar o tamanho da ave, que a deixou cair. Mesmo voando rente com a terra, é possível mostrar que se tem azas de aguia".

"E penso com Edmond Scherer que o meio de dirigir, nas sociedades modernas, não é persuadir discutindo, — é conciliar obrando. Não se convencem os espiritos, senão por uma iniciativa grande, fecunda, sempre nova. É mister marchar adiante, para fazer-se seguir, arrastar, para conduzir, assombrar, para subjugar".

"Para esclarecer melhor os nossos destinos, não queremos mais luz do que a do Evangelho".

"O desgosto da vida não é mais do que a incapacidade de crear um ideal. Como a ave faz o ninho, em que se abriga, no seio de um espinho, assim pode a alma acautelar-se e dormir tranquilla das misérias da vida, dentro do seu ideal".

"A razão é tão incompetente para corrigir as ilusões do coração, como os ouvidos para corrigir as ilusões do olfacto".

"O que eu não sou por mim mesmo, eu não o sou".

"Schiller tinha razão de dizer que todas as artes são filhas do pueril e inocente gosto de brincar. Escrever também é uma arte, a qual, para mim, em mais de um ponto, substitue um dos meus predilectos brinquedos da meninice. Era boliar com as vacas paridas, ou com carneiros marradores. E o meu maior prazer consistia justamente em ver o animal atirar-se de corpo e alma contra mim, mas quando batia com a testa no tronco, já eu estava trepado na copa da engazeira".

E, a respeito desses brinquedos, ainda escreveu:

"É um sestro que tenho desde menino: bolir com certos animaes, facilmente irritaveis e, desviando-me delles, rir-me então da inutilidade dos seus impetos e investidas contra mim. Nem eram somente as vacas paridas e os carneiros marradores que me davam occasião para esse brinquedo. A minha temeridade pueril chegava ao ponto de abrir semelhante luta até com as cascadeis. Que delicia que eu sentia, quando a cobra assanhada, à força de muita pedra, erguia a cabeça, mostrava a lingua, sacudia os guisos do rabo, e punha-se, em attitude de passar-me o dente!..."

"No mundo moral, também é certo que a lei, isto é, a idéia não tem effeito retroativo".

"É certo que haverá sempre individuos superiores; mas releva notar que só duas coisas constituem de direito a superioridade individual, que são a sciência e a virtude".

"A belleza que, no dizer de Hartmann, divide-se em physiologica e morphologica, eu me permitto argumentar de uma secção superior; — a beleza psychologica, sem alias persuppor um sujeito novo para este novo attributo".

"É um resultado natural da luta pela vida que haja grandes e pequenos, fortes e fracos, ricos e pobres, em attitude hostile uns aos outros; o trabalho cultural consiste, porem, na harmonisação dessas divergencias, medindo a todos por uma só bitola".

"A sociedade, que é o grande apparatus da cultura humana, deixa-se afigurar sob a imagem de uma tãa imensa de relações synergicas e antagonicas; é um systema de regras, é uma rede de normas, que não se

limitam ao mundo da ação, chegam até os domínios do pensamento. Moral, direito, gramática, lógica, civilidade, polidez, etiqueta, etc. etc., são outros tantos corpos de doutrina, que tem de comum entre si o carácter normativo. Não basta obrar ou proceder correctamente; é preciso sentir correctamente, escrever correctamente... Como se vê, um vasto systema de correcções, — o que vale dizer: — um vasto systema de selecções. Corrigir é seleccionar”.

Apesar de contar tantas minúcias de sua vida, Tobias não se refere às serenatas que fez, cantando, com a sua voz de barítono, canções de amor por ele próprio compostas, encantando matronas e donzelas e pondo de sobre-aviso, namorados, noivos, maridos, pais e irmãos das que se encantavam com as suas melodias.

Estudado e descrito o homem por ele mesmo, cuidemos agora do poeta, jurista, poemista, político, afinal professor, pois Tobias foi tudo isto a um só tempo!

Foi poeta e, como poeta, émulo de Castro Alves. Bastaria apenas esta referência e estaríamos eximidos de estudar o aedo, eis que para emular com Castro Alves, o maior poeta da língua portuguesa, seria necessário, ser também, um grande cantor.

Todavia não custa dar a prova do estro de Tobias Barreto. Embora muitos autores, Sílvia Romero, à frente, esforcem-se em provar que Tobias Barreto criou uma escola poética denominada condoreira, escola na qual, segundo tais autores, Castro Alves se exalçou, preferimos, antes de estudar esta feição poética de Tobias, situá-lo como lírico, pois da sua autoria é uma das mais belas poesias brasileiras da qual cito apenas uma estrofe, para aguçando a curiosidade dos Srs. leitores vê-los a procurarem o texto completo para degustarem a beleza do poema.

Vejamos uma estrofe de “Beija-Flor”.

Era uma moça franzina,
bela visão matutina
daquelas que é raro vêr,
côrpo esbelto, colo erguido,
molhando o branco vestido,
no orvalho do amanhecer.

Propositadamente citamos apenas uma estrofe de “O Beija-Flor, pois, se a mais nos abalançassemos deveríamos citar todas as poesias românticas dedicadas a Leocadia, sua grande e malograda paixão. E, assim, tão longa tornar-se-iam estas notas que não teríamos ocasião de lembrar alguns dos chamados versos condoreiros e as poesias satíricas — duas modalidades de versos nas quais o mestre era inextinguível.

A chamada escola condoreira, cuja criação Sílvia Romero faz questão de atribuir a Tobias, não é, ao meu parecer, mais que um fazer de versos de cunho patriótico, altissonantes e altiloquentes, escritos a maneira de Vitor Hugo e, muitas vezes, melhores que os versos do mestre francês. Todavia citamos alguma coisa parecida com os versos condoreiros de Castro Alves para mostrar que, também, Tobias sabia tocar a corda do patriotismo:

Barreto diz: somos poucos
de encontro ao trôço holandez;
que vamos fazer ó loucos?
Morrer inglórios talvez”...
“General, brada Vieira,
foi minha a ideia primeira,

o passo primeiro é meu!
Morreremos neste extremo!
Camarão ruge: Não temo!
Henrique Dias: não eu!

Nem só lírico e porque lírico romântico, nem só condoreiro, nem só autor de versos patrióticos foi Tobias, também versos satíricos, dos melhores que já se fizeram entre nós, capazes de rivalizarem com os do Gregório de Matos, fê-los Tobias Barreto. É sabido que Tobias, embora reconhecesse o valor intelectual de Joaquim Nabuco não simpatizava com o autor de "Minha Formação". E assim quando em plena campanha abolicionista, alguém junto a Tobias, se referiu aos dotes oratórios de Joaquim Nabuco, esse, num improviso, retrucou:

Faixas de mão na ilharga.

Esta discriminação decorrente da inveja pelas qualidades intelectuais de Tobias até o próprio Roberto Lira termina por reconhecer quanto afirma: "Tobias er-gueu-se do abismo pela energia dos próprios punhos contraídos de dor aos golpes dos que adivinhavam o perigo daquela ascensão. E um reconhecimento ao talento de Tobias arremata: E banhou a cabeça de sol".

Tal era a discriminação que até interferiu nos seus amores, pois, porque mulato e pobre, não conseguiu casar-se com Leocádia, a grande paixão da sua vida. Esta era rica, branca e tinha fumaças de nobreza. Desabrido, Tobias respondia a esta discriminação com sátiras ferinas e com os doestos mais pesados possíveis aos que o atormentavam.

Deixamos, porém de lado, o homem com seus amores, o poeta com seus versos maviosos, o satírico com as suas sátiras mordazes, o crítico com as suas temíveis diatribes e cuidemos agora do jurista, do crítico de arte, do professor, do polemista e resumindo numa única palavra, do formidável reformador do pensamento jurídico e filosófico do Brasil do seu tempo, através da chamada Escola do Recife que o tem como seu extraordinário guia.

Formando-se em direito aos trinta anos, quando à época o habitual era o doutoramento no máximo até os 21 anos, já, agora, Tobias se preocupa em advogar a fim de melhorar seu padrão de vida, dando à família mais conforto e tranquilidade, pois já estava casado.

As disputas poéticas com Castro Alves nos camarotes do teatro Santa Isabel começam a rarear como também, não só rareiam, mas terminam as serenatas. Acreditando que sua advocacia melhoraria no interior do Estado, muda-se para a cidade de Escada, terra de sua mulher. Escada, município próspero, porque zona açucareira, se lhe proporcionou clientes, também proporcionou-lhe tempo disponível. E este tempo ele o usou para estudar direito, retornar ao estudo do alemão, para fundar clubes cívicos, jornais e uma tipografia, transformando a pequena cidade num verdadeiro centro cultural.

Através de seus prediletos autores franceses, Taine à frente deles, Tobias que quando estudante tomara conhecimento dos filósofos alemães volta em Escada a estudar a língua para ler os alemães no original. E o faz sozinho, sem auxílio de quem quer que seja.

O autodidata saído da pequena Campos, a esta altura, fala, lê e escreve, latim, francês, inglês, todas as línguas de origem latina e o alemão.

Daf por diante se embebe na leitura dos filósofos, corresponde-se, em alemão, com vários jornais e personalidades alemães e volta a escrever sobre assuntos filosóficos. Depois de ter adotado o monismo, nos diz Artur Oriando que seu melhor trabalho, neste ramo é "Recordação de Kant".

Entretanto se se dedicava a filosofia escrevendo vários trabalhos tão significativos sobre este tema, a ponto de Haeckel ao ler alguns deles ter escrito que Tobias parecia pertencer à raça dos grandes pensadores, não esquece os assuntos referentes ao Brasil, sobretudo no que diz respeito ao município.

É no Clube Popular Escadense, por ele fundado, que pronuncia seu famoso **"Discurso em mangas de camisa"**. Situemos a época: 1870 — e ouçamos o que diz sobre isto seu biógrafo Hermes Lima: — "Precisamente, Tobias Barreto é a figura mais representativa dessa época. É nela que inicia sua plena obra de crítica filosófica, religiosa, social e política o que lhe confere o papel de um dos maiores agitadores intelectuais do período".

Mais adiante, ao prefaciá-lo o **"Discurso em mangas de camisa"** numa edição da Livraria São José lançado em 1970, Hermes Lima acrescenta: — "se toda a obra de Tobias houvesse desaparecido e dela só houvesse restado o Discurso, por ele se poderia levantar o perfil intelectual do chefe da Escola de Recife. Interessante é que este discurso, uma obra prima da sociologia, foi pronunciado e, posteriormente publicado, com algumas notas explicativas, por Tobias que não cria na existência de uma ciência social tendo até escrito um trabalho intitulado "Variações anti-sociológicas".

Agora, deputado estadual, redator de vários jornais ora escritos em português, ora escrito em alemão (o que poderia chamar hoje de imprensa alternativa), polemista tendo esgrimado com o prof. José Higino sobre o problema do Sel-Government e com o Visconde de Taunay sobre música, Tobias não descarta os estudos jurídicos pois está se preparando pra submeter-se a concurso de Direito.

Polemista de raça, embora não procurasse discutir e tivesse sempre sido desafiado, vale dizer que enquanto a polêmica com José Higino redundou em uma série de insultos, com Taunay que era tido à época como um grande crítico de arte, — Tobias levou imensa vantagem tendo demonstrado seus conhecimentos musicais. Aliás, o mestre costumava dizer que só duas coisas ele sabia: música e latim.

Sua vida teria sempre de ser atribulada. Ainda moço, quando deixou o Seminário de Santa Tereza em Salvador, foi morar numa hospedaria que pegou fogo. Jamais teve dinheiro que bastasse às suas necessidades. Agora em Escada, por motivo de herança, sustenta uma desabrida luta com os cunhados e sob ameaça de morte dos seus parentes afins, muda-se para o Recife.

Quando faz concurso, uma pugna apoteótica, endeusado pelo alunos e sem contar com as preferências da banca examinadora nem dos políticos influentes à época (os assuntos de educação estavam subordinados a este Ministério) para a nomeação. Sílvia Romero afirma que o Conselheiro Souza Dantas tudo fez para que o nomeado fosse o outro concorrente, fato que não ocorreu porque o Imperador Pedro II se opôs a esta pretensão do político baiano determinando a nomeação de Tobias, não obstante ter sempre sido muito ridicularizado por este em versos que toda gente sabia no Recife.

Embora esteja chegando ao fim pois agora, após o concurso, vive apenas mais sete anos, Tobias continua estudando e publicando alguns trabalhos. Sobre tudo jurídicos, a maioria deles versando direito criminal, matéria de sua predileção. De tal forma versou esta matéria que Gilberto Amado, lendo na década de 30 na coleção publicada pelo Estado de Sergipe, alguns trabalhos de Tobias sobre esta especialidade jurídica, sessenta anos depois de publicados, exclama num trabalho de 1934: "Bastariam os Estudos de Direito para colocar Tobias adiante de todos os brasileiros de seu tempo. Tudo que escreveu sobre direito criminal ainda pode ser traduzido. Daria a impressão no estrangeiro de trabalho feito agora pelos mais altos especialistas. Suas antecipações nesse particular são realmente extraordinárias. Todos vós conheceis os "Prolegômenos do Estado do Direito Criminal" e os "Comentários Teóricos e Práticos ao Código Criminal", que com o capítulo sobre os delitos por omis-

são, o ensaio sobre a tentativa e o mandato criminal compõem o primeiro volume da edição de Sergipe. Este livro é rigorosamente clássico pelo equilíbrio da doutrina com a linguagem que, af, é precisa e segura".

O genial sergipano que teve um fim de vida atribulado, não só pela doença que o acometeu, como também em face das polêmicas que sustentou e os poucos recursos pecuniários de que dispunha, tendo chegado a escrever ao seu épigono Sílvio Romero que estava vivendo da caridade pública, não teve, ainda, sua obra devidamente publicada nem tão pouco estudada como merece. É necessário que o estudemos como poeta, crítico de arte e literatura, político, professor, polemista, criador da Escola do Recife e sobretudo jurista renomado, o maior de sua época.

É verdade que Graco Cardoso quando governou Sergipe — o Graco foi um dos maiores governantes de minha terra — mandou editar as obras de Tobias. Recentemente, em 1978, outro eminente Governador, Dr. José Rollemberg Leite a reeditou. Todavia não se editou tudo o que o grande pensador sergipano escreveu nem tão pouco se fez a análise de sua obra. Tobias que como é poeta é par de Castro Alves, pode ser considerado par de Rui Barbosa no que diz respeito às letras jurídicas. Por que deixar sua obra no esquecimento? Por que não mostrar às novas gerações quanto ele atuou no seu tempo, quanto trabalhou e quanto se esforçou para que não nos faltassem liberdade e justiça?

Tobias é tão importante no panorama nacional que voltando a Gilberto Amado podemos dizer com este, de referência ao grande sergipano: "ele está no centro da cultura do Brasil".

Dai será impossível arredá-lo, e por isso vale a pena conhecer sua obra e sua atuação.

"Era uma moça franzina,
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco cestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a: rímida, esquiva...
Que boca!... é a flor mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do lábio,
Como quem suga o ressusão
Dos beijos de um querubim!

Nem viu que as auras gemeram
E os ramos estremeceram,
Quando um pouco ali se ergueu...
Nos alvos dents, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nvea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: — nós duas!...
E a brisa emenda: — nós três!...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beijaflor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzela,
Peneira na face dela,
E quer-lhe os lábios também.

Treme a virgem de surpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor da mão;
Nas asas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor:
Voa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos beijos de rubra côr.

A moça que se envergonha
De correr, mais risonha
Procurava se desviar;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver: inchados jambos
De algum celeste pomar!...

Forte, luta, incrível
Por um beijo! É impossível
Dizer coisa que se deu.
Tanta coisa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte Cándida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ela conta sorrindo
A história do beijaflor*.

(*) Justificativa de um projeto-de-lei apresentado à Câmara dos Deputados sobre a edição da obra completa de Tobias Barreto pelo INL:

ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO

Os sergipanos estudantes de Faculdade de Direito do Recife no Eleitorado da sua Província

O recente fallecimento do honrado senador sergipano Antonio Diniz de Si-
queira e Mello — um dos raros modelos de lealdade politica e da honestidade indivi-
dual —, tendo deixado vaga uma cadeira na camara vitalicia, que importa preencher,
vae dar occasião a um pleito eleitoral em nossa provincia, pleito ao qual não podemos
ser indifferentes: — tanto nos interessa o engrandecimento do berço commum, a au-
tonomia dos nossos irmãos e o futuro d'aquelles que se acham unidos a nós pelas
mesmas tradições, pelas mesmas legendas, pelas mesmas desgraças, pelas me-
mas esperanças e pelas mesmas aspirações.

Inspirados pelo sentimento do patriotismo e pela generosa idéa da solidari-
dade provincial, crêmo-nos obrigados a contribuir na altura das nossas forças para
que as nobres aspirações da nossa provincia não sejam frustradas nesse momento
decisivo. O facto de estarmos ausentes do abençoado sólo — *dulcis arva* — que
nos acolheu no momento da nossa entrada na vida, não implica o arrefecimento do
amor que lhe votamos: pelo contrário a ausência é um elemento potenciador do sen-
timento da patria. Nunca se pode dizer tanta verdade — *major e longinquo reveren-
tia*.

De accordo com estes sentimentos, ousamos apresentar ao Eleitorado Ser-
gipano como digno dos seus suffragios prestigioso nome do nosso grande compro-
vinciano Doutor Tobias Barreto de Menezes, um talento raro ornado de uma illustração
singular e consorciado a um character magestosamente immaculado e conspicuo. O
homem, que pelos seus altos dotes espirituaes, e pela prodigiosa cultura que conse-
guiu em virtude de diuturnas e perseverantes estudos, merece ser nomeado e admi-
rado por alguma das mais incontestadas genialidades europeas, não sera — por
certo — immerecedor da honra de vêr o seu nome incluído na lista triplíce que deve
ser submetida á suprema apreciação do Poder Moderador.

Não existe em toda a provincia de Sergipe pessoa qualificada, á quem não
seja familiar o nome do Doutor Tobias Barreto como o nome de uma gloria nacional, e
que já echôa fóra das raias da nação, acolhido como pensador de alta linhagem como
um desses homens representativos — de quem falla Emerson — que são a synthese
de um povo inteiro e que, como observa Lange, tem o poder de concentrar em si
mesmos todas as tendencias da sua epocha.

Para que pois encarecermos os talentos do celebre sergipano? Elle os tem
tão pujantes, que se impõem á todos que o conhecem. E não os tem deixado impro-
ductivos; tem-n'os feito fructificar em altissimo grão. Os originalissimos productos da
sua penna correm mundo, attestando a fecundidade pasmosa do seu espirito, que
aliaz tem sido distribuido pelas preocupações que trazem as condições economicas
da vida, essa *res angusta domi* de todos os grandes homens.

Os serviços prestados á Patria pelo Doutor Tobias Barreto não deixam de
ser menos reaes e meritorios, por serem da natureza d'aquelles que pouco avultam
aos olhos dos espiritos vulgares. Um observador consciencioso que estudar a histó-
ria do nosso desenvolvimento, de vinte annos para cá, não hesitará em reconhecer
que ninguem mais que o grande sergipano tem contribuido para o alargamento da
nossa cultura. Quem entre nós brasileiros mais tem luctado pela emancipação intel-
lectual do povo, pela autonomia do nosso pensamento? Quem mais que o Doutor To-
bias tem verberado a immoralidade, a corrupção, o aviltamento do character nacional e

das instituições? Na imprensa, na tribuna, já como philosopho, o unico escopo deste grande espirito tem sido illustrar e melhorar o povo, o povo a quem elle ama, com quem se identifica obedecendo aos impetus democraticos do século, sem com tudo cahir na furia demagogica. Como professor, muito tem feito para augmentar o diametro do horizonte intellectual da actual geração. A' uma estagnação, a um torpor cerebral que existia antes do seu advento á Faculdade, elle fes succeder a livre circulação das idéas modernas. Antes dessa revolução pacifica e benefica, a mocidade — que ha-de ser o futuro — luctava sem direcção scientifica, sem cultura philosophica, procurando de balde uma autoridade que a salvasse do cahos amorpho das doutrinas desacreditadas. Hoje possuímos uma nova orientação scientifica, graças ao ensino fecundo do cerebro melhor organizado que possui a nossa Patria.

Um ponto, todavia, é bom que fique assentado: nós não negamos os merecimentos dos outros candidatos, reconhecemos os talentos e virtudes que os nobilita e a grande somma de serviços que elles teem prestado á Provincia. Não se queira traduzir este nosso manifesto por um acto de hostilidade á quem quer seja. Todo e qualquer exclusivismo está longe do nosso pensamento: queremos que haja lugar para todos; e a natureza da eleição senatorial é propria para satisfazer as aspirações de mais um. Em compensação, queremos que se reconheça uma certa dose de justiça no nosso pedido. Quem, como nós, conhece de perto o Doutor Tobias Barreto ha de confessar que elle não é indifferente ao bem publico. Todas as grandes dores da Patria, todos os infortunios da communhão social, provocam no seu espirito altamente altruista vehementes desejos de remedia-los.

Pois bem. Na presente hora da nossa vida politica, problemas capitalissimos, que reclamam inadiaveis soluções, atormentam o espirito público. A alma nacional sente-se flagellada pela tortura do desconhecido e concentra-se em anciosa expectação. Desilludamo-nos: já não teem prestigio o *pathos* solemne, a musica das grandes palavras dos nossos parlamentares provectoros. Os nossos homens publicos, os órgãos supremos do mechanismo social, não são os que mais se interessam pelas condições evolucionaes do País. O remédio deve sahir da representação nacional, e esta é um produto do eleitorado: é aqui que repousa toda esperanza da salvação. Escolha homens de vontade energica, homens de talento, homens honestos, que saibam e queiram tomar sobre si uma parte desta grande empresa de salvação commun.

Ao digno Eleitorado Sergipano se offerece agora uma occasião de dar um testemunho publico de patriotismo. Acolha benevolo o pedido dos seus comprovincianos e offereça á Corôa, entre outros, o nome para sempre memoravel do Doutor Tobias Barreto de Menezes. Aproveite este poderoso collaborador do nosso desenvolvimento, preparado, pelo seu espirito eminentemente positivo e por muitos annos de reflexões sobre a ordem e politica, para iniciar uma era nova na história do parlamentarismo brasileiro. O Brasil não é uma dessas nações das quaes se possa dizer com Castellar: — *ha nações que morrem; mas que não sabem reformar-se*. Não. O Estado Brasileiro possui muitos elementos de vida e de cultura, elementos latentes que apenas esperam um espirito superior que lhes dê impulso e direcção. E o Doutor Tobias Barreto, — ninguem o contesta — collocando-se os espiritos superiores não occupa um lugar usurpado.

Proceda o Eleitorado Sergipano de modo que não se possa repetir á seu respeito a notavel phrase de Schiller: — o momento é grande: mas a geração é pequena.

Recife, Julho de 1884.

José de Barros Accioli de Menezes.
Jason Valladão.
Genes Martins Fontes.
José Matheus de Aguiar Cardozo.
Arthur Silva Rego.
Emiliano Augusto de Mattos.
Philomeno de Vasconcellos Hora.
Manoel dos Passos Oliveira Telles.
Luiz de Mattos Freire.
Adolpho Coelho de Mattos Barreto.
Gumersindo de Araujo Bessa.
Francisco Pinto Lobão.
José Maria de Faro Rollemberg.
João Alves de Gouveia Lima.
Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel Junior.
Evangelino José de Faro.
Paulo Martins Fontes.
Severino Rabello Leite.
Joaquim do Prado Sampaio Leite.
Ovidio Alves Manaya.
Guilherme Nabuco Maciel.
Liberio de Souza Monteiro.
José Alves Pires Tojal.

UM DISCURSO EM MANGAS DE CAMISA, proferido por Tobias Barreto, em 1879, quando da inauguração do **Clube Popular** por ele fundado na cidade de Escada, interior de Pernambuco, onde se encontrava residindo, destaca-se em sua obra sobretudo pela revolta contra as instituições sócio-econômicas vigentes de uma forma que o faz sempre atual. Dai sua publicação nesta REVISTA em que o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe homenageia o grande sergipano quando de passagem dos seus sesquicentenário de nascimento e centenário de morte.

"UM DISCURSO EM MANGAS DE CAMISA" *

Meus Senhores! Ainda uma vez, é a mim que incumbe vir expor-vos, e em traços mais visíveis, a idéia que se propõe realizar o *Clube Popular da Escada*. A primeira reunião que já fizemos, não foi, nem podia ser inteiramente satisfatória, sob este ponto de vista, porquanto, além da grave dificuldade que há em falar-se, de modo eficaz, a um auditório não preparado, acresce que seria então antecipar, sem vantagem para esta sociedade, a explanação detalhada do seu objeto e dos seus intuitos. Bem quer me parecer que semelhante reserva, da minha parte, podia dar direito a se supor que há no fundo deste meu tentamen uma certa dose de mistério e intenção secreta, que só pouco a pouco é dado perceber. Mas isto fora errôneo e altamente injusto.

O pensamento que forma a base desta sociedade, como de outras de igual natureza, não se resume, — é verdade — numa definição, nem se esgota em centenas de discursos. Só às crianças é lícito imaginar que poderiam conter na palma da mão qualquer estrelinha, que se lhes afigura do tamanho de uma moeda, e apta para um brinquedo. Do mesmo modo, somente aos parvos é permitido crer que o conceito

* Observação preliminar sobre Um Discurso em Mangas de Camisa — Em setembro de 1877, appareceu-me a idéa de organizar nesta cidade, e à semelhança de outros já algures existentes, um pequeno Clube Popular. Como todas as lembranças infelizes, que no nosso país têm a propriedade de geminar com a mesma rapidez do alho plantado em noite de S. João segundo a crença vulgar, — a minha idéa prontamente greiçou; mas também, com a mesma pontidão, murchou e morreu. Foi esta ainda uma das muitas illusões, de que se tem alentado o meu espirito nesta bela terra, onde aliás vim sepultar os dois mais caros objetos do meu coração e da minha fantasia: — minha mãe e meu futuro!

Foi ainda uma illusão, sem dúbida, porém um pouco mais durável, um pouco menos enganadora do que, por exemplo, a realidade das flores, com a sua vida de um só dia: — minha illusão durou quinze.

Por ocasião e a propósito de realizar o meu plano, pronunciei o discurso que aí vai. Publicado depois no Jornal do Recife, não deixou de ser então, como era natural, agradável a uns, e displicente a outros. Mas ficou nisto.

Correram os dias, mudaram-se as coisas, e eu entendi que devia, para dar uma feição mais permanente àquella produção de outros tempos, publicá-lo em brochura, como agora, o faço, acompanhado de notas, que servem de illustração ao meu pensamento.

É o que tenho a dizer a história do livrinho. Quanto ao mais, o leitor o jogue como bom e justo lhe parecer.

Escada, 11 de fevereiro de 1879.

O AUTOR.

inspirador e dirigente de uma corporação criada com fins humanitários, políticos e sociais, qualquer que seja o círculo de sua ação, é suscetível de abranger-se numa folha de papel, e pode se deixar ver em todos os seus aspectos e atitudes sedutoras, à luz mortuária de velhas frases consagradas ao culto aparatoso dos ídolos do dia.

Porém também é certo, senhores, que quando se evangeliza uma idéia nobre, por mais densa mesmo que seja a nuvem em que ela venha envolvida, o gênio do povo se encarrega de penetrar-lhe no íntimo e conhecer, por instinto, o seu valor e o seu alcance. Nem eu quero dissimular que uma associação, à guisa da nossa, que tem por principal agente o espírito popular, o ímpeto democrático do século, encerra naturalmente alguma partícula de reação e protesto contra a tirania das coisas, algum germen de rebeldia contra a *impudência dos deuses*, e importa, como tal, uma gota de *assa-fétida* na taça de néctar dos poderosos da terra.

Mas isto não desfigura a placidez e serenidade do nosso intento, nem seria motivo suficiente para as chamadas autoridades constituídas nos pedirem contas, por tentativa de insurreição. Tranquilizai-vos, pois: — se há aqui algum segredo, esse segredo não é para vós; é para aqueles que têm a orelha longa e fina, que no simples ato da livre respiração, que na sístole e diástole do coração do povo percebem sempre um como fluxo e refluxo do mar, que vem engoli-los; é para aqueles, em cuja opinião o maior esforço para sair-se deste sono de abatimento e miséria, é um plano de amotinados, assim como o sangue, que borbulha e jorra impetuoso, pode ser também um revolucionário, na opinião do punhal; e para aqueles, enfim, que tendo boas razões de unirem-se a nós, de estarem conosco, não se dignam, todavia, de aparecer aqui, pelo receio que lhes inspira o contato dos *lázarus* políticos, quais somos todos nós, os homens do *trabalho* e não do *emprego público*, os deserdados da pátria, os excluídos do seu banquete, mas que, a despeito de tudo guardamos ainda uma esperança no peito e uma seta na aljava!... E para esses, sim, que o exército de um direito pode tomar as proporções de um fenómeno perigoso, de uma nuvem tenebrosa, que esconde no bojo alguma tempestade. Quanto a nós, porém, não nos incomodamos por isso; e quanto a eles, deixemo-los conjecturarem o que lhes aprouver, e prossigamos em nossa marcha.

Volto a tratar, senhores, do assunto capital do nosso entretenimento, que já foi em síntese indicado, a primeira vez que aqui nos reunimos. Esforçar-me-ei, sobretudo, por ser claro. Não compareço entre vós, para fazer-me admirar, mas para fazer-me compreender. A musa que me inspira nesta ocasião é muito modesta, para que me obrigue a trajar a grande gala da linguagem bordada a ouro, e muito menos a *ouro francês*. Alguma coisa de familiar, alguma coisa de designável por *um discurso em mangas de camisa*, é o que vos venho apresentar. Se a viagem é curta e aprazível, se fui eu quem vos convidou para ela, não seria uma extravagância, adicionada de uma impolidez, que eu quisesse ir a cavalo, quando os demais vão a pé? Nada, pois, de formalidades, nem jeitos oratórios; nada de *espartilho* retórico: todo a cômodo e com toda a calma, vou expor-vos o que nos interessa.

Disse uma vez o Padre Lacordaire que a posição mais desfavorável ao orador é quando tem de falar a homens que comem, — porém há outra, a meu ver, ainda mais desfavorável: — é quando se fala a homens que têm fome, se não se trata dos meios de satisfação, ao menos de moderá-la. Tal seria, por certo, a minha posição diante de vós, como iniciador da idéia de um *Clube Popular*, se me viesse à mente a singular lembrança de ocupar-me em outros assuntos, que não fossem os males da nossa vida política, o estado de penúria, e a pior das penúrias, a penúria moral, em que laboramos, o desânimo dos espíritos, a surdez das consciências, em uma palavra, todos os sintomas da doença que mata as nações, o *abandono de si mesmo*, o *esquecimento de seus direitos*, pela falta de justiça e liberdade, de que todos nós sentimo-nos sequiosos e famintos. Não me compete, nem seria agora oportuno, lançar as vistas no país inteiro, depondo sobre a mesa das dissecações o grande corpo bra-

sileiro, para sujeitar a uma análise rigorosa a totalidade dos seus órgãos. Não interessa mesmo, nem a mim, nem a vós, dividindo o Estado em suas partes naturais, tomar a província por objeto de nossa apreciação. Limite-me, portanto, ao município, e ao município concreto, quero dizer, a este de quem somos habitantes. É um fragmento do monstruoso *remó*; mas este pedacinho reflete tão bem a nossa face, o nosso caráter nacional, como todo o espelho.

O que mais salta aos olhos, o que mais fere as vistas do observador, que bem se pode chamar o *expoente* da vida geral do país, é a falta de coesão social, o desagregamento dos indivíduos, alguma coisa que os reduz ao estado de isolamento absoluto, de átomos inorgânicos, quase podia dizer, de poeira impalpável e estéril. Entre nós, o que há de organização, é o Estado, não é a Nação; é o governo, é a administração, por seus altos funcionários na Corte, por seus sub-rogados nas províncias, por seus ínfimos caudatários nos municípios; — não é o povo, o qual permanece amorfo e dissolvido, sem outro liame entre si, a não ser a comunhão da língua, dos maus costumes e do servilismo.

Os cidadãos não podem, ou melhor, não querem combinar a sua nação.

Nenhuma nobre aspiração os prende uns aos outros: — eles não têm, nem força defensiva contra os assaltos do poder, nem força intelectual e moral para viverem por si; tal é o fato mais notável que a observação estabelece em geral, porém, que me parece não se manifestar em lugar algum tão carregado de más consequências, como na Escada. Aqui, decerto, os habitantes do município, máxime os da cidade, fazem a impressão de viajantes, que se reuniram à noite em uma mesma casa de rancho, mas logo que amanheça, cada um tomará o seu caminho, quase sem probabilidade de outra vez se encontrarem. Deste modo de viver *à parte*, de sentir e pensar *à parte*, resulta a indiferença, com que olha cada um para aquilo que pessoalmente não lhe diz respeito, e enquanto não chega o seu dia, contempla impossível os tormentos alheios, sem saber que, como disse o poeta:

A todos cabe o mal da humanidade,
— De lágrimas e dor fatal convívio, —
E aquilo que um tomou sobre seus ombros
É para os outros verdadeiro alívio.

Não fica aí. Essa impassibilidade, que acabo de assinalar, não se revela somente por uma certa ausência de sincero amor e caridade, nas relações puramente humanas, mas também por falta de patriotismo, nas relações nacionais, pela ausência de senso político e dignidade pessoal, nos negócios locais. É a esta doença moral, de que padece o povo da Escada, que o nosso *Clube* se propõe aplicar um remédio, se não de todo eficaz, ao menos paliativo.

E importa advertir: — o *Clube Popular Escadense* não toma por princípio diretor nenhum dos estribilhos da moda, menos que tudo a célebre trilogia: *liberdade, igualdade e fraternidade*, três palavras que se espantam-de se acharem unidas, porque significam três cousas reciprocamente estranhas e contraditórias, principalmente as duas primeiras. E para que não se me acuse de *paradoxia*, permiti-me, por um pouco, tratar de demonstrá-lo; o que tanto mais interessa, quanto é certo que não temos por nós nenhuma das três pessoas dessa trindade revolucionária e por isso muito importa sabermos, que delas uma só nos basta, ou se de todas necessitamos, bem como se é possível a sua consecução.

Mas antes de tudo, — que a liberdade e a igualdade são contraditórias e repelem-se mutuamente, não milita dúvida. A liberdade é um direito, que tende a traduzir-se no fato, um princípio de vida, uma condição de progresso e desenvolvimento; a igualdade, porém, não é um fato, nem um direito, nem um princípio, nem uma condi-

ção; é, quando muito, um postulado da razão, ou antes do sentimento. A liberdade é alguma coisa, de que o homem pode dizer: — *eu sou!*..., a igualdade alguma coisa, de que o somente diz: — *quem me dera ser!*... A liberdade entregue a si mesma, à sua própria ação, produz naturalmente a desigualdade, da mesma forma que a igualdade, tomada como princípio prático, naturalmente produz a escravidão. A liberdade é aquele estado, no qual o homem pode empregar, tanto as suas próprias, como as forças da natureza ambiente, nos limites da possibilidade, para atingir um alvo, que ele mesmo escolhe. Onde, pois, o indivíduo é perturbado no uso de suas forças, e a respeito das ações que não se opõem à liberdade dos outros, nem às necessidades sociais, é sujeito a uma tutela, aí não existe liberdade, nem civil, nem política, nem de outra qualquer espécie. A igualdade é aquele estado da vida pública, no qual não se confere ao indivíduo predicado algum particular, como não se lhe confere particular encargo. Igual dependência de todos, ou igual sujeição de todos. O mais alto grau imaginável da igualdade, — o comunismo, — porque ele pressupõe a opressão de todas as inclinações naturais, é também o mais alto grau da servidão. A realização da liberdade satisfaz ao mais nobre impulso do coração e da consciência humana; a realização da igualdade só pode satisfazer ao mais baixo dos sentimentos: — a inveja. Que uma e outra não se harmonizam, que são exclusivas e repugnantes entre si, prova-o de sobra a revolução francesa, que tendo começado em nome da liberdade, degenerou no fatalismo da igualdade, e reduziu ao absurdo nas mãos de um déspota. O povo francês assemelhou-se então a uma cidade que se submerge, só ficando de pé uma torre enorme, no meio do lago imenso: — a figura de Napoleão! Estava assim, da melhor forma, o ideal de Mirabeau: — *la monarchie sur la surface égale*. Os indivíduos, ou os povos que esquecem a liberdade por amor da igualdade, são semelhantes ao cão da fábula, que larga o pedaço de carne que tem na boca, pela sombra que vê na água do rio.

Estas palavras bastam, senhores, para vos fazer compreender, qual é neste sentido o meu modo de pensar. Quanto à fraternidade, francamente vos declaro que a considero mais um conceito religioso, do que um conceito político. Dentro dos limites, em que pode ser realizada, ela não é o sacrifício da pessoa, pelo qual se recebe uma bofetada, e oferece a face para receber segunda, mas é somente a união de todos numa mesma idéia, num mesmo sentimento, — a idéia da pátria, o sentimento do direito. E destarte exercida, a fraternidade torna-se fecunda, porque conduz à conquista da liberdade, pondo de parte os sonhos extravagantes de uma igualdade impossível.

Entretanto podeis perguntar-me: como se há de fazer que cheguemos ao alvo que nos propões, nós outros homens do quarto pela maior parte, do terceiro e segundo estado, operários, artistas, homens de letras, que nada temos, que nada somos, visto como os nossos direitos se acham seqüestrados nas mãos de meia dúzia de felizes, constituídos nossos depositários? A pergunta seria grave, porém teria resposta. É certo que, a despeito de todas as aparências e exteriores constitucionais, a sociedade brasileira em sua generalidade, e mais visivelmente, em particular, num dado, é uma sociedade de privilégios, se não criados pela lei, criados pelos costumes, de cujos distatos a lei é cúmplice, não lhes opondo a precisa resistência. Debalde se fala de uma *indistinação* civil, a não serem as diferenças produzidas pelos talentos e virtudes, quando verdade é que o talento e a virtude não servem para marcar distinção entre os indivíduos, considerados como funções sociais. O *denominador comum* é a fidalguia, ou o seu sub-rogado — o dinheiro.

É certo que a nossa população se acha dividida não somente em classes, mas até em castas.

E não só em castas sociais, como também em castas políticas, quais são sem dúvida os dois partidos, que se disputam o poder dos quais são o domínio de um é equivalente à perseguição do outro, modificada apenas pela infâmia dos renegados e dos tráfugas. Tudo isto é certo, senhores; e aqui acode-me a lembrança de um

fato, que serve ao assunto; — quando, há dez anos, foi nomeado bispo de Pernambuco o Sr. Cardoso Aires, de *glorioso esquecimento*, como são todos os bispos, finados e por finir, na sua primeira pastoral, escrita em latim, dirigiu-se a seus diocesanos, sob a tripla categoria de clero, nobreza e povo — *clero, optimatibus et populo*, senão *plebi*; e esta classificação provocou a censura pública. Devo confessar que ainda hoje não compreendo uma só palavra das críticas e reclamações, que ele teve o poder de suscitar. O Bispo que estava em Roma, conhecia melhor as nossas coisas, do que todos os reclamantes. O Brasil era então, como é e continua a ser, isto mesmo: um clero privilegiado, o qual, não obstante haver um salário do seu trabalho, não obstante receber por uma *capela de missas* tanto quanto nem sempre o advogado recebe por uma causa, nem o pequeno negociante ganha na feira de sábado, nem o artista lucra com os seus artefatos, todavia não paga imposto, como tal, bem que a sua indústria, sendo altamente rendosa, nada soltesse em contribuir com um centésimo dos proventos para as despesas comuns. Depois do clero, uma nobreza feita a mão, pelo mor parte estúpida, pretensiosa, e ainda pior que a clerezia, pois que esta, ao menos, não manda açoitar os cidadãos, nem prendê-los no tronco dos engenhos.

Não falo da classe econômica propriamente dita, porque a sua vida se limita a uma *luta pelo capital*, e nada tem que ver com as nossas lutas pelo *direito*. Após então vem o povo, o povo triste e sofredor, em cuja fronte, não poucas vezes, junto ao estigma da felicidade, por cúmulo de miséria, a sorte imprime também o estigma da ingratidão; o povo que é o número, mas um número abstrato, um número que não é força; — perseguido, humilhado, abatido, a ponto de sobre ele os grandes disputarem e lançarem os dados, para ver quem o possui, como os judeus sortearam a túnica inconsútil do mártir do Calvário.

Não exagero, senhores, — é a verdade. O povo brasileiro, ou mui restritamente, o povo da Escada, é tido na conta de uma coisa apropriável, se já não apropriada. Quereis uma prova entre muitas? Eu vo-la dou; reparai bem. O ano pasado, quando se tratava da qualificação dos votantes desta paróquia, nessa época de baixeza e picardia, que hoje, porém, já não me espanta, porque depois disso tenho aqui mesmo testemunho mais negras misérias, haveis de estar lembrados que os dois partidos em contenda, para mostrar qual deles tinha por si a maioria, levaram à imprensa, com uma ingenuidade infantil, somente a apreciação do *número dos engenhos!*... — “Há mais engenhos do lado dos liberais”, — diziam estes. — “Nem tantos, como alegam” — diziam os conservadores, acrescentavam: — “Se os liberais têm alguns engenhos de mais, os dos conservadores, em compensação, são mais extensos, mais povoados, mais ricos”... — Eis aí.

Queres melhor? Se isto não era uma questão de *fábrica*, isto é, de maior número de bois, cavalos, e escravos, inclusive os cidadãos votantes, já sei que as palavras perderam o seu sentido, ou eu perdi o uso da razão. É pois evidente que, pela própria confissão das partes, está criada na Escada uma *açucarcracia*, a qual se julga com direito à posse de todos aqueles que vieram tarde e não encontraram um pouco de terra para chamarem sua, e dentro desse domínio manejarem sem piedade o *bastão da prepotência*.

Tudo isto, repito, senhores, é de uma clareza solar; de tudo isto estamos inteirados por amarga experiência. Porém é certo que não devemos desanimar. O processo de ação do povo, se me é lícito assim expressar-me, para adquirir a posição perdida, é sumário: — uma espécie de interdito *unde vi*, em matéria política. Ainda não passou ano e dia para intentá-lo, — se é que o povo não prefere usar do meio que as leis permitam aos *esbulhados da posse* de coisas materiais, e que seria absurdo não permitir igualmente aos esbulhados de coisas mais sagradas que uma jeira de terreno, se é que já não chegamos àquele estado de vilania e transtorno dos conceitos morais, em que a vida é preferível à honra, e a propriedade preferível à vida. Esta linguagem eriça cabelos: — a mais de um *amigo da ordem* pode ela parecer o cúmulo

da extravagância; e todavia, senhores, este meu vinho tem água, não é dele que se costuma beber nos festins da Democracia. Seja, porém, como for, não hesito em declará-lo; — o povo da Escada, a quem ora me dirijo, deve pôr-se fora da tutela. Tomando conta de si mesmo, e contestando aos poderes a faculdade de dispor desta cidade, como de uma *filial* das suas fazendas cumpre-lhe erguer-se à altura de um poder, com que eles devem contar, em bem ou em mal, e não continuar a ser um algarismo mínimo, um *milésimo* de força, cujo erro não lhe perturba os cálculos. Ao povo da Escada importa convencer-se que ele não tem para quem apelar, senão para o seu próprio gênio, que não é o da resignação e da humildade. Importa convencer-se que ninguém se lembra dele, ninguém por ele se interessa. Os magnatas do município, por mais que finjam o contrário, não escapam à censura de serem todos acordes no tratar com desprezo a esta localidade. Sirva de prova o fato extraordinário de não haver um só proprietário do termo, qualquer que seja o seu grau de riqueza, que possua dentro da cidade um prédio, digno de si, relativo à sua posição e à influência que porventura queira ter. Não há um único, sequer, que tenha aqui edificado, nem em grande nem em pequena escala. Muitos até existem, que contam nos dedos as vezes que têm vindo à sede do município, e ainda fica dedo desocupado para uma pitada de rapé.

Este fenômeno singular e significativo, creio eu, não se repete em outro lugar, pelo menos, com tão claro propósito de desdém votado à população da cidade. Seria fútil o desprezível a injeção que me fizessem, alegando que as despesas da edificação da nova matriz correram quase todas por conta desses mesmos proprietários. Nenhuma dúvida; porém, o que importa? Uma questão de *bigotismo*, senão antes de alardo pecuniário, ou de simples consideração ao burel de um capuchinho.

Não vos iludas, senhores. Em assunto de popularidade, de homens dedicados à causa popular, a experiência está feita; e sou tentado a dizer-vos, como o francês H. Beyle — *J'invite à se méfier de tout le monde, même de moi...* — Aconselhou-vos que desconfieis de todo mundo, até de mim mesmo. Confiai somente em vós, que releva levantares a fonte, nos vossos esforços, que é mister multiplicar, no vosso caráter, que é preciso reformar.

O município de Escada, e como ele, a província, e como a província, o país inteiro, anseia pela vinda de qualquer grande acontecimento. Não sei qual ele seja, mas ele há de vir.

Não sou judeu para crer no Messias, nem tenho a ingenuidade dos primitivos cristãos para acreditar na *parousia*; mas sou filósofo em confiar nas leis da História, que regulam o destino dos povos; e esses hão de também cumprir-se entre nós. Os cometas não percorrem uma mesma órbita, e as nações não seguem um mesmo caminho. Do país em geral se ergue como que um sussurro de imprecações e lamentos; é o naufrágio que se aproxima. Nada de bater nos peitos, nem de pedir misericórdia. Ninguém nos socorrerá, se o socorro não vier de nós mesmos. Abramos mãos de nossos prejuízos, de nossas reservas, de nossos temores, e sejamos um povo livre.

Sim, meus senhores, é a liberdade que nos falta; não aquela que se exerce em falar, bradar, cuspir e macular o próximo, porque esta temô-la de sobra, mas aquela que se traduz em atos dignos e meritórios. Informa-nos escritor competente que no pátio da nova casa do parlamento alemão existe, entre outros, o retrato do célebre deputado liberal, Carlos Mathy, debaixo do qual se lêem as seguintes palavras suas: *A liberdade é o preço da vitória, que adquirimos sobre nós mesmos.* — É esta, senhores, que deve provocar os nossos anelos, é desta que carecemos: o preço da vitória adquirida, não tanto sobre um governo maléfico e exercrável, como antes sobre nós mesmos, sobre os nossos desvarios, e a nossa facilidade em deixarmos-nos intimidar, ou seduzir, pela tentação dos seus demônios.

Entretanto, eu tenho, neste sentido, sombrias apreensões. Talvez já seja tarde para consegui-lo. Notai bem: tarde, e não cedo. Não pertenço a escola dos teó-

ricos pacientes, que julgam o povo ainda não maduro para liberdade. Como se fosse possível aprender a nadar sem meter-se dentro d'água, ou aprender a equitação sem montar a cavalo! — Distates iguais aos dos que querem que o povo passe por um tirocínio da liberdade, sem allás exercê-la.

O que me causa apreensões, é o contrário disto. Receio que conosco suceda o que se deu com a mais robusta encarnação do bizantinismo moderno: o império de Napoleão III.

Este infeliz regímen teve duas fases: uma de marcha em linha reta, na senda do despotismo, sem transigir, nem tergiversar, — foi a época da ascensão ao seu apogeu; outra de decadência e enfraquecimento, — foi a época das concessões e tentativas liberais, que durou até a queda final do império e o desastre da nação.

De 1825 á novembro de 1860, que é a data do primeiro decreto, onde o despotismo dignou-se de encurtar o diâmetro, e daí, de concessão em concessão, isto é, da fraqueza em fraqueza até 1870, quero dizer até Sedan!... Semelhante fato, senhores, confirma a seguinte verdade: — que qualquer governo corre o risco de cair, quando mente aos seus princípios e torna-se incoerente, — assim como que uma nação, por força do absolutismo, pode chegar ao estado de incapacidade para um regímen livre. Desconfio que o nosso *Libertas quæ sera tamen*... será de todo inútil. O Brasil já faz a impressão de um menino de cabelos brancos. Estamos estragados. Quando aprouver ao Imperador conceder-nos um pouco mais de ar, não será fora de tempo, não estará tudo perdido, até mesmo a honra? Tenho medo!... Não há razão para estranhardes o paralelo. Se existe alguma diferença, é só desvantagens para o nosso lado. Poucos anos antes da queda do segundo império, dizia dele um pensador político da Alemanha, que sem embargo da Constituição, sem embargo de um Senado e corpo legislativo, o que tudo não passava de maquinismo *burocrático*, o governo napoleônico não era mais do que um puro absolutismo, *temperado pelo temor das bombas de Orsini*.

Muito bem. O escritor disse a verdade, não porém toda a verdade. Não era somente o temor das bombas de Orsini que temperava o governo de Napoleão, o qual se pudera chamar o *socialismo no trono*. Era também o amor das classes necessitadas, a contínua atuação prestada aos interesses do quarto estado, ponto este que sempre constituiu o pensamento diretor do novo bonapartismo.

Sim, o governo absoluto de Napoleão era temperado pelas *sociétés de secours mutuels*, pelas *cités ouvrières*, pela *société industrielle* de Mulhouse, era ainda temperado pelos *fourneaux* do príncipe imperial que forneciam comida aos trabalhadores por baratíssimo preço; pelos banhos gratuitos da capital; pelo *Grand Café Parisien*, levantado á porta de S. Martin, confinando com os quarteirões dos operários, no qual o homem pobre, por pouco soldos, á luz de candelabros e num divã de veludo, podia tomar o seu *petit verre*... Entretanto, nós outros o que é que temos? Também um puro absolutismo, apenas, porém, temperado... pela *batalha do Avará*, pela *Fosca*, pela bancarrota do Estado, pela corrupção dos ministros, pela *miséria* do povo e as *viagens* do rei. Ou será que vós, ao menos vós, cidadãos da Escada, tendes motivos de vos julgardes felizes? Vós que difficilmente adquirires o pão quotidiano, com o suor do vosso rosto, vós a quem é applicável, bem como á maioria do país o que uma vez disse Gladstone da sua Inglaterra: — Em nove casos de dez, a vida não é mais do que um combate pela existência?! E que combate! Um combate com a natureza, que não raro se vos mostra cruel; um combate com a sociedade, que se vos opões não menos madrastra; um combate com o capital, que vos olha desconfiado, e não se digna de animar-vos; um combate com o Estado, que multiplica os impostos, aumenta as dificuldades, toma as vistas do futuro; e desta quádrupla luta é que tem de sair os meios de viver e educar os vossos filhos!... Eu não sou socialista: não encaro o número dos que cuidam poder, com um traço de pena, extinguir os males humanos, quase irremediáveis. Mas também não faço coro com a escola Manchester; não penso

que a pobreza é sempre o castigo da preguiça econômica, e que, como tal, qualquer medida de socorro ou alívio para ela, importa premiar os inertes e preguiçosos. Alto e bom-som se diz que a Escada é riquíssima, que é um dos mais ricos municípios da Província. Quero crer que seja assim. Porém não é estranhável que sendo o município tão abastado, ofereçam a'íás os habitantes da cidade, por este lado, aspecto pouco lisonjeiro? Para as vinte mil cabeças da população do termo, esta cidade contribui com três mil, pouco mais de ou menos. Sobre estas três mil almas, ou melhor, sobre estes três mil ventres, é probabilíssimo o seguinte cálculo:

90 por cento de necessitados, quase indigentes.

8 por cento dos que vivem sofrivelmente.

1 $\frac{1}{2}$ por cento dos que vivem bem.

1/2 por cento de ricos em relação,

100

Semelhante quadro, que pode pecar por excesso de cor-de-rosa, não é todavia apto para dar o nosso estado econômico outra idéia, senão a de um pauperismo medonho, quando muito, moderado pela esperança de uma sorte de loteria. Nesta conjuntura, o que faz o Estado, o que faz a Província, o que faz a Comuna, em favor da população, para diminuir-lhe os obstáculos e facilita-lhe o trabalho? Nada mais nem menos, do que sobre o costado de besta, já caída de fadiga, arrumar mais alguns quilos, a fim de ajudá-la a erguer-se. O Estado e a Província sugam anualmente deste Município sem falar de outros canais, e só do que corre pelas duas coletorias de 25 a 30 contos de réis. Eis o que vai no refluxo. Vejamos agora o que vem no fluxo: 10 por cento dessa quantia, que se gasta com a magra instrução pública; 15 por cento, com a justiça e seus apêndices; 20 por cento, com a polícia; 1 a 2 por cento, com o artigo — religião; e o resto, a saber, mais de metade, vai perder-se em outras plagas, sendo ainda para notar que as despesas com a polícia local são as únicas que trazem um resultado prático e sensível, pois que o cidadão, em muitas ocasiões, recebe no lombo a benéfica pancada do em réfe. Por sua vez a Municipalidade exercita, com o mesmo zelo, as funções exaurientes, e não se sabe, em última análise, quem que se emprega a sua receita. Por toda parte, pois, e sob todos os pontos de vista os mesmos sintomas mórbidos, as mesmas ânsias, a mesma angústia. As consciências como que perderam o centro de gravidade moral, e balançam-se inquietas em busca de um apoio. A instrução é quase nula, à medida que também é nulo o gasto de instruir-se; e temos em casa o exemplo. Acabais de ouvir que o dispêndio feito com as escolas desta cidade é muito inferior ao que se faz com a polícia: sinal evidente de atraso intelectual. Não se limita a isso. Segundo a opinião de competentes, a proporção regular entre o número de habitantes de um lugar e o das pessoas que devem freqüentar a escola, é de 12 a 15 por cento, se esse lugar quer ter o título de adiantado. Ora, dos três mil espíritos, que dissemos haver aqui dentro, 4 por cento e alguns quebrados é que se encontra realmente de freqüência em cinco casas de instrução que existem, sendo somente 7 por cento o número dos matriculados!... Vê-se, pois, que ainda entre nós há uma certa má suspeita contra a arte *diabólica* de ler e escrever, para servir-se da expressão do italiano Aristides Gabelli.

Juntai esse aos demais fenômenos da nossa decadência.

O *Clube Popular Escadense*, meus senhores, não nutre a pretensão, que seria ridícula, de vir levantar um dique de resistência contra a corrente de tantos males, cujo ligeiro esboço acabo de fazer; mas tem o intuito de incutir no povo desta localidade um mais vivo sentimento do seu valor, de despertar-lhe a indignação contra os opressores e o entusiasmo pelos oprimidos. E há momento, já disse com razão alguém, há momentos, em que o entusiasmo também tem o direito de resolver questões...

Tenho concluído.

INSTITUTO HISTORICO E
GEOGRAFICO DE SERGIPE

Rua Itabianinha. 41

ARACAJU - SERGIPE



ÍNDICE

– Apresentação	7
– Tobias Barreto: formação humanística em Sergipe PAULO MERCADANTE	9
– Aspectos da vida literária de Tobias Barreto ANTONIO GARCIA FILHO	19
– Tobias Barreto e a renovação do pensamento brasileiro MARIA THÉTIS NUNES	31
– “Voltar a Tobias é progredir”	41
JUNOT SILVEIRA	
– TOBIAS BARRETO: Notas para um reexame de sua maneira e de seu papel como intelectual.	51
NELSON SALDANHA.	
– Tobias Barreto como teórico da organização da sociedade	59
LUIZ ANTONIO BARRETO	
– Tobias Barreto, ideólogo da burguesia?	67
ARIOSVALDO FIGUEIREDO	
– Ernesto Haeckel e a fama de Tobias Barreto (1879-1882)	73
JACKSON DA SILVA LIMA	
– Tobias Barreto – Monismo e Dualismo	79
JOSÉ SILVÉRIO LEITE FONTES	
– O Germanismo pateticamente brasileiro de Tobias	89
VAMIREH CHACON	
– Tobias e o Romantismo Penal	93
VIRGÍLIO CAMPOS	
– O projeto cultural reformador da Escola do Recife	99
ANTONIO PAIM	
– Fausto Cardoso, um tobiático na política	111
TEREZINHA OLIVA	
– Tobias Barreto – notas	117
FRANCISCO ROLLEMBERG	